

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Letras
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos

João Henrique Santos de Souza
Aajoo

**PYHCOP CATI JI JARCWAA:
alinhamentos morfossintáticos e marcação diferencial**

Belo Horizonte
2023

João Henrique Santos de Souza

Aajoo

**PYHCOP CATI JI JARCWAA:
alinhamentos morfossintáticos e marcação diferencial**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva

Linha de pesquisa: Estudos Formais de Língua

Orientador: Dr. Fábio Bonfim Duarte

Belo Horizonte

2023

Como citar este trabalho:

SANTOS, João Henrique. *Pyhcop Cati Ji Jarcwaa*: alinhamentos morfossintáticos e marcação diferencial. 2023. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023.

S729p Souza, João Henrique Santos de.
Pyhcop Cati Ji Jarcwaa [recurso eletrônico]: alinhamentos morfossintáticos e
marcação diferencial / João Henrique Santos de Souza. – 2023.
1 recurso online (209 f.: il., color.): pdf.

Orientador: Fábio Bonfim Duarte.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de pesquisa: Estudos Formais de Língua.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 205-209.

1. Línguas indígenas – Gramática – Teses. 2. Línguas timbiras – Morfologia – Teses. 3. Línguas timbiras – Sintaxe – Teses. 4. Língua Jê – Gramática – Teses. 5. Línguas indígenas – Terra indígena Governador (Amarante do Maranhão, MA) – Teses. I. Duarte, Fábio Bonfim. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD :498.3



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

FOLHA DE APROVAÇÃO

Pyhcop Cati Ji Jarcwaa: alinhamentos morfossintáticos e marcação diferencial

JOÃO HENRIQUE SANTOS DE SOUZA

Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutor em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Estudos Formais de Língua.

Aprovada em 28 de março de 2023, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Fábio Bonfim Duarte - Orientador

UFMG

Prof(a). Ana Suelly Arruda Camara Cabral

UnB

Prof(a). Carlo Sandro Campos

UFMG

Prof(a). Maxwell Gomes Miranda

UFMT

Prof(a). Jaqueline dos Santos Peixoto

UFRJ

Belo Horizonte, 28 de março de 2023.



Documento assinado eletronicamente por **Carlo Sandro de Oliveira Campos, Professor do Magistério Superior**, em 29/03/2023, às 06:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Fabio Bonfim Duarte, Professor do Magistério Superior**, em 30/03/2023, às 01:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, Usuária Externa**, em 30/03/2023, às 10:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maxwell Gomes Miranda, Usuário Externo**, em 30/03/2023, às 16:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Jaqueline dos Santos Peixoto, Usuária Externa**, em 30/03/2023, às 20:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador 2125976 e o código CRC 7FD90476.

*Dedicado aos Gavião do Maranhão e aos
Timbira, aos povos e nações de Pindorama e de
Abya Yala, aos povos e nações indígenas do
planeta, que habitam mundos diversos. A meus
ancestrais. Aguyjewete!*

AGRADECIMENTOS

Escrevo este texto uma semana após a defesa da tese, período no qual pude realmente desfrutar da sensação de ter realizado um trabalho que teve sua evolução ao longo de quase sete anos. Essa evolução não foi alcançada sozinho, senão com a ajuda de uma infinidade de pessoas, as quais pretendo agradecer, direta ou indiretamente, a seguir. Cada uma é responsável por hoje eu possuir o título de doutor.

Dito isso, gostaria de iniciar agradecendo a meu orientador nesses quase sete anos, Fábio Bonfim Duarte, que é o responsável por formar o linguista que sou hoje. Foi ele quem primeiro me apresentou ao povo Gavião do Maranhão e à língua Pykobjê, bem como ao trabalho com povos indígenas por meio da língua. Também aprendi com Fábio sobre a Linguística enquanto ciência e sobre como o trabalho com a linguagem nos torna humanos melhores.

Agradeço à banca examinadora da tese pela leitura atenta e pelas correções do texto em diversos estágios (ainda assim, a responsabilidade pelos erros remanescentes é toda minha!). Ao professor Sandro pela parceria que se iniciou em minha defesa de dissertação e continuou em outros eventos universitários. Ao professor Maxwell, que organizou o primeiro Encontro Macro-Jê do qual participei, leu meu projeto definitivo de tese e participou da banca de qualificação. À professora Jaqueline, que ofereceu cursos no LaliAfro/UFMG, leu meu projeto definitivo de dissertação e participou da banca de qualificação. À professora Ana Suelly, que é uma referência e inspiração no trabalho com línguas e povos indígenas. Quesler e Maria Luisa, que aceitaram ser suplentes. Espero que nossas parcerias continuem no futuro, pois minha admiração por vocês continuará.

Agradeço à coordenação do PosLin/UFMG por todo o aprendizado e suporte. Estendo os agradecimentos aos membros do colegiado e a minhas companheiras de representação discente nos dois mandatos. Agradeço às agências de fomento, especialmente ao CNPq, pela bolsa de estudos e pela taxa de bancada, que me permitiu viajar para eventos acadêmicos e realizar trabalho de campo. À CAPES, pelo apoio à pós-graduação brasileira. À Fapemig, pelos recursos que possibilitaram meu primeiro trabalho de campo, em 2019. Fazer doutorado durante a gestão presidencial anterior teve diversos momentos de incerteza, mas foi possível vislumbrar um horizonte graças à luta de quem faz o ensino e a ciência brasileira.

Agradeço ao LaliAfro *cati ji*, minha casa na FALE/UFMG desde 2016, com quem aprendi que as relações interpessoais no ambiente acadêmico não devem ser de competição, senão de apoio. Nós sabemos o que nós vivenciamos, então espero estar lá por vocês como vocês estiveram por mim.

De maneira informal, gostaria de agradecer a família e amigos pelo apoio incondicional ao longo dos anos. Com amigos vivi alguns dos momentos mais divertidos do doutorado. Não vou citar nomes, vocês sabem quem são. Agradeço especialmente por não me deixarem desistir nos muitos momentos em que pensei em fazê-lo. À família, agradeço por sempre ter para onde voltar, não importa para onde a vida me levasse. Agradeço às músicas que me fizeram companhia durante a análise dos dados e escrita da tese, e às séries e filmes que me tranquilizaram nos momentos de descanso e procrastinação.

Finalmente, agradeço aos **Pyhcop Cati Ji**, com quem aprendi mais do que uma língua. Aprendi que sempre existem outras possibilidades de vida para além da que conhecemos e que é possível viver novamente como parte da natureza, mesmo que um sistema socioeconômico cruel nos diga o contrário. Agradeço

ainda por me mostrarem o caminho de minha própria ancestralidade, que estava adormecida em mim.

Agradeço a Tircwyj por ter me dado um nome, uma família e um lugar no mundo *me'hêe*: meu primeiro vínculo com os Gavião segue sendo meu vínculo com a luta indígena brasileira. Tyj wej, por me contar tantas histórias e me ensinar a cantar. Ëjtôte Cÿycÿ, por reconhecer um parente em mim. Ëjciji cati ji, pela companhia e momentos de ócio e lazer. Ëjxōo, crÿ'tōm Caw, crÿ'tōm Mutu, Ëjxii'cÿ, tyjre e demais Ëjcwÿ cati ji. Mÿypaw, por ser minha pa'he. Jÿtcÿ, Haprex e Pōo'hÿ'craj, por contribuírem com os dados da pesquisa. Pa'jêe, por ter me ajudado desde o início, antes de todo mundo. Quēnpo, pela amizade mais inesperada de todas. Pÿn'he, por me reconhecer como um especialista de sua própria língua. Pa'he Nox, por ter disponibilizado a escola e a aldeia Rubiácea para minha apresentação. Caapacwyj e Aaruj, pela amizade que surgiu em Brasília e chegou ao Cocal. Pemxwyj Ë'huc, pelos momentos alegres nas aldeias e em Imperatriz. Todo mundo da aldeia Monte Alegre, que sempre me recebe com muita alegria quando visito. Pessoal das aldeias que já visitei e das que ainda visitarei. Alguns nomes que não podem ficar de fora: Jawel, Rōotehu, Naatÿr, Pêp, Jar'cot, Pryy'puc, Tee'pji, Jaaco, Weewee, Pynhyc, Cru'coxy, Rōorehu. Este trabalho pertence a cada um de vocês, aos que já se foram e aos que ainda virão. Aos que não foram citados nominalmente: vocês estão sempre comigo. Wa jacryy cate xÿm wa me aacape'nÿ!

*Qui ha me'wej ammrě,
qui ha mentow hapux,
max wỳyr qui tỳmne pji ammrě.
(Ecclesiastes 1:4)*

RESUMO

Os objetivos desta tese são descrever aspectos da gramática do Pykobjê e investigar seu sistema de Caso, no intuito de analisar seu elaborado sistema de marcação diferencial do sujeito. O Pykobjê é uma língua integrante do complexo dialetal Timbira, o qual está inserido na família linguística Jê, e esta, por sua vez, pertence ao tronco Macro-Jê. É uma língua falada pelo povo Gavião do Maranhão, habitante da Terra Indígena Governador, no município de Amarante do Maranhão, estado do Maranhão, Brasil. A hipótese central da pesquisa é a de a língua Pykobjê opera com quatro alinhamentos morfossintáticos, nomeados como nominativo-acusativo, ergativo-absolutivo, nominativo-absolutivo e dativo-acusativo. O aporte teórico adotado foi a proposta de Woolford (2006) sobre sistemas de Caso, a proposta de Dixon (1994) sobre ergatividade e alinhamentos morfossintáticos, e a proposta de Butt (2006a) e de Butt & King (1991, 2003, 2005) sobre a teoria de marcação diferencial. A teoria escolhida é relevante porque parte da discussão geral sobre Caso e ergatividade até sua organização por meio de sistemas de alinhamento morfossintático. A teoria de Butt & King contribui para nossa análise do sistema de marcação diferencial do sujeito em Pykobjê. Os resultados alcançados mostram que o sistema de Caso do Pykobjê opera por meio de um sistema quadripartite, pois os argumentos nucleares podem receber os seguintes casos: nominativo, acusativo, ergativo e dativo. Os casos nominativo e acusativo são casos estruturais, enquanto os casos ergativo e dativo são inerentes, pois estão ligados ao papel semântico do argumento.

Palavras-chave: Caso. Ergatividade. Alinhamentos morfossintáticos. Marcação diferencial. Pykobjê.

ABSTRACT

This dissertation aims to describe aspects of the grammar of the Pykobjê language, investigating its Case system in order to analyze its elaborate system of differential subject marking. Pykobjê is a language part of the Timbira dialectal complex, which forms the Jê family of languages, itself part of the Macro-Jê stock. It is a language spoken by the Gavião do Maranhão people, who inhabits the Governador Reservation, in Amarante do Maranhão, Brazil. The central hypothesis of this research is that it operates with four morphosyntactic alignments, namely nominative-accusative, ergative-absolutive, nominative-absolutive, and dative-accusative. The theoretical framework adopted includes the proposal by Woolford (2006) about Case systems, the proposal by Dixon (1994) about ergativity and morphosyntactic alignments, and the proposals by Butt (2006a) and Butt & King (1991, 2003, 2005) about Differential Case Marking. The theory chosen contributes to our analysis of the differential subject marking in Pykobjê. The results achieved show that the Case system in Pykobjê operates through a quadripartite system, since its nuclear arguments can receive up to four cases, namely: nominative, accusative, ergative, and dative. Nominative and accusative are considered structural cases, while ergative and dative are considered inherent, since they are linked to the semantic role of the argument.

Keywords: Case. Ergativity. Morphosyntactic alignments. Differential marking. Pykobjê.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 2.1: divisão clássica dos povos do grupo Timbira	28
Quadro 2.2: tronco linguístico Macro-Jê	46
Quadro 4.1: sons consonantais em Pykobjê	88
Quadro 4.2: sons vocálicos em Pykobjê	89
Quadro 4.3: consoantes distintivas em Pykobjê	90
Quadro 4.4: vogais distintivas em Pykobjê	92
Quadro 4.5: pronomes pessoais em Pykobjê	100
Quadro 4.6: distribuição dos prefixos relacionais em Krahô	106
Quadro 4.7: alguns verbos da classe ‘ku-’ em Parkatejê	111
Quadro 4.8: formas não-finitas e finitas de alguns verbos	121
Quadro 5.1: aspectos e modos expressos via operadores em Timbira	179
Figura 2.1: mapa com localização dos povos Timbira	34
Figura 2.2: mapa político do país Timbira atualmente	36
Figura 2.3: imagem de satélite mostrando a Terra Indígena Governador	39
Figura 2.4: mapa com as famílias do tronco Macro-Jê	44
Figura 2.5: cladograma do tronco Macro-Jê <i>lato sensu</i>	49
Figura 2.6: cladograma da família Jê	51
Figura 2.7: cladograma do sub-ramo Jê de Goyaz	54
Figura 5.1: esquema de alinhamentos morfossintáticos	166
Figura 5.2: sistemas de alinhamentos de Caso em Pykobjê	194
Figura 5.3: detalhe do alinhamento dativo	195
Figura 5.4: detalhe do alinhamento nominativo-absolutivo	195
Figura 5.5: detalha dos alinhamentos acusativo e ergativo	196

LISTA DE ABREVIATURAS

ABS	absolutivo	NLZ	nominalizador
AOR	aurista	NOM	nominativo
ASP	aspecto	NP	sintagma nominal
ATV	ativo	PAS/LEX	passado lexicalizado
AUM	amentativo	PAST	passado
AUX	auxiliar	PERF	perfectivo
CAUS	causativo	PL	plural
COL	coletivizador	POSP	posposição
CONJ	conjunção	POSS	possessivo
COP	cópula	PP	sintagma
COREF	correferencial		posposicional
CP	complementizador	PR	prefixo relacional
DAT	dativo	PRES	presente
DEM	demonstrativo	PVB	?
DIM	diminutivo	QUANT	quantificador
DIR	direcional	R ¹	relac. de contiguidade
DP	sintag. determinante	R ²	relac. de não-contig.
DUR	durativo	REM	passado remoto
ERG	ergativo	SG	singular
EX	expletivo	STV	estativo
F	feminino	TOP	topicalizador
FOC	focalizador	TP	sintagma temporal
FUT	futuro	VP	sintagma verbal
GEN	genitivo		
HAB	habitual		
HUM	humano		
IMPERF	imperfeito		
INF	infinitivo		
INSTR	instrumental		
INT	interrogativo		
IRR	<i>irrealis</i>		
LOC	locativo		
M	masculino		
MOV	movimento		
NF	não-finito		
NEG	negação		
NEG/FUT	negativo/futuro		

NOTAS SOBRE ORTOGRAFIA

A ortografia utilizada atualmente pelos Gavião foi elaborada por missionários para as variedades Timbira faladas pelos Krikati e pelos Gavião (Amado, 2004a, p. 67). Nessa ortografia, os sons distintivos são representados pelos seguintes grafemas:

Grafemas utilizados na ortografia do Pykobjê

Consoantes	Vogais
p – t – m – n h – r x – c/qu – g – ’ j – w	a – e – i – o – u – y – ÿ ẽ – ã – õ – ù – ÿ

Fonte: elaborado pelo autor, com base no dicionário de Pries (2008).

Seguem notas sobre alguns grafemas:

p – t – m – n: são sempre pronunciados como se escrevem, mesmo ao final de sílabas/palavras. Exemplos: *tep* ‘peixe’, *pat* ‘cascavel’, *am-cro* ‘sol’, *mam* ‘antigamente’, *tun* ‘tatu’.

h: pronunciado como no inglês *heaven* ‘céu’. Exemplo: *ha-pac* ‘orelha’ e *ca-hun* ‘cozinhar’, *har-hu* ‘barba’.

r: sempre pronunciado como em ‘arara’, mesmo em início e final de sílabas/palavras. Exemplos: *rop* ‘onça’, *ruu-rut* (um ritual de iniciação à vida adulta), *ca-tor* ‘sair, chegar’.

x: no início de sílaba/palavra, é pronunciado como [tʃ]. Exemplo: *xun* ‘urubu’. No final de sílaba/palavra, é pronunciado como [s]. Exemplo: *ha-prex* (um nome próprio na língua).

c/qu: representam as consoantes [k] e [k^h], ou seja, não existe distinção ortográfica entre essas consoantes. O **c** é usado antes de **a**, **e**, **o**, **u** e **y**, e ao final de sílaba/palavra; **qu** é usado antes de **e** e **i**, seguindo o modelo usado em português. Exemplos: *caa-pir* ‘bacaba’, *wa-cyy* ‘faca’, *ca-pric* ‘vermelho’, *quẽn* ‘pedra’, *quit-re* ‘periquito’.

g: ocorre sempre em posição de ataque silábico, representando a consoante [ʒ] (Sá, 1999, p. 60). Exemplo: *ca-gỹ* ‘cobra’; em distribuição complementar com *ca-hỹ* ‘cobra’, como falada pelos Krikati.

j – w: esses *glides* podem ocorrer tanto em ataques silábicos, simples ou como segundo elemento de ataques complexos, como em codas silábicas. Exemplos: *jõm* ‘alguém’, *pji* ‘chão/terra’, *cuj-cwaa* ‘céu’, *wee-wee* ‘borboleta’, *crow* ‘buriti’.

A consoante ’ é usada para representar o som glotal [ʔ], que em Pykobjê ocorre apenas na posição de coda silábica, como em *a’-craj-re* ‘criança’ e *ju’-jut* ‘tucano’. A seguir, algumas notas sobre o uso de grafemas vocálicos:

a – e – i – o – u: pronunciados como em português.

y: usado para representar a vogal [i]. Exemplo: *coo-cryt* ‘anta’, *pyt-ry* ‘lua’.

ỹ: usado para representar a vogal [ə]. Exemplos: *hỹc* ‘gavião’, *jỹt* ‘batata’, *pỹn* ‘arara’. É contrastivo com o grafema anterior.

ẽ – õ: pronunciados como em português.

ỹ: pronunciado como o **a** de *anta* e *joão*. Exemplo: *prỹm xu* ‘mamão’.

ĩ: encontrado em poucos exemplos, tais como *ca-prĩ-re* ‘estar triste’.

Dois explicações se fazem ainda necessárias sobre a grafia do Pykobjê. A primeira delas é que as vogais longas são sempre grafadas na escrita da língua, como em *ca-pruu* ‘sangue’. Se uma vogal nasal é seguida da mesma vogal sem o til, isso significa que aquela é uma vogal nasal longa, como em *wa-cõo* ‘quati’ e *mỹy* ‘ema’.

A segunda explicação é que a língua possui um fenômeno conhecido como ‘*breathy voice*’ em algumas vogais, quando são pronunciadas com uma leve aspiração, e esse efeito é grafado na escrita elaborada pelos missionários. Conforme Sá (1999, p. 39), este efeito não tem caráter distintivo na língua, e pode aparecer em qualquer posição da palavra, além de variar entre os falantes.

Alguns exemplos de palavras com esse efeito são *ca-hohw* ‘pilão’, *cooh-hi* ‘arco’ e *crohw* ‘flecha’. Entretanto, uma vez que esse efeito não é contrastivo, decidimos escrever os exemplos do Pykobjê sem grafá-lo, para simplificar sua leitura. Assim, passamos a escrever os exemplos acima como *ca-how*, *coo-hi* e *crow*.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO	17
1.1 Apresentação da pesquisa	17
1.2 Considerações metodológicas	20
1.3 Organização da tese	23
CAPÍTULO 2: POVO & LÍNGUA	25
2.1 Pyhcop Cati Ji	26
2.1.1 Os Timbira	27
2.1.2 Os Gavião do Maranhão	37
2.2 Pyhcop Cati Ji Jarcwaa	41
2.2.1 O tronco Macro-Jê	42
2.2.2 A família Jê	49
2.2.3 O complexo Timbira	52
2.2.4 A língua Pykobjê	55
2.3 Resumo do capítulo	56
CAPÍTULO 3: APORTE TEÓRICO	57
3.1 Caso	58
3.2 Ergatividade	63
3.3 Marcação diferencial do sujeito	72
3.4 Outros aspectos teóricos relevantes	74
3.4.1 Cisão intransitiva	75
3.4.2 Sujeitos dativos	80
3.4.3 Construções causativas	83
3.5 Resumo do capítulo	86
CAPÍTULO 4: ESBOÇO GRAMATICAL	87
4.1 Fonologia	88
4.1.1 Segmentos fonético-articulatórios	88
4.1.2 Unidades distintivas	90
4.2 Pronomes pessoais e prefixos relacionais	94
4.2.1 Pronomes pessoais	95
4.2.2 Prefixos relacionais	104
4.3 Morfologia do nome	112
4.4 Morfologia do verbo	117
4.5 O verbo e seus argumentos	122
4.5.1 Morfossintaxe dos predicados intransitivos	122

4.5.1.1	Verbos intransitivos inacusativos	124
4.5.1.2	Verbos intransitivos inergativos	126
4.5.1.3	Verbos intransitivos <i>psicológicos</i>	128
4.5.2	Morfossintaxe dos predicados transitivos	129
4.5.3	Topicalização de constituintes	132
4.5.4	Posição de sintagmas posposicionais	134
4.6	O argumento dativo	136
4.6.1	Argumento oblíquo dativo	136
4.6.2	O dativo no modo imperativo	139
4.6.3	Sujeitos de posse	141
4.6.4	Sujeitos dativos	143
4.7	Marcadores de tempo, aspecto e modo	146
4.8	A posição da negação	150
4.9	Construções causativas	152
4.8.1	Causativas lexicais	154
4.8.2	Causativas analíticas	155
4.10	Coordenação e <i>switch-reference</i>	156
4.11	Resumo do capítulo	162
CAPÍTULO 5: SISTEMAS DE ALINHAMENTO & DSM		163
5.1	Alinhamentos morfossintáticos	164
5.1.1	Alinhamento nominativo-acusativo	165
5.1.2	Alinhamento ergativo-absolutivo	172
5.1.3	Alinhamento nominativo-absolutivo	177
5.2	Sujeitos dativos: proposta de alinhamento	182
5.3	Marcação diferencial do sujeito	187
5.3.1	DSM em sujeitos transitivos	188
5.3.2	DSM em sujeitos intransitivos	191
5.3.3	Proposta teórica	193
5.4	Ergatividade sintática	197
5.5	Resumo do capítulo	202
CAPÍTULO 6: CONSIDERAÇÕES FINAIS		203
REFERÊNCIAS		205

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

1.1 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

Esta pesquisa tem como objetivos (i) descrever alguns aspectos da gramática da língua Pykobjê e (ii) investigar seu sistema de Caso, no intuito de analisar seu elaborado sistema de marcação diferencial do sujeito (DSM). O Pykobjê é uma língua do complexo dialetal Timbira, o qual faz parte da família Jê, tronco linguístico Macro-Jê (Rodrigues, 1999). É a variedade Timbira falada pelo povo Gavião do Maranhão (ora chamados de Gavião-Pykobjê), o qual habita a Terra Indígena Governador, no município de Amarante do Maranhão, Brasil.

A tese central que pretendemos desenvolver é a de que a língua opera com pelo menos três alinhamentos morfossintáticos, quais sejam: nominativo-acusativo, ergativo-absolutivo, e nominativo-absolutivo. Um quarto alinhamento, chamado aqui de dativo-acusativo, ocorre com verbos de estado físico e psicológico, tais como ‘sentir fome’ e ‘ter medo’. Cada um desses alinhamentos ocorre em contextos gramaticais específicos, a partir da atribuição de Caso aos argumentos verbais.

Complementando a hipótese sobre o sistema de alinhamentos em Pykobjê, propomos ainda que a sintaxe da língua atribui os casos nominativo e

acusativo a seus argumentos nucleares, e o caso oblíquo a sintagmas posposicionais. Dos argumentos posposicionais, dois podem ocupar a posição de sujeito da oração, a saber: o ergativo e o dativo. Conforme nossa proposta, esses argumentos recebem casos inerentes, uma vez que estão ligados ao papel temático que lhes é atribuído na estrutura argumental.

O aporte teórico escolhido para a pesquisa inclui principalmente noções provenientes da teoria da tipologia linguística, tais como os conceitos de ergatividade e alinhamentos morfossintáticos, conforme o trabalho de Dixon (1994). Para orientar nossa investigação sobre Caso, foi escolhido o trabalho de Woolford (2006), trazendo noções acerca deste fenômeno e modelos de análise. Finalmente, utilizamos a teoria proposta por Butt (2006a) e Butt & King (1991, 2003, 2005), sobre Marcação Diferencial de Caso (doravante DCM), a qual inclui uma discussão sobre marcação diferencial do sujeito (doravante DSM) muito relevante para nossa investigação sobre esse fenômeno em Pykobjê.

A descrição gramatical da língua Pykobjê vem sendo realizada nas últimas décadas por diversas pesquisadoras (Sá, 1999; Amado, 2004b; Silva, 2011;2017; dentre outros). Entretanto, até a atualidade, nenhum trabalho tratou de investigar o funcionamento do sistema de Caso da língua de maneira aprofundada, como pretendemos desenvolver nesta tese.

Tendo em conta este fato, esta pesquisa se justifica por pretender cobrir esta lacuna por meio do estudo detalhado do sistema de marcação de Caso dos argumentos nucleares em sentenças transitivas e intransitivas, bem como por meio da análise de seu elaborado sistema de DSM.

Por fim, este trabalho é muito importante e sua realização se justifica em duas frentes principais. A primeira delas é sua importância para o povo Gavião do Maranhão, uma vez que se trata de um registro da língua para as futuras gerações. Além disso, o trabalho serve tanto como uma memória e como um fortalecimento da própria língua. Importante lembrar que a semente desta tese surgiu quando o próprio povo Gavião solicitou a presença de um linguista para estudar sua língua. Por se tratar de uma língua minoritária, sua preservação se torna urgente, e este trabalho contribui com esta importante tarefa.

Por outro lado, para a Linguística, o trabalho é relevante por se tratar de uma língua minoritária que apresenta diversos fenômenos gramaticais importantes para uma melhor compreensão acerca da linguagem humana. Ótimos exemplos são o próprio fenômeno da ergatividade, tanto morfológica quanto sintática, e o sistema de marcação diferencial. Além disso, a preservação de uma língua é a preservação de uma parte importante da própria humanidade, de sua história e diversidade.

1.2 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Esta pesquisa possui uma base bibliográfica, a qual pode ser dividida em dois grupos de referências. O primeiro grupo consiste em dissertações e teses sobre línguas da família Jê e do complexo Timbira, essencial para um melhor entendimento sobre aspectos gramaticais dessas línguas. O segundo grupo de referências consiste em artigos e capítulos que discutem a teoria de Caso sob a perspectiva da linguística tipológica, com foco em análise de sistemas de Caso de línguas de diferentes afiliações genéticas ao redor do mundo.

A partir do levantamento bibliográfico, houve a preparação para a primeira viagem de trabalho de campo, realizada em agosto de 2019. O objetivo desta viagem foi apresentar a pesquisa e o pesquisador ao povo Gavião do Maranhão, pedir sua autorização para a pesquisa, e coletar alguns dados linguísticos que seriam posteriormente usados na escrita do projeto definitivo de tese.

Infelizmente, com o início da pandemia do novo coronavírus (Sars-Cov-2), causador da Covid-19, a partir de março de 2020, o mundo inteiro foi afetado, sobretudo os diversos povos indígenas brasileiros. A entrada de visitantes não-indígenas aos territórios indígenas foi interrompida, o que prejudicou o andamento da pesquisa durante a primeira fase da pandemia (entre o início da

pandemia e o primeiro semestre de 2021). Durante esse momento, a pesquisa ocorreu apenas por meio virtual.

A partir da entrada de um calendário de vacinação, e com a vacinação preferencial de povos indígenas, surgiu a esperança de que novos trabalhos de campo logo pudessem ser realizados. Assim, foi feito um acordo entre pesquisador e povo Gavião de que, no momento que ambos estivessem vacinados, a entrada do pesquisador no território indígena seria autorizada.

Assim, a partir da vacinação completa do pesquisador em novembro de 2021, houve o planejamento da segunda viagem de campo, a partir de dezembro de 2021. Essa viagem foi realizada entre o final de dezembro de 2021 até o início de fevereiro de 2022, e os objetivos foram explicar sobre as atividades realizadas com a língua durante a pandemia e coletar novos dados linguísticos.

Para a coleta de novos dados linguísticos, os métodos foram os seguintes: aplicação de um formulário cujo foco era investigar a estrutura do sintagma e das orações; gravação em áudio e vídeo de uso natural da língua; e elicitación de dados previamente coletados, como forma de confirmar sua a/gramaticalidade por diferentes falantes.

O formulário foi elaborado anteriormente ao trabalho de campo, e incluía sintagmas nominais e orações, simples e complexas, que deveriam ser traduzidas do português para a língua alvo, o Pykobjê. Informantes foram selecionados pela própria comunidade, por serem pessoas que trabalham como professores nas escolas das aldeias.

Assim, suas características são as seguintes: adultos, licenciados em educação intercultural, proficientes em Pykobjê e em português, alfabetizados nessas duas línguas. Os principais informantes são um homem e duas mulheres, mas outras pessoas (com a mesma formação acadêmica e profissão) contribuíram eventualmente para a pesquisa.

O mesmo aconteceu com os dados elicitados, os quais incluíam tanto dados em português quanto na língua indígena previamente anotados. As sessões foram gravadas em áudio para que pudessem ser revisitadas sempre que necessário. Já com relação aos dados da fala cotidiana, o método era anotar algumas frases sempre que possível a partir de falas em conversas do dia a dia. Nesses casos, não era possível gravar, e sim atentar a audição para os momentos em que fossem ditas falas relevantes para a pesquisa. Outro método foi a documentação em vídeo de uma fala, mas só foi possível transcrever um trecho devido à complexidade da narrativa em questão.

Em suma, todos os dados da língua Pykobjê utilizados nesta tese são originais, coletados em trabalho de campo, exceto por aqueles cuja referência é feita ao trabalho de onde foi retirado. Os dados foram transcritos utilizando-se a grafia da língua adotada atualmente pelo povo Gavião do Maranhão em suas escolas. Posteriormente, os dados foram revisados por um especialista da língua Pykobjê.

A grafia utilizada foi elaborada por missionários cujo objetivo foi traduzir a bíblia para a língua dos Gavião. Embora apresente ainda alguns problemas, essa grafia é de uso preferencial pelo povo Gavião, pois o uso da grafia unificada para os povos Timbira (Amado, 2004a) não prosperou entre os Gavião. Atualmente, está sendo realizado um estudo, em nível de mestrado, de uma grafia para a língua, realizado por um professor do povo Gavião. É possível que, com esse novo estudo, diversos problemas atuais sejam sanados, e uma nova grafia, ou mesmo uma adequação da grafia atual seja feita.

1.3 ORGANIZAÇÃO DA TESE

Além da introdução, a tese conta com mais cinco capítulos. No capítulo 2, apresentamos informações sobre o povo Gavião do Maranhão e sobre a língua Pykobjê. No capítulo 3, discutimos o referencial teórico que orienta a pesquisa e a análise dos dados. No capítulo 4, delineamos um esboço da gramática da língua

Pykobjê, recorrendo à comparação linguística com outras línguas do complexo Timbira sempre que necessário. No capítulo 5, descrevemos o sistema de alinhamentos de Caso da língua, analisando seu sistema de marcação diferencial do sujeito. Finalmente, apresentamos as considerações finais no sexto capítulo, oferecendo alguns encaminhamentos para futuras investigações.

CAPÍTULO 2

POVO & LÍNGUA

Este capítulo tem como objetivo fornecer informações etnográficas sobre a língua Pykobjê, bem como considerações sobre o povo que a utiliza. A língua aqui chamada de Pykobjê integra o complexo linguístico Timbira, o qual também compreende as línguas Parkatejê, Kyikatejê, Krĩkati, Canela (Apaniekrá e Mêmörtümre) e Krahô (Nikulin, 2020). É falada pelo povo Gavião do Maranhão, o qual habita a Terra Indígena Governador, localizada no município de Amarante do Maranhão, Brasil. A língua Pykobjê e o complexo Timbira fazem parte do ramo conhecido como Jê do Norte da família linguística Jê, a qual pertence ao tronco linguístico Macro-Jê (Rodrigues, 1999).

O capítulo está organizado em três seções. Na primeira seção, apresentamos informações gerais sobre o povo Gavião do Maranhão, trazendo ainda informações sobre o histórico dos povos que compõem ou compunham o grupo Timbira. Na segunda seção, descrevemos informações sobre a língua Pykobjê, localizando sua classificação filogenética na família Jê e no tronco Macro-Jê. A terceira seção apresenta o resumo do capítulo.

2.1 PYHCOP CATI JI

O povo conhecido como Gavião do Maranhão é um povo indígena brasileiro que habita a Terra Indígena Governador, localizada no município de Amarante do Maranhão, região sudoeste do estado do Maranhão, próximo ao município de Imperatriz. Conta com uma população de cerca de 1200 indivíduos (notas de campo), e sua autodenominação em sua língua é *pyhcop cati ji* em um nível restrito, ou seja, sua inserção dentro do grupo Timbira; e *me'hēeh* em um nível amplo, referente à sua percepção como um povo indígena. Isso significa dizer que outras etnias do grupo Timbira também se autodenominam *me'hēeh* (em oposição a *copē*, palavra usada para se referir atualmente aos não-indígenas), mas mantêm cada uma sua identificação restrita dentre os Timbira. Além dos Gavião do Maranhão, outras etnias atuais incluídas no grupo são os Apànjekrá, os Mēmōrtũmre, os Gavião do Pará, os Krahô, os Kreniê, os Krepumkateyê, e os Krĩkatí. Na próxima subseção, descrevemos um breve histórico sobre os povos Timbira.

2.1.1 Os Timbira

Conforme informação encontrada do *site* Povos Indígenas do Brasil (PIB), do Instituto Socioambiental (ISA), sobre o verbete *Timbira*¹, esta é uma denominação geral para um conjunto de povos (Melatti, 1999). Os povos Timbira listados no verbete são os seguintes: Apinajé, Canela Apaniekrá, Canela Ramkokamekrá, Gavião Parkatejê, Gavião Pykobjê, Krahô e Krikati, mais numerosos e considerados povos autônomos; e Krenjê, Kukoikatejê, Krenkatejê, Krepumkatejê, Krorekamekhrá, Põrekamekrá, e Txokamekrá, sobre os quais se afirma que “encontram-se vivendo entre os sete povos mais numerosos mencionados acima” (Melatti, 1999)².

Até a atualidade, o trabalho etnográfico considerado mais relevante sobre os povos Timbira é *The Eastern Timbira* (1946), de Curt Nimuendajú. Neste trabalho, o autor descreve a organização social do grupo hoje conhecido como Mêmörtümre, apresentando ainda o histórico de contato dos povos Timbira com a sociedade *alienígena*³. Nimuendajú afirma serem quinze os povos que constituem o grupo, divididos entre Timbiras Orientais e Timbiras Ocidentais, cujo marco divisor seria o rio Tocantins. O subgrupo Timbira Ocidental (a oeste

¹ Fonte: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Timbira>. Acesso em 9 de maio de 2023.

² A grafia dos nomes indígenas seguem sempre a obra original.

³ Utilizamos o termo ‘alienígena’ em oposição a ‘indígena’ como uma brincadeira com a etimologia das palavras.

do Tocantins) consistiria, então, apenas no povo Apinajé, enquanto os Timbira Orientais consistiriam em catorze povos divididos em grupos do norte e grupos do sul. Essa divisão é detalhada no quadro abaixo:

Quadro 2.1: divisão clássica dos povos do grupo Timbira

Timbiras Ocidentais	Timbira Orientais	
	Grupo do Norte	Grupo do Sul
✓ Apinajé	✓ Timbira de Araparytíua (Gurupy); ✓ Kreyê de Bacabal; ✓ Kukoékamekrá de Bacabal.	✓ Kreyê de Cajuapara; ✓ Krikatí; ✓ Pukóbye; ✓ Gaviões Ocidentais (ou 'da Floresta'); ✓ Krepumkateye; ✓ Krahô; ✓ Põrekamekrá; ✓ Kénkateye; ✓ Apanyekra; ✓ Ramkôkamekra; ✓ Čakamekrá.

Fonte: adaptado de Castro Alves (2004, p. 14).

Note-se que alguns dos nomes/povos acima se repetem nas duas fontes, quais sejam: Apinajé, Apanyekrá, Ramkokamekrá, Parkatejê (Gaviões Ocidentais/da Floresta), Pykopjê, Krahô, Krinkatí, Krenyê, Kukoikatejê, Kenkateyê, Krepumkateyê e Põrekamekrá. É possível, ainda, que Txokamekrá e Čakamekrá se refiram ao mesmo povo, dada a semelhança entre esses termos. Hoje, sabe-se que os Apinajé são considerados Timbira apenas em um nível

político⁴, pois sua língua não é considerada parte do complexo Timbira, mas uma língua à parte, muito mais próxima da língua falada pelos Mëbêngôkre⁵. Vale o espaço para algumas notas sobre localizações atuais desses respectivos povos Timbira.

Timbira do Araparytíua: Nimuendajú (1946) afirma que não possui informações sobre sua então localização. Castro Alves (2004) afirma que atualmente se denominam Krenjê e estão divididos entre as Terra Indígena (doravante TI) Alto Rio Guamá e Alto Turiaçu. De fato, encontra-se, no *site* da FUNAI, a informação de que a TI Alto Rio Guamá é habitada por povos Timbira e Tembê⁶, enquanto o *site* Terras Indígenas no Brasil (doravante TIB), também do ISA, não menciona povos Timbira ou Krenyê nessa TI, apenas Awá Guajá, Ka'apor, e Tembê⁷. O *site* da FUNAI menciona apenas Ka'apor⁸ vivendo na TI

⁴ Os Apinajé fazem parte da Associação Wyty Catê dos Povos Timbira do Maranhão e Tocantins.

⁵ Conferir o capítulo de Lea (2009), que busca problematizar a classificação das línguas Jê Setentrionais, e desafiar o rótulo Timbira.

⁶

Fonte:

http://sii.funai.gov.br/funai_sii/informacoes_indigenas/visao/visao_terras_indigenas_lista.wsp?tmp.uf_codigo=14&tmp.terrai_codigo=1001&tmp.etnia_codigo=&tmp.coord_codigo=&tmp.mun_codigo=&tmp.fase_codigo=. Acesso em 16 de fevereiro de 2022.

⁷ Fonte: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3573>. Acesso em 7 de outubro de 2021.

⁸

Fonte:

http://sii.funai.gov.br/funai_sii/informacoes_indigenas/visao/visao_terras_indigenas_lista.wsp?tmp.uf_codigo=10&tmp.terrai_codigo=&tmp.etnia_codigo=&tmp.coord_codigo=&tmp.mun_codigo=&tmp.fase_codigo=. Acesso em 16 de fevereiro de 2022.

Alto Turiaçu, enquanto o *site* TIB menciona novamente Awá Guajá, Ka'apor, e Tembê⁹.

Kreyê de Bacabal: Nimuendajú (1946) menciona que indivíduos desse povo se encontravam próximo ao atual município de Bacabal. Castro Alves (2004) menciona que não há atualmente indivíduos que se identifiquem como pertencentes a essa etnia.

Já os **Krenyê** contemporâneos obtiveram regularização de seu território no município de Tuntum, no Maranhão, por parte da FUNAI, em 2018¹⁰. Atualmente, esse território recebe o nome de Reserva Indígena Krenyê e, conforme o *site* da FUNAI, é habitada por povos identificados como Timbira e Krenyê¹¹. Conforme o *site* TIB, esta reserva é habitada apenas por indivíduos Krenyê¹². É amplamente afirmado que falam apenas o português, mas durante a primeira viagem de campo aos Gavião do Maranhão, em 2019, recebemos a informação de que ainda havia um ancião falante da língua indígena. Infelizmente, nunca pudemos verificar tal informação.

⁹ Fonte: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3575>. Acesso em 7 de outubro de 2021.

¹⁰ Fonte: <https://cimi.org.br/2019/02/povo-krenye-recebe-da-funai-escritura-de-reserva-indigena-retomada-ha-um-ano/>. Acesso em 7 de outubro de 2021.

¹¹ Fonte: http://sii.funai.gov.br/funai_sii/informacoes_indigenas/visao/visao_terras_indigenas_lista.wsp?tmf.uf_codigo=10&tmp.terrai_codigo=&tmp.etnia_codigo=&tmp.coord_codigo=&tmp.mun_codigo=&tmp.fase_codigo=. Acesso em 16 de fevereiro de 2022.

¹² Fonte: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/5387>. Acesso em 9 de maio de 2023.

Kukoékamekrá de Bacabal (Kukoikateyê/Kokujrekatejê):

Nimuendajú (1946) menciona que indivíduos desse povo se encontravam próximo ao atual município de Bacabal. Castro Alves (2004) menciona que atualmente se identificam como Timbira e habitam a TI Geralda/Toco Preto. De fato, no *site* da FUNAI há a informação de que esta TI é habitada por indivíduos Timbira¹³, mas o *site* TIB menciona apenas indivíduos Guajajara¹⁴. Ainda assim, nesta última fonte, é possível notar que há diversas organizações indígenas Krepumkateyê e Timbira atuando naquela TI, o que sugere que, de fato, há indivíduos *me'hêeh* habitando lá.

Kreyê de Cajuapára: Nimuendajú (1946) afirma que são conhecidos naquele momento apenas por Timbira, mas que haviam sido transferidos para uma localidade chamada de Felipe Camarão. Castro Alves (2004) afirma que atualmente se identificam como Krejê, e estão dispersados entre as TI Rio Pindaré e Alto Rio Guamá. Ou seja, as mesmas informações descritas sobre os Timbira de Araparytúua servem para o povo em questão.

Krepumkatejê: Nimuendaju (1946) afirma que se identificam como Timbira, e não possuíam localização especificada, estando dispersados entre os

¹³

Fonte: http://sii.funai.gov.br/funai_sii/informacoes_indigenas/visao/visao_terras_indigenas_lista.wsp?tmp.uf_codigo=10&tmp.terrai_codigo=&tmp.etnia_codigo=&tmp.coord_codigo=&tmp.mun_codigo=&tmp.fase_codigo=. Acesso em 16 de fevereiro de 2022.

¹⁴ Fonte: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3671>. Acesso em 9 de maio de 2023.

Guajajara, em número baixo. Castro Alves (2004) afirma que estão espalhados entre os povos autônomos atuais (assim como o afirma sobre os Kenkatejê, Põrekamekrá e Txokamekrá). Minha informação é a de que se identificam como Timbira Krepymkateyê e habitam principalmente a TI Geralda/Toco Preto (notas de campo).

Põrekamekrá e Kenkatejê: podem ser considerados extintos, uma vez que aqueles foram escravizados ou dispersados, com alguns indivíduos tendo ido viver entre os Krahô (Nimuendajú, 1946, p. 27-28). Os Kenkatejê foram identificados por Nimuendajú como integrantes do grupo maior Canella (1946, p. 28), que também afirma que foram massacrados e dispersados entre os outros povos Timbira (Nimuendajú, 1946, p. 30).

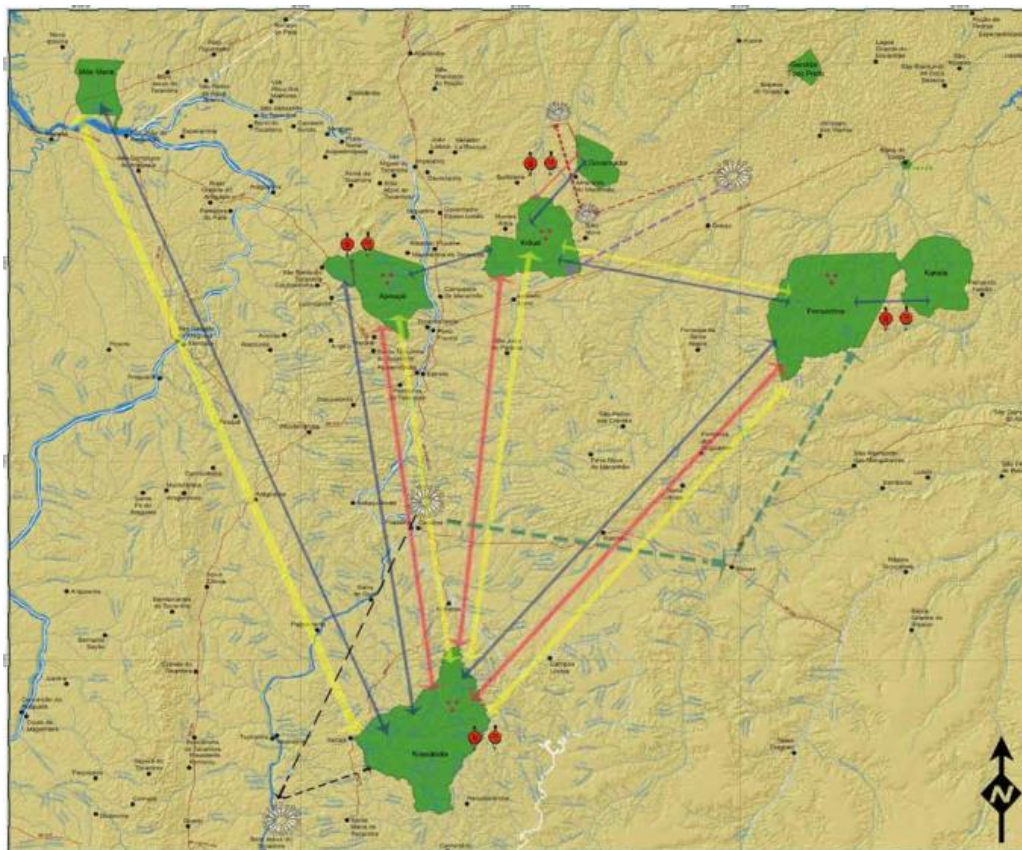
Txokamekrá/Čakamekrá: acredito que estas denominações se referem ao mesmo povo, aproveitando a semelhança entre *čare*, que Nimuendajú (1946) afirma se referir à raposa-do-campo¹⁵, *xoo*, que atualmente significa cachorro em Pykobjê; e *xoore*, que significa raposa na língua. Conforme Nimuendajú (1946), foram dispersados, indo viver entre os Ramkokamekrá.

¹⁵ Confirme Nimuendajú (1946), a raposa-do-campo (*Canis brasiliensis*) seria uma espécie do gênero *Canis*, mas hoje esta mesma espécie é identificada como *Lycalopex vetulus*, uma espécie do gênero *Lycalopex*, endêmico do Brasil, e que habita os campos e cerrados. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Raposa-do-campo>. Acesso em 7 de outubro de 2021.

O território do país Timbira, assim nomeado por Nimuendajú, “começava em um ponto do rio Tocantins um pouco acima da confluência com o rio Araguaia, e incluía toda a bacia do rio Gurupi, o médio e alto rio Pindaré, o baixo Grajaú, e o baixo Mearim” (Nimuendajú, 1946, p. 1). O mapa abaixo mostra a localização geográfica dos povos Timbira, cujos nomes estão sublinhados, e de alguns povos vizinhos:

respectivamente, as seguintes TI: Porquinhos, Mãe Maria, Governador, Kraolândia, Krenyê, Geralda/Toco Preto, Krikati, e Kanela, como mostra o mapa abaixo:

Figura 2.2: mapa político do país Timbira atualmente



Fonte: Plano de gestão territorial e ambiental das Terras Indígenas Timbira (2012).

Exceto pelos Krenyê e Krepymkateyê, todos os povos são falantes das respectivas línguas originárias no dia a dia, as quais são formadoras do complexo Timbira. Discorreremos sobre um desses povos, os Gavião do Maranhão, na próxima subseção.

2.1.2 Os Gavião do Maranhão

Hoje, os Gavião contam com uma população de 1200 indivíduos (notas de campo), habitando dezoito aldeias, cuja história de fundação segue o esquema a seguir:

- a maior e mais antiga aldeia é a **Governador**, que dá nome ao território, e deu origem às aldeias **Riachinho**, **Rubiácea** e **Passagem Grande**;
- a aldeia Riachinho deu origem às aldeias **Nova**, **Monte Alegre** e **Cocal**;
- a aldeia Nova deu origem à aldeia **Serra Branca**;
- a aldeia Rubiácea deu origem às aldeias **Canto Bom**, **Bom Jesus**, **Água Viva**, **Raposa**, **Nova Marajá** e **Crytcuh**.
- a aldeia Água Viva deu origem às aldeias **Doze Irmãos** e **Bom Jardim**;
- a aldeia Bom Jardim deu origem à aldeia **Prenre Crat**.

Pelo que notamos no trabalho de campo piloto realizado em 2019, todas as crianças adquirem a língua Pykobjê como língua materna, bem como um número significativo aprende também o português, principalmente por terem pai ou mãe não-indígena ou indígenas de outra etnia, principalmente Guajajara.

Como mencionado anteriormente, sua autodenominação em sua língua é *pyhcop cati ji*, ou seja, o povo de *pyhcop*. Diz-se que *pyhcop* foi uma mulher muito importante para a história do povo, e, devido a sua importância, acabou entrando para a cosmovisão deste povo. Ainda hoje, o nome próprio *pyhcop* faz

parte do conjunto de nomes dos Gavião, os quais são a essência de sua organização social.

A nomenclatura Gavião do Maranhão surgiu a partir da diferenciação com outro grupo próximo, também chamado de Gavião: o povo Gavião do Pará. O nome Gavião se deve à sua natureza belicosa, e foi atribuído a diversos grupos Timbira por viajantes no passado (Ferraz, 2000). Assim, os dois povos Timbira conhecidos por Gavião levaram como complemento o nome do estado brasileiro onde cada um está localizado.

Conforme Nimuendajú (1946, p. 18), os Gavião do Maranhão eram, dentre os Timbira, os mais guerreiros (*warlike*), e hoje aceitam com orgulho a denominação Gavião ao se referirem a si mesmo em português. Já foram inclusive caracterizados como *ferozes e traiçoeiros*, em 1849, dado seu histórico de combates contra as bandeiras dos colonizadores. Entretanto, quando falam de si mesmos em sua língua, sempre utilizam *pyhcop cati ji*. Daqui em diante, o termo Gavião será utilizado para se referir apenas aos Gavião do Maranhão.

O território habitado pelos Gavião, conforme Nimuendajú (1946, p. 18), era “além do alto rio Grajaú, mais particularmente o distrito banhado por seu afluente ocidental, o rio Sant’Anna.” Hoje, seu território consiste na Terra Indígena Governador, homologada em 1982, compreendendo 41.644 hectares,

localizados no município de Amarante do Maranhão (Melo, 2017, p. 26). Veja-se a imagem abaixo:

Figura 2.3: imagem de satélite mostrando a Terra Indígena Governador



Fonte: Google Maps, acessado em 15/02/2022.

Ao visitar o território Gavião pela primeira vez, em agosto de 2019, logo notamos a profunda relação de proteção que esse povo mantém com seu território, o que se nota imediatamente ao observar a cobertura vegetal dentro da TI, e sua ausência fora dos limites demarcados. Sua relação com a terra vai desde anciãs e anciãos que se alimentam o máximo possível de comida natural, de suas próprias hortas e roças, até as crianças, que ficam livres para brincar em toda a área da aldeia. Algo similar pode ser dito sobre sua relação com a natureza, uma vez que consideram todos os animais que vivem na aldeia como ‘de estimação’. Isso inclui galinhas, quatis, preguiças, cães e gatos.

Uma questão interessante é a relação fundamental entre território, cultura e língua. Por exemplo, qualquer pessoa que vive em território Gavião, seja ela indígena ou alienígena, recebe um nome próprio na língua. Isso se deve ao fato de que a língua é extremamente importante para codificar sua cultura, e a relação desta com o território. Assim, pelo que notamos, todas as crianças, quando não são bilíngues de nascença, aprendem primeiro a língua indígena como língua materna. Discorreremos melhor sobre a língua falada pelos Gavião na próxima seção.

2.2 PYHCOP CATI JI JARCWAA¹⁶

A língua falada pelo povo Gavião possui como denominação mais comum o Pykobjê, utilizada amplamente por linguistas para se referir a ela. Nessa denominação, *pykob* é derivada de *pycop*¹⁷ → *pycob*, e *je* é um sufixo de pessoa coletivizador das línguas Timbira. Durante um dos acampamentos indígenas em Brasília, foi perguntado a alguns amigos Canela como eles se referiam aos *pyhcop cati ji*, os quais responderam que utilizam Pykobjê. Talvez por isso essa denominação tenha sido difundida, uma vez que diversos etnólogos/etnógrafos visitaram os povos Canela, sobre os quais há trabalhos etnográficos robustos.

Os próprios Gavião, ao falar de sua língua em português, se referem a ela como ‘língua indígena’, como em “vou falar na língua indígena”. Mas ao se referirem a ela de fato na língua indígena, utilizam *pyhcop cati ji jarcwaa*. Outro termo utilizado com menos frequência é *me hëeh jarcwaa*, para se referir às línguas do complexo Timbira. Este complexo faz parte do ramo Jê Setentrional da família linguística Jê. Esta família, por sua vez, integra o tronco linguístico Macro-Jê, cujo detalhamento filogenético ainda está em investigação. Descrevemos a composição deste tronco linguístico na próxima subseção.

¹⁶ Derivado de *harcwaa*, que significa ‘boca’, ‘fala’, ‘palavra’. O subtítulo pode ser assim traduzido por ‘A língua do povo Gavião.’

¹⁷ Relembramos aqui que *pyhcop* foi uma mulher muito importante para a história do povo, e, devido a sua importância, acabou entrando para a cosmovisão deste povo.

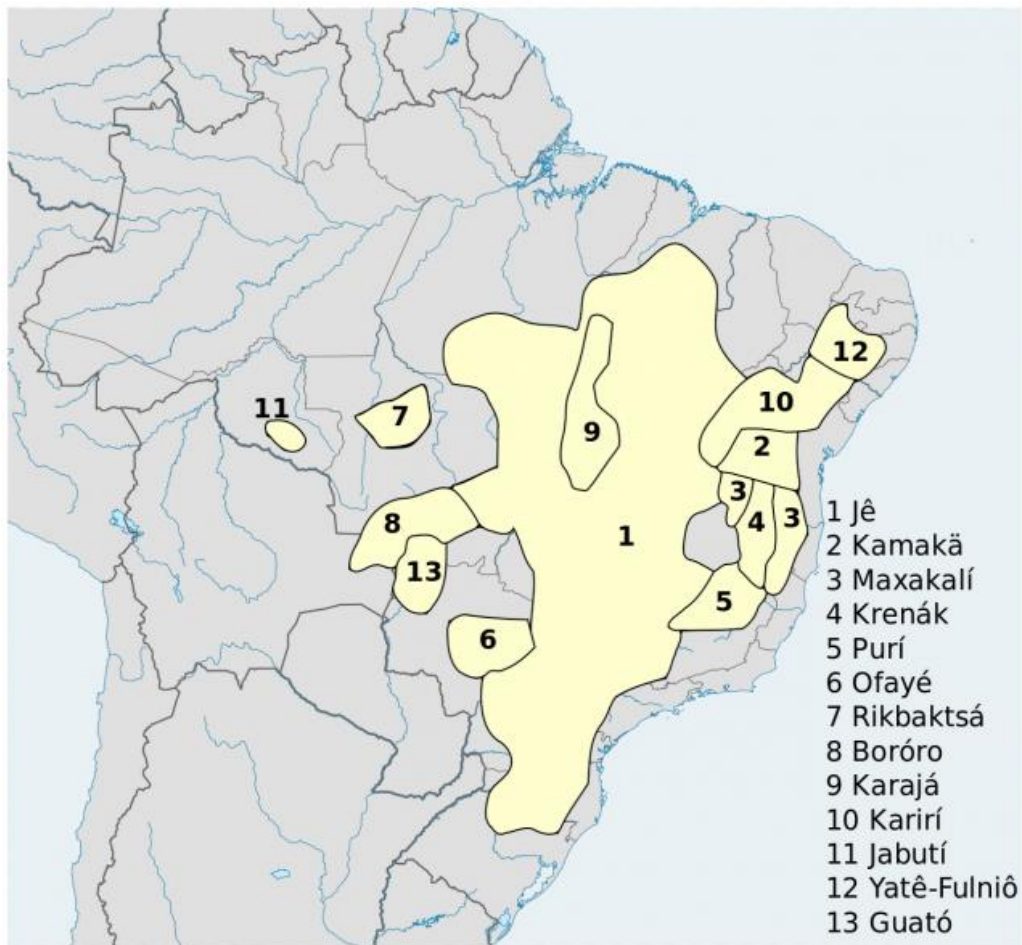
2.2.1 O tronco Macro-Jê

Conforme Rodrigues (1999, p. 165), a terminologia ‘Macro-Jê’ foi primeiro atestada em 1950 por John Alden Mason, para se referir a um conjunto de línguas que se pensava estarem relacionadas à família linguística Jê. Entretanto, o nome Ges-Tapuya já havia sido utilizado em 1926 por W. Schmidt, e o nome Tapuya-že em 1944 [1942] por Loukotka. Com relação ao nome “tapuya”, deve-se a um binarismo na classificação, por parte dos invasores europeus, dos povos da costa do que hoje é a América do Sul. Assim, todos os povos que não falavam línguas e dialetos Tupi eram chamados por estes de Tapuia, cujos grupos eram tidos “como a antítese da sociedade tupinambá, portanto descrevendo-os quase sempre em termos negativos” (Monteiro, 2001, p. 18).

Ainda segundo Rodrigues (1999, p. 165), a classificação genética de diversas línguas como parte do tronco Macro-Jê é ainda uma hipótese, visto que diferentes acadêmicos classificam diferentes línguas/famílias neste tronco. Dois fatos relevantes são levantados a partir das informações anteriores, quais sejam: certa antiguidade à noção da existência do tronco Macro-Jê, antes mesmo desta nomenclatura entrar em uso; e a centralidade da família Jê, uma vez que as línguas eram classificadas como parte do tronco a partir de sua semelhança com línguas daquela família.

Conforme a classificação mais aceita até a atualidade, 12 famílias linguísticas estão contidas no tronco, cujas línguas contemporâneas são faladas majoritariamente em território onde hoje é o Brasil. Veja-se o mapa a seguir:

Figura 2.4: mapa com as famílias do tronco Macro-Jê



Fonte: retirado do Dicionário Ilustrado Tupi-Guarani¹⁸.

A posição geográfica de cada família indica sua localização aproximada à época da invasão europeia na América, mas muito pode ter mudado desde então. Infelizmente, é provável que muitas línguas desse tronco tenham sido

¹⁸ Fonte: <https://www.dicionariotupiguarani.com.br/dicionario/macro-je/>. Acesso em 7 de outubro de 2021.

extintas após o contato dos europeus com seus falantes, por isso Rodrigues afirma que “a distribuição espacial de seus membros e a diferenciação lexical entre as línguas é muito profunda para entregar uma série de palavras cognatas ‘fácil de descobrir’” (1999, p. 198-199).

O quadro a seguir apresenta as famílias e línguas que constituem o tronco, e sua localização em território brasileiro, conforme a classificação proposta por Rodrigues (1999). As línguas que aparecem com o sinal da cruz não apresentam mais falantes nativos, embora possam apresentar indivíduos étnicos falantes de outras línguas.

Quadro 2.2: tronco linguístico Macro-Jê

Família	Língua
Jê do Nordeste	Jaikó (PI)
Jê do Norte	Timbira (MA/PA/TO) / Apinajé (TO) / Mebêngokré (Kayapó) (MT/PA) / Panará (MT/PA) / Kisêdjê (Suyá) (MT)
Jê Central	Xavante (MT) / Xerente (TO) / †Xakriabá (MG) / †Akroá (GO/MA)
Jê do Sul	Kaingang (SP/PR/SC/RS) / Laklãnõ (Xokleng) (SC) / †Ingaín (Argentina/Paraguai)
Kamakã	†Kamakã (BA/ES) / †Mongoyó (BA) / †Meniën (BA) / †Kotoxó (BA) / †Masakarã (BA)
Maxakali	Maxakali (MG/ES ¹⁹) / †Kapoxó (MG/BA) ²⁰ / †Monoxó (MG/BA) / †Makoni (MG) / †Malali (MG) / †Pataxó (BA)
Krenak	Krenak (MG/ES) / †Guerén (BA)
Puri	†Puri (ES/RJ/SP/MG) / †Koropó ²¹ (ES) / †Coroado (ES)
Kariri	†Kipeá (BA/SE) / †Dubukuá (BA) / †Sabuyá (BA) / †Kamuru (BA)
Yatê	Yatê (PE)
Karajá	Karajá (MT/TO)
Ofayé	Ofayé (MS)

¹⁹ Embora Rodrigues (1999) mostre a localização dos Maxakali nos estados de Minas Gerais e Espírito Santo, há evidências de que esse povo é proveniente do sul do estado da Bahia (Cf. Campos, 2009).

²⁰ Campos (em comunicação pessoal) inclui ainda as variedades Kumanaxó, Panhame, Hãhãhãe e Koropó na família Maxakali.

²¹ A língua Koropó foi classificada por Ramirez, Vegini & França (2015) como integrante da família Maxakali.

Bororo	Bororo do Leste (MT) / †Bororo do Oeste (MT) / Umutina (MT) / †Otuke (Bolívia)
Guató	Guató (MT)
Rikbaktsá	Rikbaktsá (MT)

Fonte: Santos (2018, adaptado de Rodrigues 1999, p. 167-168).

Ao se analisar o quadro acima, logo se nota que a família mais ramificada do tronco Macro-Jê é a própria família Jê, sendo também a que contém mais línguas. Três famílias não apresentam mais línguas com falantes nativos: Kamakã, Puri, Kariri²². Finalmente, muitas famílias apresentam atualmente apenas uma língua com falantes nativos, como é o caso do Krenak e do Maxakali.

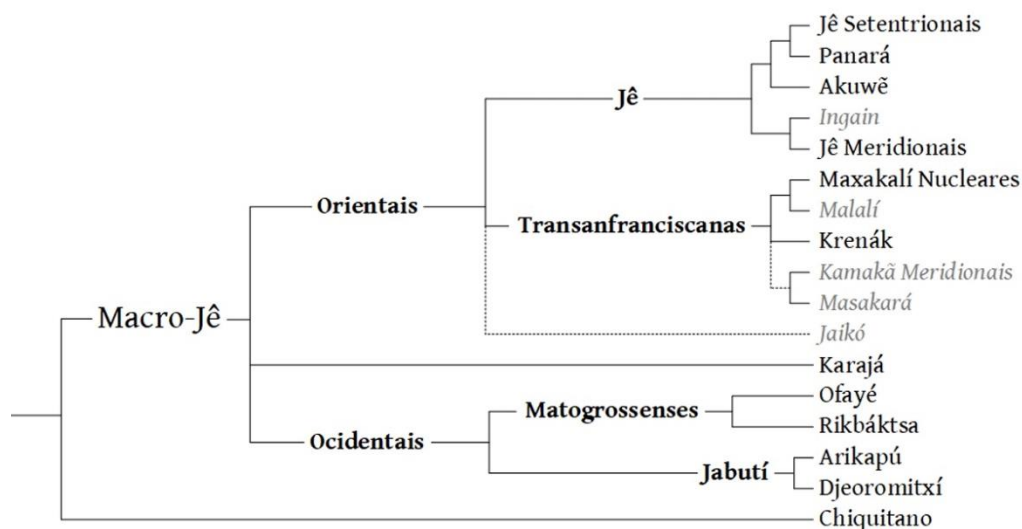
Em uma investigação mais recente, Nikulin (2020) afirma que o tronco Macro-Jê é constituído das seguintes famílias: Jê, Jaikó, Maxacalí, Krenák, Kamakã, Karajá, Ofayé, Rikbáktsa, Jabutí e Chiquitano. Em relação à classificação de Rodrigues (1999), Nikulin exclui o Puri, o Kariri, o Yatê, o Bororo, e o Guató²³; e adiciona o Jaikó (na classificação anterior, este seria um ramo da família Jê), o Jabutí, e o Chiquitano. Sobre esta última família, o autor afirma que não há dúvidas sobre sua relação genética com o tronco Macro-Jê, estando relacionada diretamente a este, ou seja, formaria com o tronco um

²² Os diversos povos Kariri contemporâneos e os povos Kamakã e Puri resistem como etnias organizadas, e já estão em retomada de suas línguas ancestrais.

²³ Nikulin não exclui a possibilidade de que essas famílias/línguas estejam relacionadas ao tronco Macro-Jê, mas afirma que talvez não estejam inseridas no tronco, senão formariam com ele uma família maior.

agrupamento chamado pelo autor de “Macro-Jê *lato sensu*”. É possível ainda que este agrupamento forme, com o tronco Tupi, uma macrofamília chamada pelo autor de “hipótese Macro-Jê-Tupi” (derivada da hipótese de Rodrigues, 2009) (Nikulin, 2020, p. 80-81).

A partir de uma reconstrução fonológica *bottom-up* do Proto-Macro-Jê, combinada com evidências lexicais, Nikulin (2020) classifica o tronco em três ramificações, quais sejam: Macro-Jê Oriental, com as famílias Jê, e Jaikó, e Transanfriscanas (contendo Kamakã, Krenák, e Maxakalí); Macro-Jê Ocidental, com as famílias Ofayé, Rikbáktsa, e Jabutí; e a família Karajá, que não pode ser incluída em nenhum dos ramos. Observe-se a imagem abaixo:

Figura 2.5: cladograma do tronco Macro-Jê *lato sensu*

Fonte: Nikulin (2020, p. 178).

Na próxima subseção, discorreremos sobre as línguas e ramos da maior família do tronco Macro-Jê, a família Jê.

2.2.2 A família Jê

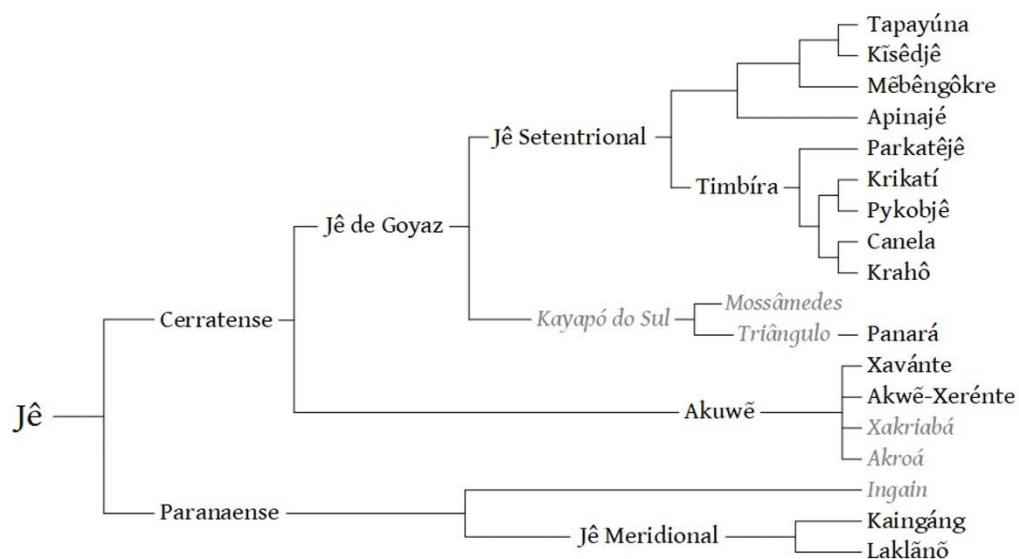
De acordo com a classificação de Abreu (2008), a família Jê consiste em nove agrupamentos principais, dos quais cinco são considerados apenas línguas e quatro são considerados grupos de línguas. Ainda segundo este autor,

os conjuntos são o Kaingang, com 4 línguas ou dialetos; o Kayapó, com 8 elementos; Timbira, com 4; e o grupo Akwén, constituído pelo Xakriabá [...], o Xavante e o Xerente, de forma que toda a família é formada por 27 línguas e dialetos (Abreu, 2008, p. 74).

As classificações dentro da família Jê devem ser tomadas com cuidado, pois podem divergir muito dependendo da autoria. Por exemplo, Rodrigues (1999) agrupa os elementos da família em quatro ramos geográficos, quais sejam: Nordeste, Norte, Central e Sul. Desses quatro ramos, a língua Jaikó, a qual compreende o ramo Nordeste, não apresenta mais falantes nativos, restando apenas as línguas dos outros três ramos. Pertencem ao ramo Norte o complexo Timbira, a língua Apinajé, o Mẽbêngôkre, o Panará, o Kĩsedjê e o Tapayuna. Já do ramo Central, fazem parte as línguas Xavante, Xerente, Xakriabá e Akroá; estas duas últimas sem falantes nativos atualmente. Por fim, o ramo Sul compreende o complexo dialetal Kaingang e a língua Laklãnõ. A língua Ingaín, que atualmente não apresenta falantes nativos e era falada na Argentina e no Paraguai, é incluída também no ramo Sul (Rodrigues, 1999, p. 167).

Já Nikulin (2020) propõe uma nova classificação interna para a família Jê, contendo diversos ramos intermediários. Os principais agrupamentos a serem considerados aqui são os seguintes: Jê Setentrional, Panará, Akuwẽ, Ingaín, e Jê Meridional, como se nota na imagem a seguir:

Figura 2.6: cladograma da família Jê



Fonte: Nikulin (2020, p. 83).

Dois são seus agrupamentos principais: Cerratense e Paranaense. O ramo Cerratense se subdivide no grupo Akuwẽ e sub-ramo Jê de Goyaz. Este último se subdivide no sub-ramos de línguas Jê Setentrionais e língua Panará. Já o ramo Paranaense é formado pela língua Ingaín com as línguas do sub-ramo Jê Meridional. Uma parte muito importante da família Jê é o complexo linguístico Timbira, o qual descrevamos melhor na próxima subseção.

2.2.3 O complexo Timbira

O complexo linguístico Timbira é assim chamado por compreender as variedades linguísticas faladas pelos povos que foram historicamente chamados de Timbira, hoje sem considerar o Apinajé. Ainda não há consenso, e nem deve haver, sobre se tratar de línguas muito semelhantes, ou dialetos de uma mesma língua. Assim, não é objetivo deste trabalho classificar essas variedades como dialetos ou línguas separadas, pois “embora mutuamente próximas, essas variedades apresentam importantes diferenças fonológicas, lexicais e sintáticas” (Nikulín, 2020, p. 10).

Baseado em minha própria experiência e convivência com diferentes povos Timbira, posso afirmar que a inteligibilidade entre as variedades existe, mas seu grau varia para diferentes contextos. Por exemplo, pessoas mais velhas conversando entre si tendem a se entender melhor. Já pessoas mais jovens apresentam certa dificuldade de entender pessoas mais velhas falantes de outra variedade. Não presenciei conversas entre pessoas jovens falantes de diferentes variantes na língua nativa, mas obtive a informação de que jovens das etnias Gavião e Krikati conversam entre si na língua indígena.

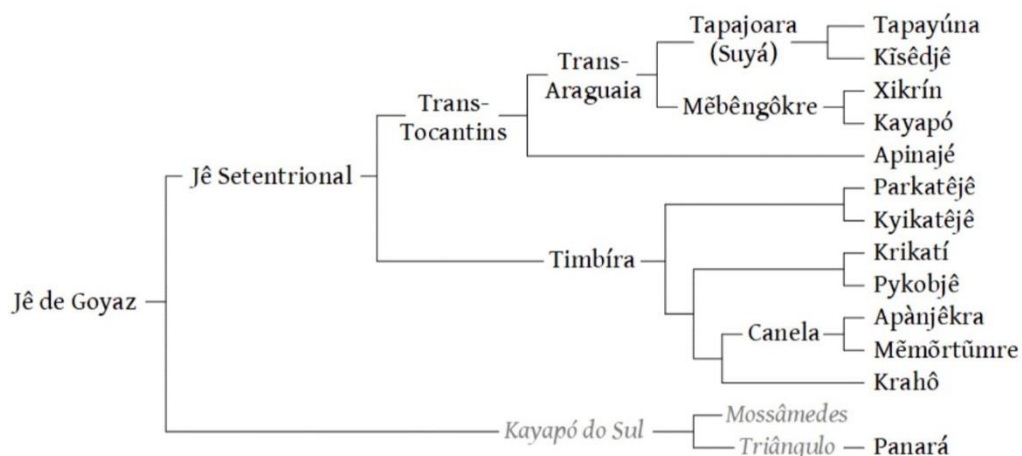
Assim como o tronco Macro-Jê e a família Jê, a organização interna do complexo Timbira pode variar a depender da autoria do trabalho e do período em que foi realizado. Isso se deve a diversos fatores, sendo um deles o maior

conhecimento atual sobre as diferentes etnias que compõem o grupo Timbira. Por exemplo, a partir do momento em que uma etnia reivindica sua autonomia linguística dentro do grupo, como o que ocorreu com os Kyikatejê, dentre os Gavião do Pará, passa-se a considerar sua variedade linguística como um elemento individual do complexo Timbira.

Outro fator é a falta de transmissão do uso diário da língua às novas gerações, o que cria uma geração monolíngue em português em alguns casos. É o que ocorreu com os povos Krenyê e Krepymkateyê, que hoje são tidos como falantes apenas de português, devido às inúmeras violências coloniais e pós-coloniais a que os povos indígenas são submetidos.

Assim, dentre as etnias que compõem atualmente o grupo Timbira, destacam-se as seguintes variedades compondo o complexo linguístico: Parkatêjê, Kyikatêjê, Krîkatí, Pykobjê, Canela e Krahô. Analise-se a imagem abaixo:

Figura 2.7: cladograma do sub-ramo Jê de Goyaz



Fonte: Nikulin (2020, p. 7).

Observa-se, a partir da figura acima, que o Parkatejê e o Kyikatejê são variedades próximas entre si, e ambas as mais afastadas das outras variedades. Krikati e Pykobjê também são muito próximas entre si e, de minha própria experiência, posso afirmar que o grau de inteligibilidade dessas variedades é alto, especialmente porque os dois povos étnicos possuem relação mais estreita. O Canela apresenta os dialetos Apànjêkra e Mêmörtümre, que formam uma variedade bastante próxima ao Krahô.

Esses agrupamentos são classificados por Nikulin (2020) a partir de claras inovações fonológicas e lexicais. Por exemplo, o agrupamento composto por Krikati e Pykobjê “caracteriza-se por um desenvolvimento singular do sistema vocálico” (Nikulin, 2020, p. 10-11). Dessas duas variedades, foram realizadas

descrições fonológicas e gramaticais apenas do Pykobjê, sobre as quais discutimos na próxima subseção.

2.2.4 A língua Pykobjê

A primeira descrição sobre a língua Pykobjê foi realizada por Sá (1999), apresentando uma análise preliminar da fonologia da língua. O segundo trabalho, de Amado (2004b), tratou de investigar alguns aspectos morfofonológicos da língua. Os próximos trabalhos são a dissertação e a tese de Silva (2011, 2017). No primeiro trabalho, a autora faz uma descrição e análise da morfossintaxe do nome e do verbo na língua. No segundo trabalho, a autora apresenta um trabalho robusto sobre marcadores de tempo, aspecto e modalidade em Pykobjê, e sobre como esses marcadores contribuem para nosso conhecimento linguístico.

Além desses trabalhos realizados em nível de monografias de pós-graduação, diversos artigos foram publicados e diferentes periódicos pelas autoras mencionadas anteriormente, sobre diferentes aspectos da fonologia e da gramática dessa língua. Até a atualidade, nenhum trabalho tratou de investigar profundamente o sistema de Caso da língua. Portanto, o principal foco desta tese é explorar o sistema de Caso sob uma perspectiva da teoria de Caso.

2.3 RESUMO DO CAPÍTULO

Este capítulo apresenta fatos importantes sobre alguns dos povos conhecidos como Timbira, traçando seu histórico desde os primeiros contatos até a atualidade. Além disso, são descritas algumas informações sobre o povo Timbira conhecido como Gavião do Maranhão, falante da língua investigada neste trabalho. Descrevemos a localização filogenética da língua Pykobjê no tronco Macro-Jê e na família Jê. Tais informações são importantes por se tratar de um trabalho que busca contribuir com a preservação dessa língua e cultura, bem como com a diversidade linguística no Brasil e no mundo. O próximo capítulo tem por objetivo apresentar o aporte teórico por meio do qual esta pesquisa se sustenta.

CAPÍTULO 3

APORTE TEÓRICO

Este capítulo tem por objetivo apresentar o aporte teórico que orienta esta pesquisa. Assim sendo, a teoria que utilizamos pode nos auxiliar na compreensão dos fenômenos de marcação de Caso em Pykobjê. A hipótese principal que pretendemos desenvolver nesta tese é a de que o Caso ergativo que o sujeito pode receber está diretamente relacionado à agentividade do sujeito, enquanto o Caso dativo está associado à semântica de afetação do sujeito, conforme mostram os dados abaixo:

- (1) *ẽj-te* *cruu* *j-ẽ* *cor*
 1-ERG porco PR-carne comer+NF
 ‘Eu comi carne de porco.’
- (2) *ẽj-mỹ* *cruu* *j-ẽ* *cor* *prỹm*
 1-DAT porco PR-carne carne+NF desejar
 ‘Eu quero comer carne de porco.’

Nos exemplos acima, a marca de Caso ergativo {te} indica que o sujeito possui semântica de agente, enquanto a marca de Caso dativo {mỹ} indica que o sujeito possui semântica de afetado. Neste último caso, o sujeito recebe a marca dativa por estar ligado ao verbo *prỹm* ‘sentir fome/desejar algo’. Portanto, o aporte teórico que utilizaremos servirá para explicar a distribuição que ocorre entre essas marcas de Caso.

O capítulo está organizado em cinco seções: na seção 1, buscamos responder o que é Caso e a relevância para a hipótese que desenvolvemos no capítulo teórico. Na seção 2, investigamos o conceito de Ergatividade e mostramos como operam línguas ergativas, incluindo algumas de suas cisões. Na seção 3, discutimos o conceito de marcação diferencial do sujeito, como inserido da teoria de marcação diferencial de Caso. Na seção 4, apresentamos brevemente sobre cisão intransitiva, sujeitos dativos e construções causativas. Finalmente apresentamos o resumo do capítulo na seção 5.

3.1 CASO

Sistemas de Caso continuam sendo um tema relevante para aqueles interessados em entender a linguagem humana, especialmente se considerarmos que nenhuma teoria possui uma resposta unificada para os sistemas de Caso das línguas naturais (Butt, 2006b). Devido à diversidade de marcações e alinhamentos morfossintáticos que podem ser encontrados nas línguas, esses sistemas precisam ser melhor compreendidos. Adotaremos ainda a teoria de Butt (2006, p. 4), conforme a qual, “a marcação explícita de Caso é proveitosa para o estabelecimento de papéis semânticos dos nomes (e pronomes) e seu relacionamento sintático com o verbo.”

Fillmore (1968, p. 23), por sua vez, afirma que a noção gramatical de Caso merece um lugar no componente sintático da gramática de toda língua. Para este autor, pesquisas sobre sistemas de Caso demonstram haver uma variedade de relacionamentos semânticos possíveis entre sintagmas nominais e posições sintáticas na sentença. Outro ponto importante discutido por Fillmore (1968, p. 24) são as ‘categorias secretas’, as quais são um conceito que demonstra que todas as línguas são iguais na forma subjacente, pois todas fazem distinção sintático-semântica entre sujeitos e objetos na sentença. Para tal, comparem-se os exemplos abaixo:

- (3) a) *John ruined the table.*
b) *John built the table.*

Fillmore (1968) propõe que a diferença entre os objetos das sentenças é puramente semântica, uma vez que não há marcação morfológica de Caso em inglês. Nota-se que, na sentença em (a), o objeto existe previamente e sofre a ação de *John*, enquanto na sentença em (b) o objeto passa a existir a partir da ação de *John*. Exemplos como os do inglês, acima, explicitam a importância de se estudar os sistemas de Caso das línguas naturais.

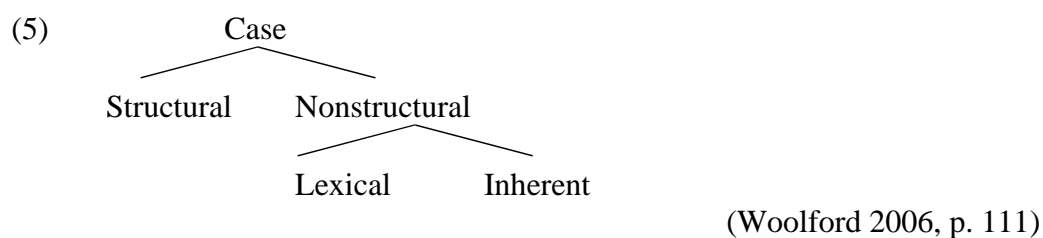
A partir do exposto acima, pode-se assumir que Caso é entendido como o produto da relação (sintática ou semântica) que se dá entre o verbo e seus argumentos, sejam estes nucleares ou oblíquos. Essa relação pode resultar tanto

em marcação morfológica nos sintagmas nominais, como no estabelecimento de uma ordem fixa entre os constituintes, como é a situação do inglês e do português. Ou seja, Caso existe independentemente de haver morfologia de marcação argumental, uma vez que diferentes línguas recorrem a diferentes mecanismos para marcar a relação do argumento com o verbo, conforme mostram os exemplos a seguir:

- (4) a) A menina abriu a porta.
- b) A menina abriu ela.
- c) Ela abriu a porta.
- d) A porta abriu.
- e) Ela abriu.

O conjunto de exemplos acima ilustra como a ordem dos argumentos é relevante em português. Tomando o dado em (a) como referência, sabemos que o exemplo (b), do português coloquial, mostra que o pronome ‘ela’ se refere a ‘a porta’ e ocupa a posição de objeto da oração, recebendo caso acusativo. Já em (c) sabemos que se refere a ‘a menina’ por estar antes do verbo, ocupando a posição de sujeito e recebendo o caso nominativo. Comparando os dados em (d) e (e), sabemos que ‘ela’ se refere a ‘a porta’ por ambos estarem em posição pré-verbal, também recebendo caso nominativo. Ou seja, em português, a ordem de constituintes é relevante para a marcação de Caso do argumento e, a partir disso, sabemos que a língua opera com o padrão de alinhamento nominativo-acusativo.

Já em conformidade com Woolford (2006), a noção de Caso abstrato pode ser entendida como o produto final da relação gramatical que se dá entre núcleos lexicais/funcionais e seus argumentos imediatos. Nesta linha de investigação, adotamos a proposta conforme a qual Caso abstrato pode ser subdividido em Caso estrutural e Caso não-estrutural. Este último se subdivide, por sua vez, em Caso lexical e Caso inerente, conforme mostra a representação gráfica a seguir:



Esta teoria prediz ainda que o Caso lexical é de natureza idiossincrática, selecionado e licenciado por certos núcleos específicos. Adicionalmente, esse Caso nunca é atribuído a argumentos externos, mas somente a argumentos de certos núcleos lexicais, como se observa com o argumento interno do verbo inacusativo *hvolfdi* ‘tombar, capotar’, do islandês, que recebe o Caso lexical dativo, conforme demonstra o exemplo a seguir:

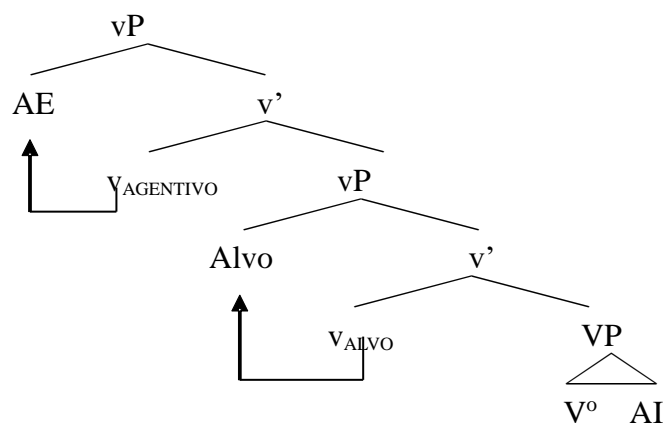
- (6) ISLANDÊS:
Bátnum *hvolfdi*
 boat-DAT capsized
 ‘The boat capsized.’
 (Levin & Simpson, 1981 apud Woolford, 2006, p. 112)

Já o Caso inerente está diretamente associado ao papel semântico que o argumento recebe a partir da relação gramatical que mantém com o seu predicado. Este corresponde ao Caso ergativo, se o argumento externo for o agente, e ao Caso dativo, se o argumento equivaler ao alvo (=goal) ou ao afetado no evento. Consoante Woolford (2006, p. 113), a diferença principal entre o Caso lexical e o Caso inerente é que há distribuição complementar entre eles²⁴. Mais precisamente, esta teoria prediz que o Caso lexical ocorre em argumentos internos/tema, mas nunca em argumentos externos ou DPs deslocados de sua posição de base para uma posição mais alta no domínio funcional da sentença. Por sua vez, o Caso inerente (=ergativo e dativo) não ocorre em argumentos internos/temas, mas apenas em argumentos externos de verbos transitivos de ação ou em argumentos de núcleos aplicativos.

A autora propõe que Casos inerentes são atribuídos aos argumentos ainda na estrutura argumental, também conhecida como estrutura vP, conforme mostra a ilustração abaixo:

²⁴ Woolford (2006:113) assume a seguinte distribuição complementar entre os dois tipos de Caso: *'Lexical Case may occur on themes/internal arguments, but not on external arguments or on (shifted) DP goal arguments. Inherent Case may occur on external arguments and on (shifted) DP goal arguments, but not on themes/internal arguments.'*

(7)



AE = argumento externo

AI = Argumento interno

A proposta de Woolford (2006) é relevante para esta pesquisa porque pode explicar a atribuição dos Casos ergativo e dativo a sujeitos de verbos transitivos, encontrados em Pykobjê. Assim, a estrutura acima pode ser aplicada aos dados dessa língua, tanto em orações principais, quanto em orações encaixadas. Na próxima seção, apresentamos o conceito de ergatividade, o qual será muito relevante para esta pesquisa.

3.2 ERGATIVIDADE

Conforme Dixon (1994), o termo Ergatividade é usado para descrever o padrão gramatical em que o sujeito (S) de um verbo intransitivo é tratado da mesma forma que o objeto (O) de um verbo transitivo, diferentemente do sujeito

(A) de um verbo transitivo. Esta propriedade é que difere uma língua nominativa de uma língua ergativa. Para tal, compare-se o conjunto de dados a seguir:

INUIT:

- (8) *Jaani-up natsiq- \emptyset kapi-jaNa*
 Jaani-ERG foca-ABS apunhalar-TRANS
 ‘Jaani apunhalou uma foca.’

(Duarte, 2012, p. 274)

- (9) *inuk- \emptyset tikit-tuq*
 pessoa-ABS chegou
 ‘A pessoa chegou.’

(Duarte, 2012, p. 274)

- (10) *ilinniaqtitsiji- \emptyset uqaq-tuq*
 professor-ABS falou
 ‘O professor falou.’

(Duarte, 2012, p. 274)

Ainda consoante Dixon (1994), muitas línguas possuem uma mistura de sistemas ergativos e sistemas acusativos, ocasionando o surgimento de sistemas cindidos. Tais cisões possuem motivações semânticas, de sorte que se faz sempre necessário explicarmos as razões por que tais sistemas são engatilhados. Tal situação parece se dar em línguas da família Jê, que, em geral, possuem uma mistura de sistemas, sendo assim chamadas de ergativas cindidas, como será visto mais adiante. Dixon dedicou um capítulo a investigar os tipos de alinhamentos e cisões ergativas encontrados em várias línguas no mundo, classificando os tipos de cisões e agrupando-os. Alguns dos elementos apontados

por ele como responsáveis pelo surgimento dos sistemas de alinhamento e cisão de Caso são os seguintes:

- a) cisão condicionada pela natureza semântica do verbo;
- b) cisão condicionada pela natureza semântica dos NPs;
- c) cisão condicionada por tempo/aspecto/modo;
- d) cisão entre orações ‘principais’ versus ‘subordinadas’.

Exemplos de línguas ergativas cindidas são o Basco e o Georgiano, nas quais os sujeitos dos verbos de ação vêm sempre marcados com o caso ergativo, independentemente de os verbos serem transitivos ou intransitivos (Duarte, 2012, p. 275), conforme os exemplos abaixo:

BASCO:

- (11) *Miren-ek atea ireki du*
 Miren-ERG porta-NOM abrir AUX
 ‘Miren abriu a porta.’

(Levin, 1989, p. 20 apud Duarte, 2012, p. 276)

- (12) *gizona-k kurritu du*
 homem-ERG correr AUX
 ‘O homem correu.’

(Levin, 1983, p. 20 apud Duarte, 2012, p. 276)

GEORGIANO:

- (13) *Vano-m gamozarda dzma*
 Vano-ERG levantar irmão
 ‘Vano levantou o irmão.’

(Duarte, 2012, p. 276)

- (14) *bayfv-ma itira*
 criança-ERG gritar
 ‘A criança gritou.’

(Duarte, 2012, p. 276)

Dixon (1994, p. 104) mostra ainda que “há línguas que combinam dois ou até três fatores condicionantes para o engatilhamento do sistema ergativo-absolutivo.” Um bom exemplo de língua que combina os dois fatores surge na família Jê. Tal situação se dá no Laklãnõ (Xoklêng), em que ergatividade é condicionada pelo tipo de oração e por aspecto. Exemplos de ergatividade condicionado pelo aspecto do verbo são mostrados abaixo.

LAKLÃNÕ:

- (15) *tĩ-ø tẽŋ wã*
 he-ABS go STV
 ‘He went.’

(adaptado de Urban, 1985, p. 166)

- (16) *ti tĩ ti-ø penũ wã*
 he ERG he-ABS shoot STV
 ‘He shot him.’

(adaptado de Urban, 1985, p. 166)

- (17) *tã wũ tẽ mũ*
 he NOM go ATV
 ‘He went.’

(adaptado de Urban, 1985, p. 166)

- (18) *tã wũ ti-ø penũ mũ*
 he NOM he-ACC shoot ATV
 ‘He shot him.’

(adaptado de Urban, 1985, p. 166)

No primeiro conjunto de exemplos acima, as sentenças ocorrem no sistema ergativo-absolutivo, pois o sujeito do verbo transitivo é marcado com o Caso ergativo em oposição ao sujeito do intransitivo e o objeto do transitivo, os quais recebem Caso absolutivo. No segundo conjunto de dados, os sujeitos dos verbos intransitivo e transitivo recebem Caso nominativo, em oposição ao objeto, que recebe Caso absolutivo. Em Laklãñõ, os aspectos que condicionam a cisão no sistema de Caso são o ativo e o estativo. O primeiro tem foco na ação, o segundo tem foco nos resultados.

No alinhamento nominativo-acusativo, geralmente o acusativo é o Caso marcado, mas, em Laklãñõ, o Caso nominativo é marcado morfológicamente (Dixon, 1979 apud Urban, 1985, p. 166). Por essa razão, este autor classifica o sistema nominativo-acusativo dessa língua dentre os tipos ‘nominativos marcados’ propostos por Dixon, uma vez que argumento com o caso nominativo recebe sistematicamente a marca de Caso {*wũ*}.

A cisão condicionada por aspecto do verbo é válida apenas para orações principais, pois orações subordinadas engatilham sempre o sistema ergativo. A seguir, mostramos exemplos de ergatividade cindida condicionada pelo tipo de oração:

LAKLÂNÔ:

- (19) [ti tawi] kũ [mã ti weŋ tẽ]
 he arrive-SG-STV CONJ 2-NOM he see-ATV IMPERF
 ‘When he arrives, you are going to see him.’

(adaptado de Urban, 1985, p. 179)

- (20) [ẽ tõ uyol tãñ] kɔlkũ [tã tawiŋ tẽ]
 COREF ERG tapir kill after he arrive-SG-ATV IMPERF
 ‘After he kills the tapir, he is going to arrive.’

(adaptado de Urban, 1985, p. 179)

Nos exemplos acima, as sentenças principais, as quais aparecem em segunda posição, estão no aspecto ativo, que engatilha o sistema nominativo-acusativo; mas as sentenças subordinadas engatilham sempre sistema ergativo. Em (19), o sujeito da oração subordinada (*ti*) está alinhado ao objeto da oração principal, enquanto em (20) o sujeito aparece na forma ergativa (*ẽ tõ*) (essas formas parecem ser uma marca de correferencialidade ao sujeito da oração principal acompanhada de uma partícula/posposição ergativa), enquanto o sujeito da oração principal aparece na forma nominativa (*tã*).

De acordo com Silva (2011, p. 100), em Pykobjê, o Caso ergativo é marcado pela posposição {te}, mostrando que há um sistema ergativo-absolutivo na língua. Ainda segundo a autora, a ergatividade “não é plena, pois apresenta cisão baseada em tempo-aspecto,” ocorrendo apenas no tempo passado (Silva, 2011, p. 101). Finalmente, no tempo passado, há distribuição complementar com a posposição de caso dativo {mỹ}. Ou seja, se o sujeito do verbo transitivo for

[+EXPERIENCIADOR], recebe a marca de caso dativo {*mỹ*}, ao passo que se for [+AGENTE], receberá o caso ergativo. Esse sistema pode ser mais bem percebido pelos exemplos a seguir:

- (21) *copry te cu japruu*
 menina ERG água comprar
 ‘A menina comprou água.’

(adaptado de Silva, 2011, p. 60)

- (22) *aa-te rỹj petxet cor*
 2-ERG laranja um comer+NF
 ‘Você comeu uma laranja.’

(adaptado de Silva, 2011, p. 61)

- (23) *hõmre mỹ ẽ'-cre'cret*
 homem DAT 3-ter.medo
 ‘O homem tem medo.’

(adaptado de Silva, 2011, p. 63)

- (24) *mam co-mỹ cu xen*
 REM 3-DAT água gostar
 ‘Antigamente, ele gostava de água.’

(adaptado de Silva, 2011, p. 85)

Porém, nos exemplos acima que tratam da ergatividade, ela pode ser classificada como *intra-oracional*, também chamada de morfológica, pois lida com a marcação de Caso nos argumentos em relação ao núcleo (verbo). Há ainda outro tipo de Ergatividade investigada por Dixon (1994), à qual chama de Ergatividade *inter-oracional*, pois lida com os alinhamentos morfossintáticos em duas ou mais orações coordenadas. Por isso, também pode ser chamada de

ergatividade sintática, e ocorre quando duas orações estão ligadas por uma construção coordenativa ou subordinativa.

Segundo Dixon (1994), a relação aqui se dá por meio do pivô sintático. Quando uma oração principal ocorre com uma oração coordenada ou subordinada, então o pivô da oração secundária dirá se a língua em questão apresenta ergatividade sintática ou não. Ou seja, esse tipo de ergatividade lida não apenas com a relação entre o verbo e seus argumentos, mas entre os argumentos de diferentes orações, ligadas por meio de conjunção.

Desse modo, se uma língua trabalha por meio do pivô S/A, ela não apresenta ergatividade sintática, mas se trabalha por meio do pivô S/O, então apresenta sim ergatividade sintática. Conforme veremos no próximo capítulo, nosso objetivo será mostrar que o Pykobjê opera também com a ergatividade sintática, além da ergatividade morfológica. Para exemplificar a ergatividade sintática, Dixon (1994) utiliza exemplos das línguas Dyirbal e inglês. O Dyirbal trabalha por meio do pivô S/O, então diz-se que esta é uma língua ‘ergativa sintática’. Ao contrário, o inglês trabalha por meio de um pivô S/A, então trata-se de uma língua ‘acusativa sintática’. Vejam-se os exemplos a seguir:

DYIRBAL:

- | | | | | | |
|------|--------------|-----------------|---------------|-----------|-------------------|
| | [O | A | V] | [S | V] |
| (25) | <i>[ɲuma</i> | <i>yabu-ɲgu</i> | <i>buran]</i> | <i>[ø</i> | <i>banaganyu]</i> |
| | father+ABS | mother-ERG | saw | ø | returned |
- ‘Mother saw father and he returned.’

(adaptado de Dixon, 1994, p. 155)

INGLÊS:

- | | | | | | |
|------|----------------|------------|--------------------|-----------|------------------|
| | [A | V | O] | [S | V] |
| (26) | <i>[mother</i> | <i>saw</i> | <i>father] and</i> | <i>[ø</i> | <i>returned]</i> |
- ‘A mãe viu o pai e retornou.’

(adaptado de Dixon, 1994, p. 155)

Nas duas línguas acima o sujeito do verbo intransitivo pode ser omitido. A diferença entre os exemplos está no pivô sintático, uma vez que o sujeito intransitivo faz correferência com o sujeito da oração principal em inglês, mas possui correferência com o objeto da oração principal em Dyirbal. Ou seja, o pivô sintático em Dyirbal é S/O, enquanto em inglês é S/A.

Isso significa dizer que um sujeito S em uma oração encaixada vai fazer referência ao argumento A ou O conforme o pivô com o qual a língua opera. A partir desses pressupostos, a proposta teórica que propomos neste trabalho é a de que a língua Pykobjê opera tanto com pivô sintático S/O quanto com o pivô S/A, perfazendo, portanto, um sistema ergativo sintático e um sistema acusativo sintático. A próxima seção tem por objetivo apresentar a teoria sobre marcação diferencial do sujeito.

Butt (2006a) afirma ainda que a ocorrência de sujeitos não nominativos é ainda atribuída a idiosincrasias lexicais. Nos exemplos acima, a alternância entre o sujeito nominativo e o sujeito ergativo não parece ter motivação sintática aparente, uma vez que o verbo possui mesmas características. Embora as alternâncias de sujeito nas quais o ergativo alterne com o nominativo sejam relativamente conhecidas na literatura, fatores semânticos parecem estar na raiz das alternâncias, e devem ser examinados com cuidado (Butt, 2006a, 70). Assim, para dar conta das interações complexas entre morfologia, sintaxe e semântica, é necessário propor um novo modelo para além da divisão clássica entre Caso estrutural e não-estrutural.

Assim, surge a Teoria da Marcação Diferencial de Caso (DCT), conforme a qual Caso tem função tanto sintática quanto semântica (Butt & King, 1991, 2003, 2005). Essa teoria pressupõe ainda que a marcação diferencial resulta de informação tanto sintática quanto semântica na análise da sentença, de sorte que as respectivas alternâncias podem denotar contrastes semânticos importantes.

Observem-se os exemplos abaixo:

- URDU:
 (29) *nadya=ko* *zu* *ja-na* *he*
 nadya.F.SG=DAT *zoo.M.SG.LOC* *go-INF.M.SG* *be.PRES.3.SG*
 ‘Nadya has/wants to go to the zoo.’
 (Butt, 2006a)

- (30) *nadya=ne* *zu* *ja-na* *he*
 nadya.F.SG=ERG zoo.M.SG.LOC go-INF.M.SG be.PRES.3.SG
 ‘Nadya wants to go to the zoo.’
 (Butt, 2006a)

Os exemplos acima mostram a importância de se analisar o sistema de Caso da língua como um todo, pois disso depende o tipo de marcação utilizada em um dado argumento. Sobre a marcação diferencial do sujeito em línguas do grupo Timbira, já é sabido que, nessas línguas, sujeitos transitivos podem receber até três marcas de Caso, quais sejam: nominativo, ergativo e dativo. Por sua vez, sujeitos intransitivos também podem receber até três marcas de Caso, a saber: nominativo, absolutivo e dativo. Tendo por base a proposta da DCT proposta por Butt (2006a) e por Butt & King (1991, 2003, 2005), ficamos em condições de melhor investigar os fatores sintático-semânticos que governam os sistemas de alinhamento de Caso em Pykobjê. Na próxima seção, discutimos outros aspectos teóricos relevantes desta pesquisa.

3.4 OUTROS ASPECTOS TEÓRICOS RELEVANTES

Nesta seção, resolvemos juntar alguns aspectos teóricos “secundários” para a proposta teórica desta tese. A seção consiste em três subseções, onde se discute, respectivamente, o seguinte: cisão intransitiva, sujeitos dativos e construções causativas.

3.4.1 *Cisão intransitiva*

Holisky (1987) busca reportar o uso do Caso ergativo em sujeitos de verbos intransitivos em Batsbi. Nesta língua ergativa, o sujeito de verbos intransitivos e objetos de verbos transitivos recebem marca distinta da do sujeito de verbos transitivos. Entretanto, a ergatividade nessa língua não é plena, pois alguns sujeitos de verbos intransitivos podem vir marcados com o Caso ergativo. Em Batsbi, os objetos de todas as sentenças transitivas e sujeitos não pronominais de sentenças intransitivas recebem a mesma marcação de Caso, aqui chamada de nominativo; já os sujeitos de todas as sentenças transitivas recebem Caso ergativo.

De acordo com a descrição oferecida por Holisky (1987, p. 104), há os verbos que podem ser classificados como transitivos ou intransitivos. Há ainda uma cisão de pessoa na marcação de Caso. Ou seja, se o sujeito for de terceira pessoa, a língua apresenta alinhamento ergativo regular, como se vê nos exemplos abaixo:

- BATSBI:
 (31) *bader dah" dapx-dalĩ* (intransitive)
 child+NOM PVB undress-AOR
 'The child got undressed.'

(adaptado de Holisky, 1987, p. 104)

- (32) *k'nat-ev bader dah" dapx-diẽ* (transitive)
 boy-ERG child+NOM PVB undress-AOR-3
 'The boy undressed the child.'
 (adaptado de Holisky, 1987, p. 104)
- (33) *surat ese qaic'-U* (intransitive)
 picture-NOM here hang-PRES
 'The picture is hanging here.'
 (adaptado de Holisky, 1987, p. 104)
- (34) *bedr-ev surat qoc'-jiẽ* (transitive)
 child-ERG picture-NOM hung-AOR
 'The child hung the picture.'
 (adaptado de Holisky, 1987, p. 104)

Entretanto, se o sujeito for de primeira ou segunda pessoa, o padrão muda. Assim, sentenças transitivas com sujeitos de primeira e segunda pessoa permanecem ergativas, mas sentenças intransitivas apresentam sujeitos ora marcados com nominativo ora marcados com ergativo. O que chama a atenção aqui são os contextos em que o verbo pode engatilhar ora Caso nominativo, ora Caso ergativo. Este sistema constitui, portanto, em uma 'marcação variável', similar à marcação fluida de sujeito intransitivo, tal como relatada por Dixon (Holisky, 1987, p. 105). Vejam-se os exemplos a seguir:

- BATSBI:
- (35) *(as) dah" japx-jail-n-as*
 1SG.ERG PVB undress-AOR-1SG-ERG
 'I got undressed.'
 (adaptado de Holisky, 1987, p. 105)

- (36) (so) *xe-n-mak* *qac'-u-so*
 1SG.NOM tree-DAT-on hang-PRES-1SG-NOM
 'I'm hanging in a tree.'
 (adaptado de Holisky, 1987, p. 105)
- (37) (as) *vuiž-n-as*
 1SG.ERG fell-AOR-1SG-ERG
 'I fell down, on purpose.'
 (adaptado de Holisky, 1987, p. 105)
- (38) (so) *vož-en-so*
 1SG.NOM fell-AOR-1SG-NOM
 'I fell down, by accident.'
 (adaptado de Holisky, 1987, p. 105)

Sobre essa aparente irregularidade, a autora afirma que a literatura não deixa claro se tal variação na marcação de Caso desses sujeitos é sistemática ou não, ou mesmo se ela ainda ocorre na língua (Holisky, 1987). Acerca dessa questão, ela afirma que, entre os autores que fizeram a descrição desse fenômeno, apenas dois trabalharam com falantes nativos da língua. Isso aponta para a importância de análises feitas diretamente com falantes das línguas analisadas. A partir disso, é iniciada a análise buscando explicar os parâmetros que orientam tal fenômeno em Batsbi.

Para iniciar, a autora discute sobre como fatores semântico-pragmáticos podem determinar a marcação diferencial do sujeito intransitivo. Conforme Holisky (1987, p. 106), os fatores que estão em jogo são a agentividade do sujeito e as propriedades de volição e de controle que o participante tem sobre o evento. Em resumo, a análise mostra que a língua opera em um sistema ergativo-

absolutivo, no qual sujeitos intransitivos pronominais podem se alinhar ora a sujeitos, ora a objetos, ou mesmo a ambos. O padrão de marcação desses sujeitos é apresentado nos seguintes níveis:

- a) intransitivos com apenas caso nominativo;
- b) intransitivos com marcação variável;
- c) intransitivos com apenas caso ergativo.

Sobre os intransitivos com ‘marcação variável’, podem ser divididos em contextos nos quais o nominativo é a norma, mas ergativo é possível; ambos nominativo e ergativo são possíveis, sem preferência por um ou outro; ergativo é a norma, mas nominativo é possível. Finalmente, a ‘marcação variável’ não é arbitrária, mas está de acordo com o significado do verbo mais o conhecimento de mundo (questões pragmáticas). Assim, a marcação de Caso forma grupos semânticos bem definidos (Holisky, 1987, p. 113).

A contribuição da análise realizada por Holisky para o Batsbi é muito importante neste trabalho, pois as línguas Timbira também apresentam cisão intransitiva. Sobre essa cisão, sabe-se que ocorre principalmente em sujeitos pronominais, mas seus condicionamentos devem ainda ser investigados.

Barros (2019) investigou a intransitividade cindida em línguas Jê Setentrionais. O autor afirma que em Canela, por exemplo, “os verbos

intransitivos possuem distintas séries de pronomes na codificação de seu único argumento” (Barros, 2019, p. 13). Vejam-se os dados abaixo:

- CANELA:
- (39) *wa ma mō*
 eu DIR ir
 ‘Eu vou.’ (Barros, 2019, p. 13)
- (40) *ca ha xwa*
 tu IRR banhar
 ‘Tu vais banhar.’ (Barros, 2019, p. 13)
- (41) *quê ha ajcahu*
 ela IRR correr
 ‘Ela vai correr.’ (Barros, 2019, p. 13)
- (42) *i-jōxwa*
 1-estar.com.sono
 ‘Eu estou com sono.’ (Barros, 2019, p. 13)
- (43) *a-catōc*
 2-estourar
 ‘Tu estouraste.’ (Barros, 2019, p. 13)
- (44) *iʔ-tyc*
 3-morrer+NF
 ‘Ela morreu.’ (Barros, 2019, p. 13)

Ainda conforme Barros (2019, p. 13), este padrão morfossintático foi identificado em outras línguas Jê Setentrionais. O autor afirma que duas análises relacionadas à motivação semântica da cisão intransitiva podem ser encontradas

em línguas desse grupo, quais sejam: (i) línguas Jê operam com um sistema agente-paciente (Castro Alves, 2009; Silva, 2011) e (ii) línguas Jê operam em um sistema ativo-estativo (Ferreira, 2003; Amado, 2004) (Barros, 2019, p. 14). Como mostraremos em nossa análise sobre a cisão intransitiva em Pykobjê, esta é motivada tanto pelo traço aspectual da sentença quanto pela semântica do verbo. Na próxima subseção, introduzimos o conceito de sujeitos dativos.

3.4.2 Sujeitos dativos

Klaiman (1980) apresenta o sujeito dativo em Bengali. A primeira hipótese apresentada pela autora é a de que sujeitos dativos expressam experiências do sujeito, isso é, experiências que ocorrem no corpo ou na mente do experienciador. Estas são as propriedades semânticas intrínsecas a esses sujeitos.

A segunda hipótese apresentada é a do ‘recipiente’, que diz que sujeitos dativos são na verdade recipientes em nível semântico. Isso se deve ao fato de haver uma tendência entre as línguas do mundo de marcarem seus sujeitos dativos com a mesma marca de Caso dos objetos indiretos. Como citado pela autora, “alguns sujeitos não são nem agente nem paciente em sentenças que envolvem noções verbais de sensação, emoção e cognição; nesses casos, tais sujeitos são em geral o recipiente.” Esta hipótese se mostra fraca porque algumas

línguas do mundo marcam seus sujeitos dativos/afetados e objetos indiretos diferentemente, como é o caso do Bengali, em que sujeitos afetados são marcados com o caso genitivo, enquanto objetos indiretos são marcados como objetos diretos.

A terceira hipótese de Klaiman (1980) para explicar o sujeito dativo em Bengali compreende o conceito de volição, aqui entendido como a propriedade semântica [+CONTROLE]. Após realizar testes sobre a relação entre volição do sujeito e marcação de Caso, Klaiman chega à conclusão de que sujeitos dativos são semanticamente não-volicionais (mesmo sentido de não-agentes), também podendo ser entendidos como detentores da propriedade [-CONTROLE], confirmando que volição é o parâmetro de acordo com o qual os falantes escolhem entre as alternâncias entre dativo *versus* não-dativo, conforme mostram os dados a seguir:

- BENGALI:
 (45) *taar kaasi hocche*
 He.DAT cough is-becoming
 ‘He is coughing.’

(adaptado de Klaiman, 1980, p. 285)

- (46) *se kaasche*
 he.NOM is-coughing
 ‘He is coughing (on purpose).’

(adaptado de Klaiman, 1980, p. 285)

Notem que o Caso dativo nos dados acima expressa uma experiência intrínseca ao sujeito, validando, assim, a hipótese de que este Caso está diretamente relacionado à noção de que o participante é o recipiente e o afetado pelo evento. Nesse sentido, a propriedade [+EXPERIENCIADOR] no sujeito engatilha a mesma marca de Caso da propriedade [+BENEFICIÁRIO], [+AFETADO] ou [+ALVO].

A análise realizada por Klaiman (1980) para a língua Bengali oferece, portanto, subsídios para nossa análise, a ser desenvolvida sobre o estatuto gramatical do Caso dativo em línguas do grupo Timbira, uma vez que é comum que essas línguas usem sujeitos dativos para denotarem que estes possuem a propriedade [-CONTROLE].

Tendo em conta a proposta acima, nossa análise se baseará nos pressupostos oferecidos por Klaiman (1980) para investigar os fatores que condicionam o aparecimento do Caso dativo em Pykobjê e o interessante sistema de marcação diferencial do sujeito que essa língua exhibe. Na próxima subseção, investigamos o conceito de construções causativas e suas propriedades gramaticais.

3.4.3 Construções causativas

Consoante Comrie (1989), as línguas naturais podem apresentar três tipos de construções causativas, a saber: causativas analíticas (ou sintéticas), causativas morfológicas e causativas lexicais. As causativas lexicais se realizam a partir de um item lexical pleno, o qual funciona como um verbo transitivo. As causativas analíticas, por sua vez, realizam-se por meio de um item lexical que não se caracteriza como morfema ou clítico, mas ainda assim trata-se de um item cuja função é licenciar um evento a ser causativizado. Vejam-se os exemplos do português a seguir:

- (47) a. Os pratos caíram.
 b. Ela derrubou os pratos.
 c. Ela **fez** [os pratos caírem].
- (48) a. Os meninos correram.
 b. Ela *correu* os meninos.
 c. Ela **fez** [os meninos correrem].

Nos dados acima, os exemplos transitivos funcionam como pares mínimos de sua contraparte intransitiva. Assim, o verbo *derrubar* pode ser interpretado como *causar cair* (um par heterônimo), enquanto o verbo *correr*, do português dialetal, pode ser interpretado como *causar correr*, um par causativo homônimo de *correr* (intransitivo). Nos exemplos com o item lexical ‘fazer’, este tem a função principal de causar o evento da oração encaixada. Assim, embora seja um item lexical pleno, sua função é principalmente sintática, qual seja: a de

licenciar a causação de um evento secundário. O terceiro tipo de construção causativa são as causativas morfológicas. Estas se realizam por meio de um morfema causativo, o qual aparece na forma de um morfema preso ou clítico. Observem-se os exemplos a seguir:

- CANELA:
- (49) *ko kakrɔ*
 água estar.quente
 ‘A água está quente.’
 (adaptado de Castro Alves, 2004, p. 73)
- (50) *a-tɛ ko tɔ= iʔ-kakrɔ*
 2-ERG água CAUS= 3-estar.quente
 ‘Você esquentou a água.’
 (adaptado de Castro Alves, 2004, p. 74)
- (51) *hĩ tf-ɜr*
 carne PR-estar.cozida
 ‘A carne está cozida.’
 (adaptado de Castro Alves, 2004, p. 74)
- (52) *a-tɛ hĩ tɔ= h-ɜr*
 2-ERG carne CAUS= 3-estar.cozida
 ‘Você cozinhou a carne.’
 (adaptado de Castro Alves, 2004, p. 74)

Castro Alves (2004) analisa os exemplos acima como uma forma de construção causativa morfológica, pois a partícula *tɔ* deve vir sempre clítica ao verbo principal (se este for intransitivo), sobre o qual trata o evento causado. Note-se que a cliticização da partícula ao verbo cria um evento complexo.

Além disso, a autora afirma que esse tipo de construção causativa na língua Canela é também uma forma de mudança de valência verbal, uma vez que transforma um verbo intransitivo (seja ativo ou estativo) em verbo transitivo (Castro Alves, 2004, p. 73).

Esta discussão é relevante pois a análise das construções causativas em Pykobjê pode ajudar a compreender seu sistema de marcação de Caso. Na próxima seção, apresentamos o resumo do capítulo.

3.5 RESUMO DO CAPÍTULO

Neste capítulo, apresentamos o quadro teórico que orienta esta pesquisa. Ao perpassar de uma perspectiva ampla acerca do conceito de Caso até discussões mais aprofundadas sobre fenômenos linguísticos encontrados nas línguas do grupo Timbira, mostramos que as referências escolhidas contribuem para a análise proposta. Para tanto, discutimos principalmente sobre o conceito de Caso, Ergatividade, marcação diferencial e, de forma secundária, sobre cisão intransitiva, sujeitos dativos e construções causativas, buscando parâmetros de investigação para os mesmos fenômenos em Pykobjê.

CAPÍTULO 4

ESBOÇO GRAMATICAL

Este capítulo busca descrever aspectos da gramática da língua Pykobjê. O objetivo é contribuir com a elaboração de uma descrição detalhada de parte da gramática do Pykobjê, investigando a estrutura de sintagmas e de orações. A descrição a ser realizada neste capítulo fornecerá subsídios para a análise teórica a ser realizada nos próximos capítulos, os quais visam a análise sobre o sistema de Caso do Pykobjê a partir da Teoria de Caso gramatical adotada nesta tese.

O capítulo contém dez seções. Na seção 1, descrevemos a organização sonora da língua. Na seção 2, apresentamos o sistema de pronomes pessoais e de prefixos relacionais em Pykobjê e outras línguas Timbira. Na seção 3, descrevemos a morfologia nominal por meio de critérios morfológicos, sintáticas e semânticas. Na seção 4, investigamos a morfologia dos verbos transitivos e intransitivos. Na seção 5, analisamos a organização dos argumentos nucleares na oração. Na seção 6, examinamos o estatuto do argumento dativo e sua emergência como sujeito dativo. Na seção 7, demonstramos a relevância de partículas para codificar noções gramaticais como tempo, aspecto e modo. Na seção 8, descrevemos as construções causativas. Na seção 9, descrevemos os

mecanismos de coordenação e *switch-reference* encontramos em Pykobjê e Timbira. Por fim, a seção 10 apresenta o resumo do capítulo.

4.1 FONOLOGIA

4.1.1 Segmentos fonético-articulatórios

A primeira descrição fonológica da língua Pykobjê foi realizada no trabalho de Sá (1999), o qual buscou fornecer uma análise preliminar da fonologia da língua. Neste trabalho, analisaram-se as unidades distintivas, a estrutura silábica e o padrão acentual do Pykobjê (Silva, 2017, p. 113). Amado (2004b) revisou este trabalho para subsidiar a discussão sobre aspectos morfofonológicos em Pykobjê.

Amado (2004b) apresenta os seguintes sons consonantais encontrados em Pykobjê:

Quadro 4.1: sons consonantais em Pykobjê

	Labiais	Coronais		Dorsais		Glottais
Oclusivas	p	t	tʃ	k	k ^h	ʔ
	b	d		g		
Nasais	m	n		^ɲ g		
Fricativas		s	ʃ			h
Aproximantes	w	r	j			

Fonte: Amado (2004b, p. 15).

Conforme Amado (2004b, p. 15), “o traço [SONORO] nas oclusivas só ocorre com os segmentos simples.” Portanto, a sonoridade está restrita aos segmentos que portem o traço [-CONTÍNUO], uma vez que tanto [tʃ] quanto [k^h] apresentam um traço [+CONTÍNUO] no segundo segmento (Amado, 2004b, p. 15). Ou seja, esses seguimentos não apresentam contraparte sonora.

Em seguida, Amado (2004b) apresenta os seguintes sons vocálicos encontrados em Pykobjê:

Quadro 4.2: sons vocálicos em Pykobjê

Coronais				Dorsais			Dorso-labiais				
í	í:	ĩ		í	í:	ĩ		u	u:	ũ	
e	e:	ẽ	ẽ:	ə	ə:	ẽ		o	o:	õ	õ:
ɛ	ɛ:							ɔ	ɔ:		
				a	a:						

Fonte: Amado (2004b, p. 16).

Desses 26 sons vocálicos, 8 são sons nasais (Sá, 1999 *apud* Silva, 2017, p. 114). Amado (2004b, p. 16) nota ainda que todas as vogais orais podem sofrer alongamento vocálico e o traço de nasalidade não é encontrado em nenhuma vogal baixa. Ainda dentre as vogais nasais, apenas as médias coronais e as médias dorso-labiais apresentam alongamento. Todos os sons fonético-articulatórios do Pykobjê podem ser classificados em unidades distintas, como mostra a próxima subseção.

4.1.2 Unidades distintas

Dos 18 sons consonantais encontrados em Pykobjê, Amado (2004b) identifica apenas 11 consoantes distintas, apresentadas na tabela abaixo:

Quadro 4.3: consoantes distintas em Pykobjê

	Labiais	Coronais		Dorsais		Glottais
Obstruintes	p	t	tʃ	k	k ^h	h
Nasais	m	n				
Aproximantes	w	r	j			

Fonte: Amado (2004b, p. 20).

O quadro acima mostra que o quadro de oclusivas agora se restringe aos segmentos não-vozeados. Isso ocorre porque a realização de oclusivas vozeadas ocorre em variação livre com os segmentos homorgânicos não-vozeados em posição intervocálica ou em fronteiras morfológicas (Amado, 2004b, p. 20). Citamos como exemplos /pac.¹re/ → [pag.¹re] ‘escorpião’ e /ẽj.¹to/ → [ẽj.¹do] ‘meu olho’.

Além das oclusivas, as outras unidades distintas e seus alofones foram classificados por Amado (2004b) da seguinte forma:

[h ~ ʔ]: o segmento oclusivo glotal é considerado um alofone da fricativa glotal porque esta aparece em posição canônica do padrão silábico universal CV (Amado, 2004b, p. 20). Ou seja, [h] aparece em posição de ataque silábico, mas

[ʔ] aparece em posição de coda, como nos exemplos [ha.'ka:] ‘branco’, [roʔ.'te] ‘sucuri’ e [haʔ.'kə] ‘lábio’.

[j ~ s ~ ʃ]: as fricativas [s] e [ʃ] são consideradas alofones da unidade [j] por ocorrerem em variação livre com este fonema na posição de coda silábica. Por exemplo, a palavra [kaj] ‘pacará’ (um tipo de cesto) é pronunciada em Pykobjê como [kas]. Entretanto, Amado (2004b, p. 21) menciona que este traço é um distintivo do povo Gavião junto aos outros povos Timbira, uma vez que só ocorre na língua falada por esse povo.

[^hg]: Amado (2004b, p. 22) excluiu a dorsal pré-nasalizada do quadro de unidades distintivas “por esta se apresentar como um segmento de baixíssima frequência”, ocorrendo em palavras tais como [ka.^hgã]/ ‘cobra’ e [^hgõr] ‘dormir’. Porém, este fonema é representado pelo grafema **g**, como será visto na próxima subseção.

[k] e [k^h]: essas unidades são consideradas unidades distintivas por Amado (2004b) quando em posição de ataque silábico, que encontrou os seguintes pares mínimos:

[kre]	‘ovo’	[k ^h re]	‘toca, buraco’
[krẽ]	‘cantar’	[k ^h rẽ]	‘aldeia’
[kin]	‘feio, mal’	[k ^h in]	‘ralar [mandioca]’
[krow]	‘flecha’	[k ^h row]	‘buriti’

Contudo, esses fonemas sofrem neutralização quando ocorrem em posição de coda silábica (Sá, 1999, p. 52), ocorrendo apenas como [k], como em [hək] ‘gavião’.

Dos 26 sons vocálicos encontrados em Pykobjê, Amado (2004b) identifica apenas 7 vogais orais e 3 vogais nasais como unidades distintas, apresentadas na tabela abaixo:

Quadro 4.4: vogais distintas em Pykobjê

	Coronais	Dorsais	Dorso-labiais
Orais	i	ɨ	u
	e	ə	o
		a	
Nasais	ẽ	ã	õ

Fonte: adaptado de Amado (2004b, p. 24-25).

Amado (2004b, p. 23) tece os seguintes comentários sobre fonemas vocálicos e seus alofones:

- [ɛ] e [ɔ] apresentam-se como variação livre de [e] e [o], respectivamente.
- há variação livre também entre [i] e [ɨ], embora existam pares mínimos com essas vogais.
- as vogais [a] e [ə] sofrem um processo de neutralização em presença de consoante nasal, o qual resulta em nasalização regressiva (Amado, 2004b,

p. 25). Essa neutralização é mais bem exemplificada pelas formas finita e não-finita, respectivamente, do verbo ‘matar’: [ko.'ra] e [ko.'rɔ̃n].

Sá (1999, p. 62) afirma que as vogais longas do Pykobjê são decorrentes de dois processos fonológicos. Um desses processos resulta em uma alternância da vogal longa com as sequências V+glotal e V+*glide* e com a sílaba VC, como em [aʔ.'kit] e [a:.'kit] ‘mato’. A hipótese da autora é a de que “o alongamento vocálico ocorre para preencher a posição vazia com o desaparecimento da glotal ou do *glide*” (Sá, 1999, p. 63).

O segundo processo ocorre em sílabas V, as quais só ocorrem em início de palavra. Nesses contextos, a sílaba V sempre será realizada por V:, como em [a:.'hu] ‘teu cabelo’. Além disso, esse alongamento também ocorre em palavras monossilábicas CV e CCV quando isolados ou mesmo na composição de um novo vocábulo (Sá, 1999, p. 63-64), como em [pɔ̃ → pɔ̃:] ‘campo’ e [tʃo → tʃo:] ‘cachorro’ → [tʃo:.'re] ‘raposa’.

Na próxima seção, damos início à descrição de aspectos da gramática da língua Pykobjê com o objetivo de fornecer uma visão panorâmica do funcionamento da língua.

4.2 PRONOMES PESSOAIS E PREFIXOS RELACIONAIS

Esta seção tem por objetivo de descrever o sistema de pronomes pessoais da língua Pykobjê e apresentar a distribuição dos prefixos relacionais. A descrição do sistema pronominal da língua torna-se muito crucial, visto que o sistema de alinhamento de Caso fica particularmente evidente devido à distribuição das marcas morfológicas de Caso dos argumentos nucleares A, S e O e as relações gramaticais que eles estabelecem na oração. Já o estudo dos prefixos relacionais se mostra pertinente por identificar relações gramaticais tais como sujeito de verbos intransitivos (sejam eles de ação ou de estado), posição canônica do objeto e o movimento sintático que esses constituintes perfazem na oração.

A seção consiste em duas subseções. Na primeira, descrevemos o sistema de marcação de pessoa do Pykobjê, mostrando algumas ocorrências para os conjuntos de pronomes e prefixos de pessoa. Na segunda, discutimos a noção de prefixos relacionais em línguas do complexo Timbira, mostrando sua importância para a análise morfossintática da língua.

4.2.1 Pronomes pessoais

Assim como as outras línguas do grupo Timbira, o Pykobjê apresenta um sistema de pronomes pessoais subdivididos em pronomes enfáticos, pronomes livres e pronomes presos²⁵. Conforme Amado (2004b, p. 68), “os pronomes enfáticos são utilizados como forma de citação, como resposta simples a uma pergunta e também em situação de foco”. Vejam-se os exemplos abaixo:

- (1) *pa* *ẽj-te* *cu* *j-akjin*
 eu 1-ERG água PR-buscar+NF
 ‘Eu é que busquei água.’
 (adaptado de Amado, 2004b, p. 68)

- (2) *tem* *jõm* *te* *prutte* *ø-quin?*
 INT alguém ERG jenipapo PR-ralar+NF

ta
 ela
 ‘Quem ralou jenipapo? Ela.’
 (adaptado de Amado, 2004b, p. 68)

Muito mais relevantes para este trabalho são os pronomes livres e presos. Os pronomes livres são, segundo a autora, “usados como sujeitos dos verbos ativos (ou de ação), tanto transitivos quanto intransitivos, quando expressos nos tempos não-passado (presente ou futuro)” (Amado, 2004b, p. 69). Nossa

²⁵ A nomenclatura utilizada para se referir a esses pronomes podem variar de acordo com a autoria. Por exemplo, Amado (2004b) e Silva (2011) se referem aos pronomes do Pykobjê como dependentes e independentes, mas neste trabalho nos referimos como pronomes presos e livres, respectivamente.

interpretação difere ligeiramente da de Amado no sentido de que acreditamos que a principal diferença entre as formas pronominais é que as formas livres ocorrem no alinhamento nominativo-acusativo, codificando os sujeitos nominativos *obrigatórios*. Ou seja, os pronomes livres realizam os argumentos A e S de verbos de ação na forma finita (aspecto imperfectivo), conforme mostram os exemplos a seguir:

- (3) *qui* *ha* *cwyr* *ø-qui*
 ela IRR mandioca PR-ralar
 ‘Ela ralará mandioca.’

(adaptado de Amado, 2004b, p. 70)

- (4) *wỳyr* *qui* *tẽ*
 NEG/FUT ela ir
 ‘Ela não virá.’

(adaptado de Amado, 2004b, p. 70)

Nossa proposta é a de que os pronomes livres aparecem nessa forma porque recebem o Caso nominativo, o qual é licenciado quando o verbo está no aspecto imperfectivo/forma finita. Note-se que, nos exemplos acima, as partículas {*ha*} e {*wỳyr*} são muito importantes para determinarmos quando uma oração opera com o sistema de alinhamento nominativo-acusativo.

Já com relação aos pronomes presos do Pykobjê, Silva (2011, p. 106-107) afirma que eles cobrem o maior número de contextos na língua, pois podem

“estar prefixados a partículas marcadoras de Caso²⁶”, “aparecer ligados a um membro da classe dos verbos”, e “aparecer prefixados a um nome pertencente à subclasse semântica dos inalienáveis”, além de aparecerem como objetos de verbos transitivos. Os verbos a que Silva (2011) se refere são os verbos intransitivos inacusativos e verbos inergativos²⁷ apenas no aspecto perfectivo. Nesses verbos, o pronome preso aparece como sujeito obrigatório, ou como objeto de qualquer verbo transitivo, conforme mostram os dados a seguir:

- (5) *aa-te* *xoore* *ø-proo*
 2-ERG raposa PR-pegar+NF
 ‘Tu pegaste a raposa.’
 (adaptado de Silva, 2011, p. 106)

- (6) *mam* *co-mỹ* *cu* *x-en*
 REM 3-DAT água PR-gostar
 ‘Antigamente ele gostava de água.’
 (adaptado de Silva, 2011, p. 107)

- (7) *e’no’nyĩ* *aa-tẽm* *a’quit* *cỹm*
 ontem 2-ir+NF mata LOC
 ‘Ontem tu foste à mata.’
 (adaptado de Silva, 2011, p. 107)

- (8) *a’crajre* *te* *ẽ’-popon*
 criança ERG 3-ver+NF
 ‘A criança o viu.’
 (adaptado de Silva, 2011, p. 107)

²⁶ A autora se refere às posições {te} e {mỹ} como partículas marcadoras de caso por licenciarem, respectivamente, os argumentos com Caso ergativo e dativo (cf. Silva 2011).

²⁷ Neste trabalho, usamos as nomenclaturas ‘verbos inergativos’ e ‘verbos inacusativos’ para classificar a cisão entre verbos intransitivos (cf. seção 3.4).

- (9) *ẽj-crỹ* *x-ỹ*
 1-cabeça PR-doer
 ‘Minha cabeça está doendo.’

(adaptado de Silva, 2011, p. 107)

- (10) *aa-pẽjõje* *ø-cator*
 2-genro PR-sair
 ‘Teu genro saiu.’

(adaptado de Silva, 2011, p. 108)

Os exemplos acima ilustram as ocorrências dos pronomes presos, quais sejam: complemento de posposição (exemplos 5 e 6); objeto direto de verbo transitivo (exemplo 8) e sujeito de alguns verbos intransitivos (exemplo 7); e como possuidor em nomes de posse inalienável (exemplos 9 e 10).

Em suma, é possível concluir que os pronomes livres são assim chamados por não se ligarem a qualquer item lexical e por serem formas livres. Já os pronomes presos são assim chamados porque são formas dependentes, visto que ocorrem sempre proclíticos a algum item lexical, tais como posposições, verbos ou nomes. A seguir, listamos os contextos nos quais cada conjunto de pronomes deve aparecer:

PRONOMES LIVRES:

- ocorrem na posição sintática de sujeitos de verbos intransitivos inergativos na forma finita;
- ocorrem na posição sintática de sujeitos de verbos transitivos na forma finita.

PRONOMES PRESOS:

- ocorrem na posição sintática de verbos intransitivos inacusativos e inergativos no aspecto perfectivo;
- ocorrem na posição sintática de argumento interno de verbos transitivos;
- ocorrem na posição sintática de complemento de posposição;
- marcador de pessoa ligados diretamente a nomes de posse inalienável.

O quadro a seguir resume a distribuição morfossintática das formas pronominais dos três conjuntos encontrados em Pykobjê:

Quadro 4.5: pronomes pessoais em Pykobjê

Pronomes	Enfáticos	Livres	Presos
1º singular	Pa	wa	∅ / ěj-
2º singular	Ca	ca	aa-
3º singular	Ta	∅ / qui	∅ / ě'- / co-
1º plural exclusivo	me paa	co me	me ěj-
1º plural inclusivo	me paa	wa me	me ěj- ²⁸
2º plural	me ca	ca me	me aa-
3º plural	me ta	∅ me / qui me	me ∅ / me ě'- / me co-

Fonte: elaborado pelo autor, adaptado dos quadros propostos em Silva (2011, p. 110-111).

Um fator importante a ser considerado a partir do quadro acima é a proposta de um pronome preso na forma {∅} para a primeira pessoa do singular. Tal forma foi proposta pelo professor Miranda (2020, comunicação pessoal) no parecer do projeto definitivo desta pesquisa, e prevê-se a perda do pronome {ěj-} diante de temas iniciados por vogal. Observem-se os exemplos a seguir:

KRAHÔ:

- (11) *itar i-j-ĩr*
 aqui 1-PR-sentar+NF
 ‘Estou sentado aqui.’

(adaptado de Miranda, 2014, p. 110)

CANELA:

- (12) *i-p-õ kuhe*
 1-PR-GEN arco
 ‘Meu arco.’

(adaptado de Castro Alves, 2004, p. 26)

²⁸ No Dicionário Gavião-Krikati (Pries, 2008, p. 142), há diversas entradas que sugerem um pronome preso de primeira pessoa do plural ‘me pa-’, mas essa forma não foi encontrada em nenhuma descrição anterior sobre a língua Pykobjê.

- (13) *i-j-õxwa*
 1-PR-sono
 ‘Estou com sono.’

(adaptado de Barros, 2019, p. 13)

A partir dos exemplos acima, percebemos que não houve perda do pronome preso de primeira pessoa do singular diante de temas iniciados por vogal nessas línguas, mas essa perda parece ter ocorrido em Pykobjê. Comparem-se os dados anteriores com os dados abaixo:

- (14) *ø-j-õ* *coohi*
 1-PR-GEN arco
 ‘Meu arco.’

- (15) *ø-j-õxwaa*
 1-PR-sono
 ‘Estou com sono.’

Anteriormente, glosávamos esses exemplos da seguinte forma:

- (16) *j-õxwaa*
 1-sono
 ‘Estou com sono.’

Assim, a comparação com dados contendo temas iniciados por vogal e acompanhados de pronome preso de segunda e terceira pessoas sugere que essa análise precisa ser refeita:

- (17) *ø-j-õt*
 1-PR-dormir+NF
 ‘Eu dormi.’

- (18) *aa-j-õt*
 2-PR-dormir+NF
 ‘Tu dormiste.’
- (19) *ø-h-õt*
 3-PR-dormir+NF
 ‘Ela dormiu.’

A partir da análise dos dados acima, foi possível corroborar a hipótese de Miranda, conforme a qual houve a perda do pronome {*ěj-*} diante de temas iniciados por vogal. Assim, diante dessa classe de verbos, houve perda das formas presas {*ěj-*} e {*ẽ’-*}, de primeira e terceira pessoas do singular, respectivamente.

Outra situação interessante decorre da variação de pronúncia do pronome preso de segunda pessoa do singular mais o prefixo relacional. Nessa situação, {*aa-j-õ*} pode ser pronunciado como {*g-õ*}, conforme se observa a seguir:

- (20a) *aa-j-õ* *crỹ’tõm*
 2-PR-GEN tio
 ‘Teu tio.’
- (20b) *g-õ* *crỹ’tõm*
 2.PR-GEN tio
 ‘Teu tio.’

Essa situação já havia sido descrita para o Canela por Castro Alves (2004, p. 83). A autora chamou a forma resultante de prefixo *portmanteau*, conforme ilustram os próximos exemplos:

CANELA:

- (21a) **a-j-apak**
 2-PR-orelha
 ‘Tua orelha.’

(adaptado de Castro Alves, 2004, p. 83)

- (21b) **ŋ-apak**
 (2+PR)-orelha
 ‘Tua orelha.’

(adaptado de Castro Alves, 2004, p. 83)

Por se tratar de um prefixo *portmanteau*, optamos por não inseri-lo no quadro de pronomes pessoais da língua Pykobjê. Há ainda alguns fatores importantes a serem levados em consideração em se tratando da marcação de terceira pessoa²⁹. Se não houver algum elemento que obrigue sua realização morfológica, então o pronome livre pode aparecer na forma nula { \emptyset }; mas se houver a presença de algum elemento tal como a partícula *ha*, de modo *irrealis*, então a presença do pronome de terceira pessoa plena *qui* é obrigatória, conforme exemplos abaixo:

- (22) \emptyset *cormỹ tẽ*
 ela PRES ir
 ‘Ela está indo agora.’

(adaptado de Amado, 2004b, p. 70)

- (23) **qui** *ha* *ngõr*
 ela IRR dormir
 ‘Ela vai dormir.’

(adaptado de Sá, 1999, p. 60)

²⁹ Para um melhor entendimento sobre a expressão pronominal de terceira pessoa em línguas Timbira, remetemos o leitor ao trabalho de Ribeiro-Silva (2016) sobre o Parkatejê.

Por sua vez, o pronome de terceira pessoa preso {co-} ocorre apenas preso a posições e a uma classe específica de verbos. A seguir, apresentamos as ocorrências dos prefixos relacionais, a partir da comparação com outras línguas do grupo Timbira.

4.2.2 Prefixos relacionais

Os prefixos relacionais são uma categoria gramatical que marca a contiguidade ou não-contiguidade de um núcleo e seu complemento. Conforme Rodrigues (2002, p. 45 apud Silva, 2011, p. 120), prefixo relacional “estabelece uma relação de dependência entre a raiz e o termo que a precede.” Silva (2011) atesta para o Pykobjê o uso de prefixos relacionais (doravante PR) na classe dos nomes e na classe dos verbos intransitivos estativos.

Com relação à classe dos verbos, a autora os divide em *verbos estativos absolutos* e *verbos estativos relativos*, de acordo com a classe de PR que permitem. Ou seja, os verbos *absolutos* possuem PR não-marcado, enquanto os verbos *relativos* são aqueles que possuem os PR /h- ~ j-/.

Miranda (2010), investigando os PR em Krahô, afirma que eles são prefixos que marcam as relações sintáticas entre um verbo transitivo e seu objeto, um verbo intransitivo e seu sujeito, o possuidor e o elemento possuído, uma

posposição e seu complemento. O autor sustenta ainda que “se todos os verbos se combinam com prefixos relacionais, o mesmo não ocorre com os nomes” (Miranda, 2010, p. 17).

Miranda (2014) propõe análises para o que chama de flexão relacional que ocorre com nomes, verbos e posposições. Para o autor, esse é o único tipo de flexão que ocorre em Krahô, sendo um mecanismo morfossintático por meio do qual é estabelecida a relação de dependência sintática entre o núcleo e seu determinante (Miranda, 2014, p. 76-77). Ele divide os temas nominais, verbais e posposicionais em duas classes, de acordo com o uso que fazem dos prefixos relacionais, sendo chamadas de CLASSE A (temas iniciados por vogal) e CLASSE B (temas iniciados por consoante).

De acordo com o sistema mostrado pelo autor, o prefixo de contiguidade é representado por R^1 , enquanto o prefixo de não-contiguidade é representado por R^2 . Assim, uma classe possui tanto $PR R^1$ e R^2 . A partir das três tabelas mostrada por Miranda (2014) em suas análises, foi possível generalizar o seguinte quadro com os prefixos relacionais encontrados em Krahô:

Quadro 4.6: distribuição dos prefixos relacionais em Krahô

		CLASSE A			CLASSE B				
Nomes	R¹	j-	ts-		∅	∅	∅	∅	
	R²	h-	h- ~ ∅		∅	i-	iʔ-	iN-	
Verbos	R¹	j-	ts-	∅	∅	∅	∅	∅	∅
	R²	h-	h- ~ ∅	∅	∅	i-	iʔ-	iN-	ku-
Posposições	R¹				∅		∅		∅
	R²				∅		iʔ-		ku-

Fonte: adaptado de Miranda (2014, p. 77, 121 e 143).

Nem todos os prefixos relacionais acima são encontrados em todas as classes de palavras em questão, uma vez que o quadro é uma generalização. Portanto, são necessárias algumas observações.

Os PR de CLASSE A não ocorrem com posposições, provavelmente devido ao fato de que Miranda (2014, p. 75) considera a marca {-õ} como um morfema que se combina com prefixos relacionais. Neste trabalho, consideramos esta marca uma posposição genitiva, seguindo Castro Alves (2004, p. 48). Ainda na classe das posposições, não são encontradas as oposições {∅}-{i-} e {∅}-{iN-} da CLASSE B (temas iniciados por consoante).

A alternância {∅}-{∅} nos temas da CLASSE A (iniciados por vogal) são encontrados apenas em verbos, nunca em nomes ou posposições. Por sua vez, a alternância {∅}-{ku-} só ocorre com verbos e posposições.³⁰ a

³⁰ Os colchetes são usados para identificar a contiguidade do item lexical (verbo, nome, posposição) e seu complemento obrigatório, incluindo o prefixo relacional.

seguir buscam ilustrar cada uma das alternâncias de prefixos relacionais ocorrendo em temas nominais, verbais e posposicionais em Krahô:

- KRAHÔ:
- (24a) [rɔp j-ĩn]
cachorro R¹-fezes
'Fezes do cachorro.'
(adaptado de Miranda, 2014, p. 78)
- (24b) [h-ĩn]
R²-fezes
'Fezes (de algo ou alguém).'
- (25a) [ampɔ ts-v]
algo R¹-urina
'Urina de gente.'
(adaptado de Miranda, 2014, p. 79)
- (25b) mẽ [h-v]
HUM R²-urina
'Urina de gente.'
(adaptado de Miranda, 2014, p. 79)
- (26a) [pitwrire ø-amra]
lua R¹-chorar+NF
'Lua chorou.'
(adaptado de Melatti, 2010, p. 64 apud Miranda, 2014, p. 123)
- (26b) pe a-ø-k^hra apu [ø-amra]
INT 2-R¹-filho PROG R²-chorar
'Teu filho está chorando?'
(adaptado de Miranda, 2014, p. 123)
- (27a) [kra ø-ho]
paca R¹-pelo
'Pelo de paca.'
(adaptado de Miranda, 2014, p. 80)

- (27b) *[ø-ho]*
 R²-pelo
 ‘Pelo (de algo ou alguém).’
 (adaptado de Miranda, 2014, p. 80)
- (28a) *[poj ø-təj]*
 jatobá R¹-duro
 ‘Jatobá duro.’
 (adaptado de Miranda, 2014, p. 81)
- (29b) *kɔrmã [i-təj-ti]*
 ainda R²-duro-AUM
 ‘Ainda está muito duro.’
 (adaptado de Miranda, 2014, p. 81)
- (29a) *[i-ø-tõ] ø-k^hə*
 1-R¹-irmão R¹-velho
 ‘Meu irmão mais velho.’
 (adaptado de Miranda, 2014, p. 81)
- (29b) *[iʔ-tõ] ø-k^hə*
 R²-irmão R¹-velho
 ‘Irmão (de alguém) mais velho.’
 (adaptado de Miranda, 2014, p. 81)
- (30a) *[pito ø-pjen]*
 pito R¹-esposo
 ‘Esposo de Pito.’
 (adaptado de Miranda, 2014, p. 81)
- (30b) *[im-pjen]*
 R²-esposo
 ‘Esposo de alguém.’
 (adaptado de Miranda, 2014, p. 82)
- (31a) *ĩn-tsi [i-ø-mã] ita ø-tsi*
 R²-mãe 1-R¹-DAT DEM R¹-guardar
 ‘mãe dele, guarde isto para mim.’
 (adaptado de Miranda, 2014, p. 145)

- (31b) *jũm* *ø-tɛ* *mã* [*ku-mã*] *wapɔ* *ø-tsir*
 INT R¹-ERG FOC R²-DAT faca R¹-guardar+NF
 ‘Quem guardou a faca para ele?’

(adaptado de Miranda, 2014, p. 145)

Embora no momento, devido à escassez de dados, não seja possível arrolar exemplos com todas as ocorrências dos prefixos relacionais em Pykobjê, é possível propor que suas ocorrências são semelhantes às de outras línguas do grupo Timbira. O Pykobjê também possui prefixos relacionais, como mostram os exemplos a seguir:

- (32a) *ẽ'prẽ'nỹ* [*wacyy* *ø-cwỹn*]
 devagar faca PR-quebrar+NF
 ‘A faca quebrou-se lentamente.’

- (32b) *wacyy* *ẽ'prẽ'nỹ* [*ẽn-cwỹn*]
 faca devagar PR-quebrar+NF
 ‘A faca quebrou-se lentamente.’

- (32c) **wacyy* *ẽ'prẽ'nỹ* [*cwỹn*]
 faca devagar quebrar+NF
 ‘A faca quebrou-se lentamente.’

Os exemplos acima mostram que existe uma ordem rígida entre o sujeito e verbo intransitivo ativo, quando este se encontra na forma não-finita. Todavia, se o sujeito é deslocado de sua posição canônica para outra posição na oração, então um prefixo relacional de não-contiguidade deve ser acionado no verbo. Se este prefixo não estiver presente na raiz verbal, então a sentença se torna agramatical. Além do contexto acima, há um contexto em que o prefixo

relacional muda na raiz verbal, como forma de indicar presença ou ausência de contiguidade do argumento interno do verbo, como mostram os exemplos abaixo:

(33a) *aajoo te amjõmỹ'ẽmpej'cỹm [tircwyj j-ahir]*
 aajoo ERG de.propósito tircwyj PR-assustar+NF
 'Aajoo assustou Tircwyj de propósito.'

(33b) *aajoo te tircwyj amjõmỹ'ẽmpej'cỹm [h-ahir]*
 aajoo ERG tircwyj de.propósito PR-assustar+NF
 Aajoo assustou Tircwyj de propósito.'

Assim, embora não seja possível oferecer um inventário exaustivo dos alomorfes de PR em Pykobjê, é-nos possível notar ocorrências similares às daquelas das outras variedades Timbira. Há ainda em Pykobjê o pronome de terceira pessoa {co-}, o qual é cognato ao prefixo de terceira pessoa {ku-} da língua Krahô, conforme se observa nos exemplos a seguir:

(34) *ẽj-mỹ bur cwya wa [co-co]*
 1-DAT bolo QUANT eu PR-comer
 'Me dá um pedaço de bolo para eu comer.'

A forma pronominal de terceira pessoa {co-} tem uma característica sintática interessante. Como mostrado por Miranda (2014) sobre os PR em Krahô, essa forma pronominal só ocorre com verbos transitivos e posposições. O mesmo ocorre em Pykobjê, mas tal fato nos leva a uma discussão realizada por Ferreira (2003) sobre os verbos em Parkatejê. Conforme a autora, existe nas línguas Jê uma classe de verbos chamada de 'ku-verbs' ou simplesmente verbos da classe {ku-}, a qual já havia sido identificada por Stout (1975) em Mebengokre.

Acompanhando a proposta de Ferreira (2003, p. 105), assumiremos que essa classe é fechada, uma vez que o morfema {ku-} não é produtivo, já que está restrita a uma subclasse de raízes verbais, conforme a lista de verbos abaixo:

Quadro 4.7: alguns verbos da classe ‘ku-’ em Parkatejê

<i>ku-pĩ</i>	‘matar com flecha’
<i>ku-krẽ</i>	‘comer’
<i>ku-pi</i>	‘pegar, comprar’
<i>ku-prã</i>	‘tirar a cobertura da kia do kuputi ’
<i>ku-pa</i>	‘carregar’
<i>ku-ku</i>	‘comer’
<i>ku-pã</i>	‘cheirar’
<i>ku-ho</i>	‘comer sem muita mastigação’
<i>ku-hõ</i>	‘dar’
<i>ku-nĩ</i>	‘praticar sexo’

Fonte: Ferreira (2003, p. 104-105)

Em Pykobjê, até o presente momento, as únicas ocorrências encontradas do pronome cognato à forma {ku-} foram como complemento de verbos transitivos, substituindo um objeto ausente (exemplo (35) repetindo o exemplo (34)) ou como complemento de posposição, como se vê abaixo:

- (35) *ẽj-mỹ* *bur* *cwy* *wa* *co-co*
 1-DAT bolo QUANT eu PR-comer
 ‘Me dá um pedaço de bolo para eu comer.’

- (36) *ẽj-te* [*co-mỹ*] *wacyy to* *cruu* *ø-coran*
 1-ERG 3-DAT faca INSTR porco PR-matar+NF
 ‘Eu matei o porco com a faca para ele.’

Note-se que, no exemplo acima, o morfema em questão faz referência a um argumento oblíquo, e não a um argumento deslocado de sua posição original ou apagado no discurso. Ainda assim, é importante observar que há uma semelhança notável entre prefixos relacionais e prefixos de terceira pessoa do singular. Na próxima subseção, descrevemos a morfologia nominal por meio de análises morfológicas, sintáticas e semânticas.

4.3 MORFOLOGIA DO NOME

Em Pykobjê, como em outras línguas Timbira, os nomes podem ser analisados conforme sua morfologia, sintaxe ou semântica. Portanto, esta seção tem por objetivo realizar tais análises. Do ponto de vista morfológico, os nomes podem receber os sufixos derivacionais {-re} para diminutivo e {-te} para aumentativo, como mostrado em Amado (2004, p. 36). Observem-se os exemplos:

- (37) *ẽ'-cra*
PR-filho
'Filho de alguém.'
- (38) *ẽ'-cra-re*
PR-filho-DIM
'Filhote de algo.'
- (39) *ẽj-tõ-re*
1-irmão-DIM
'Meu irmãozinho.'

- (40) *ẽj-tõ-te*
 1-irmão-AUM
 ‘Meu irmãozão.’

Além dos sufixos derivacionais, os nomes podem receber a partícula marcadora de plural {me}, entretanto, essa partícula se restringe aos nomes com o traço [+HUMANO], conforme vemos a seguir:

- (41) *cahỹj*
 mulher
 ‘Mulher.’

- (42) *me cahỹj*
 PL mulher
 ‘Mulheres.’

- (43) **me xoo*
 PL cachorro
 ‘Os cachorros.’

Nomes não-humanos devem receber o plural coletivizador, como mostra o próximo exemplo:

- (44) *xoo catiji*
 cachorro COL
 ‘Os cachorros.’

Mas esse tipo de plural não é exclusivo dos nomes não-humanos, pois pode ser usado como coletivo em classes de humanos, inclusive com empréstimos do português, como se vê nos exemplos abaixo:

- (45) *a'crajre* *catiji jacryy*
 criança COL feliz
 'A criançada está feliz.'

(adaptado de Silva, 2011, p. 64)

- (46) *pa'he* *catiji*
 chefe COL
 'Os caciques (todos os caciques do povo Gavião).'

- (47) *professor* *catiji*
 professor COL
 'Os professores (enquanto uma categoria).'

Já do ponto de vista sintático, os nomes ocupam as posições de argumentos nucleares, ocorrendo como sujeito da oração e como objeto de verbo e de posposição, como se vê pelos exemplos a seguir:

- (48) *cujcwaa* *ngõr*
 cujcwaa dormir
 'Cujcwaa está dormindo.'

(adaptado de Amado, 2004, p. 36)

- (49) *aa-te* *cocuj* *ø-coran*
 2-ERG macaco PR-matar+NF
 'Tu mataste o macaco.'

(adaptado de Amado, 2004, p. 36)

- (50) *qui* *ha* *ẽj-xõ* *mỹ* *h-ymjõ*
 ela IRR 1-pai DAT PR-pagar
 'Ela vai pagar meu pai.'

(adaptado de Amado, 2004, p. 36)

Sintaticamente, é possível ainda que nomes ocupem a posição de predicado nominal da sentença, como se vê abaixo:

- (51) *ẽj-pi waajacaa*
 1-COP pajé
 ‘Eu sou pajé.’

Por fim, do ponto de vista semântico, os nomes podem ser classificados conforme sua posse. Nesse sentido, há nomes não-possuíveis e nomes possuíveis. Estes, por sua vez, podem ser de posse inalienável ou de posse alienável. Como em Parkatejê, nomes não-possuíveis incluem elementos relacionados a nomes de pessoas, a nomes de plantas e a fenômenos da natureza em geral (Ferreira, 2003, p. 49), tais como *amcro* ‘sol’ e *ta* ‘chuva’. Nomes de posse inalienável incluem partes do corpo, termos de parentesco e certos objetos da cultura material (Amado, 2004, p. 38). Nomes desta classe devem aparecer obrigatoriamente acompanhados de um prefixo de pessoa (=pronome preso), indicando a posse, como no próximo exemplo:

- (52) *ẽj-to*
 1-olho
 ‘Meu olho.’

- (53) *ẽj-xii*
 1-mãe
 ‘Minha mãe.’

Estes são os nomes cuja classe deve sempre aparecer com um prefixo relacional de não-contiguidade, em caso de seu determinante não lhe preceder, como se vê a seguir:

- (54) *ẽj-ø-par*
1-PR-pé
'Meu pé.'
- (55) *aajoo ø-par*
aajoo PR-pé
'Pé de Aajoo.'
- (56) *ẽ'-par*
PR-pé
'Pé dele/de alguém.'

Os nomes de posse alienável possuem como característica o fato de estarem ligados a seu determinante (possuidor) por meio de uma posposição. Em Pykobjê, essa posposição é {-õ}, e é classificada por Castro Alves (2004, p. 48) como posposição genitiva no Canela. Como outras posposições, possui um prefixo relacional indicando presença ou ausência de contiguidade. Observem-se os exemplos abaixo:

- (57) *ø-j-õ* *xoo*
1-PR-GEN cachorro
'Meu cachorro.'
- (58) *h-õ* *xoo*
PR-GEN cachorro
'Cachorro de alguém.'
- (59) *jõm* *j-õ* *xoo*
alguém PR-GEN cachorro
'O cachorro de alguém.'
- (60) *aajoo* *j-õ* *prutcwyjre*
aajoo PR-GEN rãzinha
'A rãzinha do Aajoo.'

Os exemplos acima mostram nomes de posse alienável e seus possuidores. Quando um possuidor está implícito, então o prefixo relacional de não-contiguidade deve estar obrigatoriamente presente. Com esta análise dos nomes em Pykobjê, foi possível verificar seu comportamento morfológico por meio de análises sintáticas e semânticas. A seguir, damos continuidade à descrição de aspectos gramaticais apresentando as propriedades gramaticais da morfologia verbal.

4.4 MORFOLOGIA DO VERBO

Esta seção tem por objetivo investigar o comportamento morfológico dos verbos em Pykobjê. A primeira característica que se destaca sobre os verbos desta língua é a clássica divisão de verbos intransitivos em duas classes, a qual é chamada por Dixon (1994) de intransitividade cindida. Conforme Barros (2019, p. 13), os verbos intransitivos em Timbira possuem distintas séries de pronomes na codificação do seu único argumento. Este autor afirma que a língua Canela possui os argumentos de um grupo de verbos intransitivos que são codificados externamente ao sintagma verbal, enquanto os argumentos do outro grupo são codificados internamente ao sintagma verbal (Barros, 2019, p. 13). Como já vimos na subseção sobre os pronomes pessoais, os argumentos pronominais externos ao sintagma verbal aparecem na forma livre, ao passo que os argumentos

pronominais internos ao sintagma verbal aparecem na forma presa. Os exemplos abaixo ilustram essas ocorrências:

- (61) CANELA:
wa ma mō
 eu DIR ir
 ‘Eu vou.’
 (adaptado de Barros, 2019, p. 13)
- (62) *ca ha xwa*
 tu IRR banhar
 ‘Tu vais banhar.’
 (adaptado de Barros, 2019, p. 13)
- (63) *quê ha ajcahu*
 ela IRR correr
 ‘Ela vai correr.’
 (adaptado de Barros, 2019, p. 13)
- (64) *i-j-ōxwa*
 1-PR-estar.com.sono
 ‘Eu estou com sono.’
 (adaptado de Barros, 2019, p. 13)
- (65) *a-catōc*
 2-estourar
 ‘Tu estouraste.’
 (adaptado de Barros, 2019, p. 13)
- (66) *iʔ-tyc*
 3-morrer+NF
 ‘Ela morreu.’
 (adaptado de Barros, 2019, p. 13)

O uso de pronomes pessoais nos exemplos acima ilustra que duas classes de verbos intransitivos podem ser definidas a partir do comportamento

morfológico de seu único argumento. Neste trabalho, chamamos de **verbos inergativos** à classe que codifica seu único argumento pronominal por meio de pronomes livres e de **verbos inacusativos** à classe que codifica seu único argumento pronominal por meio de pronomes presos.³¹

Em Pykobjê, assim como nas outras línguas do grupo Timbira, tanto verbos transitivos quanto verbos intransitivos inergativos podem aparecer sob duas formas morfológicas. Este fato já havia sido notado por Araújo (1989 apud Ferreira, 2003), que afirmou que, em Parkatejê, “dentre os verbos ativos há, ainda, uma divisão binária entre os que têm forma longa quando a sentença é marcada para tempo passado/aspecto completo e os que têm forma única.”

Essas formas verbais recebem nomenclaturas diferentes, dependendo do pesquisador. Nesta tese, adotamos a nomenclatura ‘forma finita’ e ‘forma não-finita’, pois acreditamos que traduzem melhor o significado dessas formas para a sintaxe do Pykobjê. A forma finita equivale à forma breve de outros trabalhos, enquanto a forma não-finita corresponde à forma longa, também chamada de forma nominal.

Alguns exemplos de verbos cujo radical pode mudar a depender do contexto sintático são *ẽ'tyc/ty* ‘morrer’ e *hahir/hahi* ‘assustar alguém’. Além

³¹ A escolha por essa nomenclatura se dá unicamente pela tentativa de unificar os nomes para cada classe ao longo desta tese, uma vez que não consideramos os nomes ‘verbos de ação’ e ‘verbos de estado’ apropriados.

desses verbos, há ainda aqueles em que a mudança morfológica não ocorre por meio de sufixo, mas sim por meio de prefixos no verbo. São exemplos do tipo os verbos *ējpēmpraa/amprraa* ‘acordar’ e *hōr/gōr* ‘dar’. Finalmente, há ainda verbos que mudam completamente sua forma não-finita para a forma finita, como o verbo *hōt/ngōr* ‘dormir’. Essas são as principais razões pelas quais é mais apropriado chamar a essas formas de não-finita e finita, respectivamente.

Essas afirmações são válidas para verbos transitivos e intransitivos inergativos. Entretanto, verbos intransitivos inacusativos, tais como *ējpux* ‘chegar’, *ēntow* ‘ser jovem’ e *ē’pym* ‘cair’, não possuem morfologia de finitude. A única exceção parece ser o verbo *cator/cato* ‘sair/chegar’, que se comporta sintaticamente como um verbo inacusativo, mas altera sua forma morfológica para indicar a alternância não-finita/finita.

É importante salientar ainda que nem todos os verbos de ação possuem a diferença morfológica. São o que Araújo (1989 apud Ferreira, 2003) chamou de verbos de “forma única”. Alguns exemplos desse tipo são *ē’caacuc* ‘falar’ e *hacop* ‘seguir o rastro de’. O quadro a seguir apresenta as ocorrências de alguns verbos, de acordo com sua distinção mórfica:

Quadro 4.8: formas não-finitas e finitas de alguns verbos

Verbos intransitivos			Verbos transitivos		
Forma não-finita	Forma finita	Português	Forma não-finita	Forma finita	Português
<i>ẽjpẽmpraa</i>	<i>ampraa</i>	‘acordar’	<i>capripriç</i>	<i>capripriç</i>	‘bater’
<i>ẽjpemter</i>	<i>amte</i>	‘sonhar’	<i>caxwyr</i>	<i>caxwy</i>	‘furar’
<i>ẽjpexpar</i>	<i>axpa</i>	‘criar’	<i>cocor</i>	<i>coco</i>	‘comer algo’
<i>ẽjpexpo</i>	<i>axpo</i>	‘brigar’	<i>coran</i>	<i>cora</i>	‘matar’
<i>ẽjtẽm</i>	<i>tẽ</i>	‘ir’	<i>cwyr</i>	<i>cwa</i>	‘pegar’
<i>ẽnxar</i>	<i>xa</i>	‘morder’	<i>hacop</i>	<i>hacop</i>	‘seguir o rastro de’
<i>ẽjxwyr</i>	<i>xwa</i>	‘banhar’	<i>hahir</i>	<i>hahi</i>	‘assustar’
<i>ẽjxym</i>	<i>xỳ</i>	‘levantar’	<i>hahỳr</i>	<i>hahỳ</i>	‘construir’
<i>ẽ’caacuc</i>	<i>caacuc</i>	‘falar’	<i>hakjin</i>	<i>hakji</i>	‘buscar’
<i>ẽ’cator</i>	<i>cato</i>	‘sair/chegar’	<i>hapin</i>	<i>hapi</i>	‘procurar’
<i>ẽ’com</i>	<i>co</i>	‘beber’	<i>hõr</i>	<i>gõr</i>	‘dar’
<i>ẽ’mõr</i>	<i>mõ</i>	‘andar’	<i>hỳr</i>	<i>hỳ</i>	‘guardar’
<i>ẽ’tyc</i>	<i>ty</i>	‘morrer’	<i>kin</i>	<i>ki</i>	‘ralar’
<i>harxaar</i>	<i>harxaa</i>	‘correr’	<i>kjin</i>	<i>kji</i>	‘puxar’
<i>Hõt</i>	<i>ngõr</i>	‘dormir’	<i>men</i>	<i>me</i>	‘derrubar’
<i>hỳypin</i>	<i>aapi</i>	‘pescar’			
<i>hỳypỳn</i>	<i>aapỳ</i>	‘comer’			

Fonte: elaborado pelo autor, com alguns exemplos retirados dos quadros de Amado (2004b).

Após a análise da morfologia dos verbos em Pykobjê, o próximo passo é investigar da sintaxe dos verbos e de seus complementos. Este será o objetivo da próxima seção.

4.5 O VERBO E SEUS ARGUMENTOS

Nesta seção, investigamos a sintaxe dos verbos e de seus argumentos em Pykobjê. Esses verbos podem ser transitivos e intransitivos simples ou estendidos. Já os sintagmas verbais podem ser de dois tipos, a saber: o primeiro tipo é aquele formado apenas pelo verbo, sem complemento; o segundo tipo é aquele formado pelo verbo e por um complemento obrigatório. Desse segundo tipo, surgem os sintagmas verbais transitivos, os quais resultam em diferentes marcações de Caso no sujeito.

A seção compreende quatro subseções. Na primeira seção, descrevemos a morfossintaxe dos predicados intransitivos. Na segunda seção, detalhamos a morfossintaxe dos predicados transitivos. Na terceira seção, realizamos alguns testes com topicalização de constituintes. Na quarta seção, discutimos brevemente sobre argumentos posposicionados e sua posição na oração.

4.5.1 Morfossintaxe dos predicados intransitivos

Morfologicamente, os verbos intransitivos em Pykobjê podem ser divididos em três classes, a saber: (i) verbos que possuem um argumento de adjacência obrigatória em qualquer tempo/aspecto, (ii) verbos que possuem um argumento de adjacência obrigatória apenas quando se encontram no aspecto

perfectivo, e (iii) verbos de estado físico/psicológico, cujo sujeito recebe a marca morfológica de Caso dativo. Essa divisão em classes se dá neste trabalho por razões morfossintáticas. Por esta razão, esta subseção tem por objetivo a análise de cada uma delas.

Os verbos da primeira classe possuem argumentos pronominais sempre codificados por pronomes presos. A esses verbos, chamaremos de intransitivos inacusativos. Já os verbos da segunda classe possuem argumentos pronominais codificados por pronomes presos apenas quando se encontram no aspecto perfectivo. Quando se encontram no aspecto imperfectivo, os argumentos pronominais são codificados por pronomes livres. A esses verbos, chamaremos de intransitivos inergativos.

Finalmente, os verbos intransitivos da terceira classe, à qual chamaremos de verbos de estado físico/psicológico, possuem como característica o fato de seu argumento vir sempre acompanhado da marca de Caso dativo {mỹ), independentemente do tempo ou do aspecto da oração. A esses verbos, chamaremos doravante apenas de verbos psicológicos. A seguir, damos início à discussão dos verbos intransitivos inacusativos.

4.5.1.1 Verbos intransitivos inacusativos

Os verbos inacusativos selecionam apenas um argumento, o qual, quando se tratar de argumento pronominal, deve ser realizado por meio de uma forma presa. Além disso, verbos inacusativos não apresentam diferença morfológica entre formas finitas (aspecto imperfeito) e não-finitas (aspecto perfectivo), como se vê nos exemplos a seguir:

- (67) *cormy* *ẽj-towre*
 ASP:ainda 1-ser.jovem
 ‘Ainda sou jovem.’
- (68) *prẽn* *pỳr* *nỹ* *ẽj-pym*
 pequi pé POSP 1-cair
 ‘Eu caí do pé de pequi.’
- (69) *ca* *ha* *aa-pym*
 tu IRR 2-cair
 ‘Tu vais cair.’
- (70) **ca* *ha* *pym*
 tu IRR cair
 ‘Tu vais cair.’

Note-se que, independentemente do tempo e do aspecto da oração, as formas verbais não mudam. Além disso, todos os sujeitos pronominais devem, obrigatoriamente, aparecer na forma de pronome preso. Assim, mesmo quando o verbo estiver no modo *irrealis*, o qual indica tempo futuro, o sujeito pronominal deve aparecer na forma presa. Tal fato sugere que o sujeito desses verbos deve

vir adjacente à raiz verbal, seja em forma de pronomes presos ou por meio de DPS plenos, conforme o exemplo a seguir:

- (71) *aajoo* *caprĩire*
 aajoo estar.triste
 ‘Aajoo está triste.’

A única exceção à morfologia dessa classe parece ser o verbo *cator* ‘sair/chegar’. Esse verbo apresenta diferença morfológica aspectual, mas seus argumentos pronominais sempre se comportam apenas como em verbos inacusativos. Vejam-se os exemplos a seguir:

- (72) *ry'my* *ẽj-cator*
 ASP:já 1-sair+NF
 ‘Eu já saí.’

- (73) *awca'te* *beaga cỹm* *ẽj-cato*
 amanhã beagá LOC 1-chegar
 ‘Amanhã eu chego em Beagá.’

- (74) **awca'te* *wa* *beaga wỳr* *cato*
 amanhã eu beagá LOC chegar
 ‘Amanhã eu chego em Beagá.’

- (75) *awca'te* *wa* *beaga wỳr* *ẽj-cato*
 amanhã eu beagá LOC 1-chegar
 ‘Amanhã eu chego em Beagá.’

Note-se que os exemplos acima mostram que o verbo *cator* apresenta variação morfológica de acordo com o tempo/aspecto da oração. Ademais, o exemplo (74) demonstra que a ausência do pronome preso ao verbo torna a sentença agramatical. O fato de o verbo *cator* exibir adjacência obrigatória do

argumento com o verbo é responsável por classificá-lo como um verbo da classe dos inacusativos.

4.5.1.2 *Verbos intransitivos inergativos*

Já em relação aos verbos intransitivos inergativos, a cisão na marcação de sujeito é identificada também de acordo com o sujeito pronominal. São verbos que apresentam sistematicamente a diferença morfológica entre forma finita e não-finita. Portanto, quando o verbo está no aspecto perfectivo (forma não-finita: NF), o sujeito aparece obrigatoriamente como pronome preso, enquanto se estiver no aspecto imperfectivo (forma finita), o sujeito aparece obrigatoriamente como pronome livre, conforme mostram os exemplos a seguir:

- (76) *ẽ'no'nỹ* *ẽ'ry'ry-nỹ* *ẽj-pẽmpraa*
ontem cedo-POSP 1-acordar+NF
‘Ontem eu acordei cedo.’
- (77) *awca'te* *wa* *ẽ'ry'ry-nỹ* *ampraa*
amanhã eu cedo-POSP acordar
‘Amanhã eu acordo cedo.’
- (78) **ẽ'no'nỹ* *wa* *ẽ'ry'ry-nỹ* *pẽmpraa*
ontem eu cedo-POSP acordar+NF
‘Ontem eu acordei cedo.’
- (79) *ẽ'no'nỹ* *wa* *ẽ'ry'ry-nỹ* *ẽj-pẽmpraa*
ontem eu cedo-POSP acordar+NF
‘Ontem eu acordei cedo.’

Observe-se nos exemplos acima que há tanto uma diferença morfológica na raiz verbal, sugerindo uma diferença aspectual, como há variação na escolha pronominal. Verbo na forma não-finita exige pronome preso, enquanto verbo na forma finita não faz a mesma exigência. Ou seja, verbos intransitivos inergativos no aspecto imperfectivo não exibem adjacência obrigatória do argumento ao verbo.

Exemplos demonstram que a ausência da forma pronominal presa em um verbo na forma não-finita é considerada agramatical, conforme demonstram os exemplos a seguir:

- (80) *ry'mỹ* *ěj-x-wỳr*
 ASP:já 1-PR-banhar+NF
 'Eu banhei.'
- (81) **wa* *ry'mỹ* *x-wỳr*
 eu ASP:já PR-banhar+NF
 'Eu banhei.'
- (82) *wa* *ha* *x-wa*
 eu IRR PR-banhar
 'Eu vou banhar.'

Em síntese, vê-se que, nos exemplos acima, a agramaticalidade decorre da ausência no pronome preso à raiz da forma não-finita do verbo. Já o exemplo (82) demonstra que o pronome preso não é obrigatório se o verbo estiver na forma finita. Tendo por base essa evidência, pode-se afirmar que verbos intransitivos

de ação no aspecto imperfectivo não exibem adjacência obrigatória, ao passo que a adjacência é obrigatória se estes verbos forem realizados no aspecto perfectivo.

4.5.1.3 Verbos intransitivos psicológicos

Dentre os verbos intransitivos, existe ainda uma classe que não obedece aos padrões delineados anteriormente. Eles são conhecidos como verbos de *estado físico/psicológico*, doravante apenas verbos *psicológicos*. Sua característica principal é que seu sujeito vem sempre acompanhado da posposição de Caso dativo {mỹ}, conforme os exemplos a seguir:

- (83) *ẽj-mỹ pa*
 1-DAT sentir.medo
 ‘Eu estou com medo.’
- (84) *paxwyre mỹ pa*
 eu.também DAT sentir.medo
 ‘Também fiquei com medo.’
- (85) *me a'crajre mỹ pa*
 PL criança DAT sentir.medo
 ‘Crianças ficam com medo.’
- (86) *qui ha aajoo mỹ pa*
 EX:3 IRR aajoo DAT sentir.medo
 ‘Aajoo vai ficar com medo.’

Os exemplos mostram que o verbo *pa* ‘sentir medo’ é psicológico e cujos sujeitos recebem sistematicamente a marca de Caso dativo, em vez de a marca

{ \emptyset } de Caso acusativo. Note-se que a marcação com o dativo ocorre independente do traço aspecto-temporal da oração. Abaixo, observam-se outros exemplos do tipo:

- (87) *ẽj-mỹ* *cry*
 1-DAT sentir.frio
 ‘Eu estou com frio.’
- (88) *aajoo mỹ* *cry*
 aajoo DAT sentir.frio
 ‘Aajoo está com frio.’
- (89) *ẽj-mỹ* *prỹm*
 1-DAT sentir.fome
 ‘Eu estou com fome.’
- (90) *aajoo mỹ* *prỹm*
 aajoo DAT sentir.fome
 ‘Aajoo está com fome.’

Na próxima subseção, damos início à discussão sobre morfossintaxe dos verbos transitivos.

4.5.2 *Morfossintaxe dos predicados transitivos*

Em Pykobjê, há pelo menos dois tipos de verbos transitivos, a saber: verbos transitivos de ação e verbos transitivos psicológicos. Nestes últimos, o sujeito aparece sistematicamente marcado com o caso dativo {*mỹ*}, enquanto aqueles podem figurar com o caso ergativo ou nominativo, uma ou outra opção

depende do traço aspectual da sentença. Além disso, o que todos esses verbos têm em comum é o fato de o objeto direto vir realizado por meio de uma forma presa nos contextos em que correspondem a argumentos pronominais e receberem sistematicamente o caso acusativo.

Assim sendo, se o verbo transitivo de ação estiver no aspecto imperfectivo, o sujeito recebe a marca *default* de caso nominativo { \emptyset }. Contudo, se estiver no aspecto perfectivo, o sujeito deve vir marcado com o caso ergativo, o qual é realizado pela posposição {te}. Comparem-se os exemplos a seguir:

- (91) *ca ha [ẽj- \emptyset -caxwy]*
 tu IRR 1-PR-furar
 ‘Tu vais me furar.’
- (92) *aa-te [ẽj- \emptyset -caxwỳr]*
 2-ERG 1-PR-furar+NF
 ‘Tu me furaste.’
- (93) *wa mō [aa-j-apruu] braser wỳr*
 eu MOV 2-PR-levar Brasília DIR
 ‘Eu vou te levar para Brasília.’
- (94) *ẽj-mỹ [aa- \emptyset -quẽn]*
 1-DAT 2-PR-gostar
 ‘Eu gosto de ti.’

Note-se que todos os exemplos acima têm em comum o fato de seus objetos pronominais aparecerem na forma presa. Observa-se ainda que o objeto não-pronominal deve vir imediatamente adjacente ao verbo, emergindo a ordem rígida S[OV], conforme mostram os exemplos abaixo:

- (95) *wa ha [wacyy ø-cwỹ]*
 eu IRR faca PR-quebrar
 ‘Eu vou quebrar a faca.’
- (96) *ẽj-te amjõmỹ’ẽmpej’cỹm [wacyy ø-cwỹn]*
 1-ERG de.propósito faca PR-quebrar+NF
 ‘Eu quebrei a faca de propósito.’
- (97) *ẽj-mỹ [aajoo ø-caprĩire]*
 1-DAT aajoo PR-sentir.pena
 ‘Eu tenho pena de Aajoo.’

Os exemplos acima mostram que, quando houver um sintagma nominal pleno na posição de argumento interno, ele precisa estar contíguo ao verbo. Evidência a favor desta hipótese pode ser obtida pelo fato de que nada pode interferir na adjacência entre o objeto e o verbo. Assim sendo, se interpomos um constituinte entre o objeto e o verbo, a sentença se torna gramatical:

- (98) **wa ha wacyy [amjõmỹ’ẽmpej’cỹm ø-cwỹ]*
 eu IRR faca de.propósito PR-quebrar
 ‘Eu vou quebrar a faca de propósito.’

No entanto, a sentença acima se torna gramatical se o verbo receber um prefixo relacional de não-contiguidade que marque o movimento do objeto para fora do VP, conforme mostra o exemplo abaixo:

- (99) *wa ha wacyy [amjõmỹ’ẽmpej’cỹm ẽn-cwỹ]*
 eu IRR faca de.propósito PR-quebrar
 ‘Eu vou quebrar a faca de propósito.’

A evidência acima é ainda mais reforçada pelo fato que, se o objeto é deslocado uma vez mais para a posição de foco, o verbo deve necessariamente receber o prefixo relacional de não-contiguidade {*ẽn-*}, conforme mostra o exemplo a seguir:

- (100) *wacyy mÿ ẽj-te amjõmÿ'ẽmpej'cÿm [ẽn-cwÿn]*
 faca FOC 1-ERG de.propósito PR-quebrar+NF
 'A faca, eu a quebrei de propósito.'

Em suma, concluímos que a ordem básica em predicados transitivos deve ser S[OV]. Qualquer alteração na ordem do objeto em relação ao verbo deve ser sinalizada pelo prefixo relacional de não-contiguidade. O uso desse prefixo nos exemplos acima confirma, portanto, essa hipótese. Na próxima subseção, o objetivo é averiguar, por meio de testes de topicalização, os contextos em que o objeto deve ocorrer ora adjacente ao verbo ora deslocado para a posição acima do VP.

4.5.3 Topicalização de constituintes

Nesta subseção, apresentamos contextos em que o sujeito do verbo intransitivo se move para a posição de tópico. Observe que, no exemplo abaixo, o sujeito está adjacente ao verbo, o que sinaliza que ele está incluso no VP,

estabelecendo uma ordem rígida com o verbo, emergindo a ordem rígida [sujeito+verbo], conforme mostra o exemplo a seguir:

- (101) *ø-j-õ* *xõo* *j-õ* *xoo* *tyc*
 1-PR-GEN pai PR-GEN cachorro morrer+NF
 ‘O cachorro do meu pai morreu.’

Todavia, se o sujeito for alçado para a posição de tópico, ele deve preceder a partícula funcional {*mỹ*}, situações em que o verbo aciona o prefixo relacional indicando que o sujeito se moveu para outra posição na oração, conforme o exemplo a seguir:

- (102) *ø-j-õ* *xõo* *j-õ* *xoo* *mỹ* *ẽ'-tyc*
 1-PR-GEN pai PR-GENcachorro FOC PR-morrer+NF
 ‘Foi o cachorro do meu pai que morreu.’

Situação semelhante ocorre nos dados a seguir. Note-se que, em (100) o sujeito está interno ao predicado. Todavia, se o sujeito *aajoo* é deslocado para a posição de tópico, deve preceder a partícula funcional {*mỹ*} e engatilhar no verbo o prefixo relacional de não-contiguidade:

- (103) *e'no'nỹ* *cỳy* *pi* *aajoo* *cree*
 ontem pátio LOC aajoo cantar+NF
 ‘Ontem Aajoo cantou no pátio.’
- (104) *aajoo* *mỹ* *e'no'nỹ* *cỳy* *pi* *ẽn-cree*
 aajoo FOC ontem pátio LOC PR-cantar+NF
 ‘Foi Aajoo que cantou no pátio ontem.’

Outro fato muito importante que merece ser observado é que, se o sujeito não engatilhar o prefixo relacional {*ẽn-*} no verbo, a sentença se torna agramatical, como mostra o exemplo abaixo:

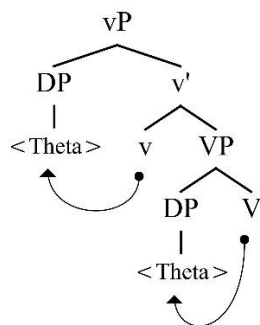
- (105) **aajoo* *mỹ* *e'no'nyỹ* *cyy* *pi* *cree*
 aajoo FOC ontem pátio LOC cantar+NF
 'Ontem Aajoo cantou no pátio.'

A próxima subseção tem por objetivo a análise da posição sintática que os sintagmas posposicionais ocupam no interior da sentença.

4.5.4 Posição de sintagmas posposicionais

A partir das descrições anteriores, é possível afirmar que a língua Pykobjê apresenta a ordem S-O-V, onde S se refere a argumento externo, que ocupa a posição sintática de sujeito, conforme demonstra o diagrama arbóreo abaixo:

(106)



Nesse sentido, argumento externo é aquele que recebe papel temático de agente ou de experienciador na posição de Spec-*v*P. Em relação à posição de PPs, é possível afirmar com certa segurança que sintagmas posposicionais e objetos indiretos devem figurar antes de objeto direto, emergindo, assim, a ordem S-PP(OI)-O-V, conforme indicam os exemplos a seguir:

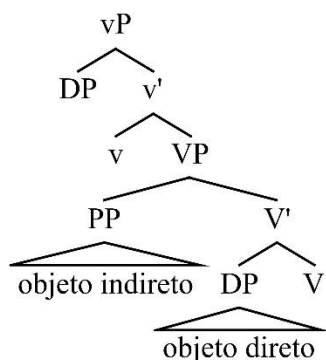
- (107) *ẽj-te co-mỹ wacyy to cruu cooran*
 1-ERG 3-DAT faca INSTR porco matar+NF
 ‘Eu matei o porco com a faca para ele.’

- (108) *cruurecwyj te a'quit cỹm tun popon*
 cruurecwyj ERG mato LOC tatu ver+FN
 ‘Cruurecwyj viu um tatu no mato.’

Em suma, os exemplos acima mostram que a ordem canônica é a seguinte:

[Sujeito – PP (objeto indireto) – Objeto direto – Verbo], conforme delineado pela árvore sintática a seguir:

(109)



A seguir, damos início à seção na qual examinamos o estatuto do argumento dativo e sua emergência como sujeito dativo.

4.6 O ARGUMENTO DATIVO

Esta seção tem como objetivo investigar os sintagmas marcados com o Caso dativo. A hipótese central que desenvolvemos é a de que esses argumentos recebem o papel temático [alvo/recipiente/benefactivo] e que recebem o caso inerente dativo a partir da posposição que o introduz na sentença.

A seção compreende quatro subseções. Na primeira, ilustramos suas ocorrências como argumento oblíquo em orações de duplo objeto. Na segunda, apresentamos suas ocorrências como argumento oblíquo em orações no modo imperativo. Na terceira, mostramos suas ocorrências como argumento oblíquo em orações de posse. Na quarta, investigamos suas ocorrências como sujeito dativo no alinhamento dativo-acusativo.

4.6.1 Argumento oblíquo dativo

O argumento dativo recebe este nome por se tratar do argumento alvo/recipiente em orações de duplo objeto, como no exemplo do inglês a seguir:

(110) I gave *her* the book

Neste exemplo, diz-se que *her* recebe caso inerente dativo. Investigações (cf. McGinnis, 2008) mostram que esse argumento é introduzido na derivação por um núcleo aplicativo; porém, há línguas nas quais o mesmo argumento é introduzido por uma adposição, como mostra o exemplo do português a seguir:

(111) Eu dei o livro *a ela*

No exemplo acima, o argumento dativo *ela* é introduzido pela preposição ‘a’. Situação sintática muito semelhante ocorre em Pykobjê, em que o argumento dativo é introduzido pela posposição {*mỹ*}, conforme mostram os exemplos a seguir:

(112) *ẽj-tõx* *te* *ẽj-mỹ* *ø-h-õocreexii j-õr*
 1-irmã ERG 1-DAT 3-PR-colar PR-dar+NF
 ‘Minha irmã me deu seu colar.’

(adaptado de Amado, 2004b, p. 43)

(113) *ẽj-te* *co-mỹ* *comxii* *ø-cwyr*
 1-ERG 3-DAT bacuri PR-pegar+NF
 ‘Eu peguei bacuri para ele.’

(adaptado de Amado, 2004b, p. 72)

(114) *aa-te* *co-mỹ* *cu* *j-õr*
 2-ERG 3-DAT água PR-dar.NF
 ‘Você deu água para ele.’

(adaptado de Silva, 2011, p. 81)

(115) *jýtçy* *te* *aawar* *mỹ* *cruu* *j-a’cree*
jýtçy ERG aawar DAT queixada PR-mostrar+NF
 ‘Jýtçy mostrou a queixada para Aawar.’

Note-se que, nos exemplos acima, o argumento a que poderíamos chamar de alvo/recipiente precede o objeto direto, emergindo a ordem sintática mostrada a seguir

[Sujeito{te} + Alvo/recipiente{mỹ} + Objeto direto + Verbo]

Essa noção é importante para a discussão que será feita no próximo capítulo. Por ora, seguimos mostrando as ocorrências de argumento introduzidos por {mỹ}. Vejam-se os exemplos a seguir:

(116) *tircwyj te aawar mỹ h-arte*
 tircwyj ERG aawar DAT PR-dar.de.comer+NF
 ‘Tircwyj deu de comer para Aawar.’

(117) *wa aajoo mỹ cacuc*
 eu aajoo DAT falar
 ‘Eu estou falando para Aajoo.’

Nos exemplos acima, o argumento introduzido por {mỹ} precede imediatamente o verbo, ou seja, a oração não possui objeto direto. Ainda assim, dada a natureza dos verbos *harte* ‘dar de comer’ e *cacuc* ‘falar’ (aqui com o sentido de *falar para alguém* = conversar), é possível afirmar que os argumentos em questão (*aawar* e *aajoo*) recebem o papel temático de alvo/recipiente, recebendo também o Caso dativo da posposição.

Nossa proposta para os exemplos acima é que há verbos que selecionam um argumento cujo papel temático é de alvo/recipiente/benefactivo, o qual é

introduzido na estrutura a partir da posposição {mỹ}, a qual atribui a esse argumento o Caso inerente dativo. A seguir, mostramos exemplos do argumento dativo ocorrendo com verbos no modo imperativo.

4.6.2 O dativo no modo imperativo

Em Pykobjê, há orações com argumento oblíquo selecionado por um verbo no modo imperativo. Nesta subseção, apresentamos alguns exemplos deste tipo de argumento. Neste contexto, o imperativo em questão é de um verbo que exige um argumento alvo/recipientes. Vejam-se os exemplos abaixo:

(118) *ẽj-mỹ* *cu* *ø-gõ*
 1-DAT água PR-dar
 ‘Me dá água.’

(119) *ẽj-mỹ* *cop* *ø-gõ*
 1-DAT copo PR-dar
 ‘Me dá o copo.’

Nos exemplos acima, as orações seguem o esquema da ordem canônica mencionada anteriormente, e repetido abaixo:

[(Sujeito) + Alvo/recipientes{mỹ} + Objeto direto + Verbo]

Além disso, o próximo exemplo mostra que o argumento oblíquo pode ter o mesmo referente de um argumento nominativo, e que o verbo ‘dar’ pode estar subentendido pelo contexto:

- (120) *ẽj-mỹ* *bur* *cwy* *wa* *co-co*
 1-DAT bolo QUANT eu PR-comer
 ‘Me dá um pedaço de bolo para eu comer.’

Vejam-se exemplos similares do Parkatejê a seguir:

PARKATEJÊ:

- (121) *i-mã* *kwə*
 1-DAT QUANT
 ‘Me dá um pedaço.’
 (adaptado de Ferreira, 2003, p. 73)
- (122) *i-mã* *he* *kwə*
 1-DAT fio pedaço
 ‘Me dá um pedaço de fio.’
 (adaptado de Ferreira, 2003, p. 74)
- (123) *i-mã* *ntuwa* *h-õ*
 1-DAT nova PR-dar
 ‘Me dá a nova.’ (Contexto: ‘Me dá a faca nova.’)
 (adaptado de Ferreira, 2003, p. 91)

No conjunto de exemplos acima, apenas o último apresenta o verbo *hõ* ‘dar’, mostrando que este pode estar subentendido pelo contexto. Mais importante ainda, mostra que a estrutura fica completa se for formada por argumento oblíquo + predicado nominal. Ainda com relação à ordem de constituintes, a ordem básica pode ser alterada se algum elemento aparece entre o argumento oblíquo e o objeto direto, como mostra o exemplo a seguir:

- (124) *ẽj-mỹ* *ry'mỹ* *cop* *ø-gõ*
 1-DAT ASP:já copo PR-dar
 ‘Me dá logo o copo.’

Entretanto, a ordem S-O-V não pode ser alterada caso um advérbio ocorra entre o objeto direto e o verbo, como mostra o seguinte exemplo:

- (125) **ẽj-mỹ* *cop* *ry'mỹ* *ø-gõ*
 1-DAT copo ASP:já PR-dar
 ‘Me dá logo o copo.’

Nota-se, portanto, que a agramaticalidade da sentença acima se deve ao fato de o advérbio possuir uma posição fixa na oração. Mais precisamente o advérbio deve figurar antes do objeto direto e após o verbo, emergindo a ordem sintática [S (Adv) O V]. Em suma, os dados indicam que o objeto não pode ocorrer antes do advérbio. A próxima subseção tem por objetivo mostrar as ocorrências do argumento dativo como sujeito em orações de posse.

4.6.3 Sujeitos de posse

O objetivo desta subseção é demonstrar as ocorrências do argumento dativo como sujeito em orações de posse. Comparando-se o exemplo abaixo com os exemplos do modo imperativo, nota-se que ele possui o mesmo sentido, de ordem/demanda.

- PARKATEJÊ:
 (126) *i-mã* *kaper*
 1-DAT bacaba
 ‘Me dá bacaba.’
 (adaptado de Ferreira, 2003, p. 95)

Todavia, conforme Ferreira (2003, p. 95), se é adicionada a partícula de negação a esse exemplo, a oração passa a ter o sentido existencial, como mostra no dado a seguir:

- PARKATEJÊ:
- (127) *i-mã* *kaper* *inuare*
 1-DAT bacaba NEG
 ‘Eu não tenho bacaba.’ (*lit.* ‘Para mim, não (existe) bacaba.’)
 (adaptado de Ferreira, 2003, p. 95)

Por sentido existencial, entende-se aqui aquelas existências em orações de posse, que é como passou a ser o sentido do exemplo com a negação. Vejam-se agora os exemplos em Pykobjê:

- (128) *ẽj-mỹ* *cowto paner*
 1-DAT barro panela
 ‘Eu tenho uma panela de barro.’
- (129) *co-mỹ* *xoo*
 3-DAT cachorro
 ‘Ele tem um cachorro.’

É interessante notar como, em todos esses exemplos, o argumento introduzido pela posposição {mỹ} recebe sempre o papel temático [alvo/recipiente/benefactivo]. Outra informação relevante é que a partir desses exemplos emerge seu uso como sujeito da oração. Ou seja, atesta-se aí seu uso como sujeito dativo. Comparem-se os exemplos a seguir:

(130) *xỳm aa-mỹ xoo?*
 INT 2-DAT cachorro
 ‘Tu tens um cachorro?’ (*lit.* ‘Para ti, existe cachorro?’)

(131) *xỳm aa-mỹ cry?*
 INT 2-DAT sentir.frio
 ‘Tu estás com frio?’ (*lit.* ‘Para ti, existe frio?’)

As construções acima são estruturalmente similares, pois elas possuem a mesma interpretação literal: “para ti, (existe) cachorro?” e “para ti, (existe) frio?” (cf. Ferreira 2003, p. 168, sobre estruturas similares em Parkatejê). A próxima seção tem por objetivo investigar a ocorrência do argumento dativo em sujeito de verbos (in)transitivos de estado físico/psicológico.

4.6.4 *Sujeitos dativos*

Uma característica interessante das línguas Jê do Norte é a possibilidade de argumentos dativos aparecerem na posição de sujeito, seja de verbos intransitivos seja de verbos transitivos, emergindo assim um interessante sistema de marcação diferencial do sujeito. Esse sistema se caracteriza por serem sempre sujeitos de verbos de estado físico/psicológico que são marcados com o caso dativo. Tal padrão é muito paralelo ao que ocorre em Bengali, conforme discutido em Klaiman (1980). Mais precisamente, parece haver uma forte correlação entre a marcação de Caso dativo e a atribuição do papel temático de

alvo/recipiente/benefactivo/*afetado* a esses argumentos, conforme se vê pelos exemplos a seguir:

- (132) *ẽj-mỹ* *cry*
 1-DAT sentir.frio
 ‘Eu estou com frio.’
- (133) *ẽj-mỹ* *prỹm* *cate*
 1-DAT sentir.fome muito
 ‘Eu estou com muita fome.’
- (134) *me* *a'crajre* *mỹ* *pa*
 PL criança DAT sentir.medo
 ‘As crianças sentem medo.’
- (135) *me* *cahỹj* *mỹ* *prỹm*
 PL mulher DAT sentir.fome
 ‘As mulheres estão com fome.’

Os exemplos acima mostram que os verbos intransitivos de estado psicológico selecionam um sujeito dativo. O mesmo padrão gramatical também ocorre com verbos transitivos de estado psicológico, já que o sujeito desses verbos deve também vir marcado com caso dativo. Os exemplos a seguir ilustram esses contextos:

- (136) *ẽj-mỹ* *aa-quẽn*
 1-DAT 2-gostar
 ‘Eu gosto de ti.’
- (137) *ẽj-mỹ* *a'crajre* *ø-quẽn*
 1-DAT criança PR-gostar
 ‘Eu gosto de criança.’

- (138) *ěj-mỹ* *aaĵoo* *ø-caprũire*
 1-DAT aaĵoo PR-sentir.dó
 ‘Eu tenho pena de Aajoo.’

Além dos contextos acima, há o verbo *prỹm* ‘sentir fome’, que também pode ser traduzido por *desejar* ou *querer algo*, que também seleciona um sujeito dativo. Ou seja, por se tratar de um verbo *desiderativo*, seu sujeito deve vir marcado com a posposição de Caso dativo. Note ainda que é um verbo que pode selecionar uma oração como seu argumento interno, como mostram os exemplos abaixo:

- (140) *tem* *aa-mỹ* [*ěj-par* *ø-caxwyr*] *prỹm*
 INT 2-DAT 1-pé PR-furar+NF desejar
 ‘Tu queres furar meu pé?’

- (141) *ěj-mỹ* [*pycop cati ji jaracwa* *to* *ěj-cacuc*] *prỹm*
 1-DAT povo.gavião fala INSTR 1-falar+NF desejar
 ‘Eu quero falar a língua do povo Gavião.’

O exemplo a seguir mostra ainda dois argumentos dativos, primeiro ocorrendo como argumento oblíquo na oração principal e depois como sujeito dativo na oração coordenada:

- (142) *wa* *aa-mỹ* *h-arẽ* [*xỹm* *co-mỹ*] *prỹm*
 eu 2-DAT PR-dizer CONJ 3-DAT fome
 ‘Eu estou te dizendo porque ele está com fome.’

Em suma, os dados acima nos permitem propor que há sim relação direta entre a posposição {*mỹ*}, o papel de alvo/afetado e o Caso dativo. Com isso, é

possível classificá-lo como um Caso inerente, mas essa discussão será o tema de análise do próximo capítulo.

A partir da descrição e análise da estrutura argumental em Pykobjê e outras línguas Timbira, estamos aptos a investigar outro fenômeno relevante para entender o sistema de Caso da língua. Trata-se da distribuição morfossintática das partículas marcadoras de tempo, aspecto e modo. Na próxima seção, este será o tema da análise.

4.7 MARCADORES DE TEMPO, ASPECTO, MODO

Silva (2017, p. 126), ao discutir sobre a distinção entre tempo verbal L (de língua) e tempo verbal M (de metalinguístico), afirma que o Pykobjê é uma língua com ausência de tempo L, pois este não é morfossintaticamente marcado. A autora discorre sobre as noções de tempo, aspecto e modalidade (doravante TAM) em Pykobjê, buscando descrever as marcas a que a língua recorre para apresentar essas noções. Assim sendo, investiga exemplos que fazem uso de léxico específico de TAM.

Para a autora, as partículas que indicam tempo são as seguintes: *ry'mỹ* para demonstrar um aspecto habitual no tempo presente; *e'no'nỹ* para passado recente; *e'no'cỹm* para passado de referência 'há alguns dias'; *mam* para passado

remoto; *awca'te* para futuro imediato; e *an cȳm* para futuro distante. A autora nota ainda sobre *ry'mỹ* que sua posição canônica é em início de frase (Silva 2017, p. 127). Por não ser objetivo deste trabalho, não discutimos sobre questões linguísticas intrínsecas às noções de TAM, mas buscamos averiguar a posição sintática que essas partículas ocupam na sentença. Observem-se os exemplos a seguir:

- (143) *ry'mỹ* *ějcree enta xit*
 HAB casa DEM queimar
 'Essa/esta casa está queimando.'
 (adaptado de Silva, 2017, p. 127)

- (144) *e'no'nỹ* *hũmre* *ngõr* *pex*
 ontem homem dormir bem
 'Ontem o homem dormiu bem.'
 (adaptado de Silva, 2017, p. 128)

- (145) *e'no'cȳm* *aa-te* *a'tor* *ø-coran*
 PAS/LEX 2-ERG lambu PR-matar+NF
 'Há poucos dias tu mataste lambu.'
 (adaptado de Silva, 2017, p. 129)

- (146) *mam* *co-mỹ* *cu* *x-en*
 REM 3-DAT água PR-gostar
 'Antigamente ele gostava de água.'
 (adaptado de Silva, 2017, p. 130)

- (147) *awca'te* *wa* *ha* *cwyr* *ø-co*
 amanhã eu IRR mandioca PR-comer
 'Amanhã comerei mandioca.'
 (adaptado de Silva, 2017, p. 131)

- (148) *an cÿm wa ha cato*
 ano LOC eu IRR partir
 ‘Dentro de alguns anos irei embora.’

(adaptado de Silva, 2017, p. 132)

Sobre os exemplos acima, nota-se imediatamente que os elementos marcadores de tempo ocorrem antes do sujeito nominativo ou do sujeito não-nominativo. Ou seja, advérbios³² de tempo possuem como posição canônica o início da sentença. Como pode ser visto em exemplos anteriores ao conjunto acima, é possível que esses advérbios apareçam ao final da sentença, mas, por ora, não somos capazes de identificar suas motivações.

Silva (2017) também descreve algumas marcas de modalidade encontradas na língua Pykobjê. Dentre essas marcas, destaca-se a partícula *ha*, que é identificada como a partícula de modo *irrealis*, e *wÿyr*, que é identificada como uma partícula *portemanteau* por condensar negação e futuro. Sobre esta partícula, a autora afirma ainda que seu uso canônico seja em tópico de sentença (Silva, 2017, p. 153); enquanto a partícula *ha* aparece sempre após o sujeito nominativo. Observem-se os exemplos a seguir:

- (149) *awca'te nÿ cahÿj ha cwyr ø-co*
 amanhã POSP mulher IRR mandioca PR-comer
 ‘Amanhã a mulher comerá mandioca.’
 (adaptado de Silva, 2017, p. 154)

³² A categoria à qual chamamos de advérbio neste trabalho foi analisada por Silva (2017) como partículas de tempo.

- (150) ?wỳyr wa cu j-apruu
 NEG/FUT eu água PR-comprar
 ‘Eu não comprarei água.’
 (adaptado de Silva, 2017, p. 153)

- (151) wỳyr wa ha cu j-apruu
 NEG/FUT eu IRR água PR-comprar
 ‘Eu não comprarei água.’
 (adaptado de Silva, 2017, p. 153)

Sobre o uso da partícula *wỳyr*, Silva (2017) afirma que seu uso condensado pode causar estranhamento, mas em meus próprios dados foram encontrados exemplos sem esse estranhamento, como se observa a seguir:

- (152) wỳyr wa ri awca'te nỹ
 NEG/FUT eu descer amanhã-POSP
 ‘Eu não vou descer amanhã.’
- (153) wỳyr wa xwa awca'te nỹ
 NEG/FUT eu banhar amanhã-POSP
 ‘Eu não vou banhar amanhã.’

Como se vê pelos exemplos acima, o uso condensado (negação e futuro) da partícula *wỳyr* não parece causar estranhamento, mas confirma-se sua preferência pelo uso em tópico da sentença. Diante dos exemplos apresentados, nota-se que as partículas usadas para marcar TAM têm uma tendência maior a aparecer no início da oração. Isso ocorre porque parece ser um léxico utilizado especificamente para marcar funcionalidade, ou seja, não é um léxico selecionado pelo verbo em sua estrutura argumental. Entretanto, alguns exemplos mostram que mesmo esse léxico funcional pode ocupar a posição de

complemento de posposição, como é o caso da posposição *nĩ*. Comparem-se os exemplos abaixo:

(154) *empo* *aa-te* *e'no'nĩ* *nĩ* *co-co?*
 que 2-ERG ontem POSP PR-comer
 ‘O que você comeu ontem?’
 (adaptado de Silva 2017, p. 128)

(155) *?empo* *aa-te* *e'no'nĩ* *coco?*
 que 2-ERG ontem comer
 ‘O que você comeu ontem?’
 (adaptado de Silva 2017, p. 128)

Os exemplos acima mostram que, se utilizarmos o item lexical de ‘ontem’ no meio da oração, é essencial que esta venha acompanhada da posposição *nĩ*. A ausência dessa posposição causa estranhamento entre os falantes da língua, sendo que alguns a interpretam como agramatical. Consideramos importante tecer algumas considerações sobre a negação em Pykobjê, o que é feito na próxima seção.

4.8 A POSIÇÃO DA NEGAÇÃO

Em Pykobjê, a negação é realizada por meio de uma expressão descontínua, que podem ser aplicadas a qualquer tempo verbal (Silva, 2017, p. 152). Essas partículas são as seguintes: {*nee ... nōore*}. A partícula *nōore* é

sempre usada imediatamente após o verbo, enquanto a partícula *nee* pode aparecer em várias posições na sentença. Vamos aos exemplos:

- (156) *wa nee ěj-x-wỳr nōore*
 eu NEG 1-PR-banhar+NF NEG
 ‘Eu não estou banhando.’
- (157) *awca'te wa ha nee ěj-ri nōore*
 amanhã eu IRR NEG 1-descer NEG
 ‘Amanhã eu não descerei.’

Nos exemplos acima, as partículas de negação aparecem imediatamente antes e após o verbo, mas é possível que a partícula *nee* apareça em outras posições, como se vê abaixo:

- (158) *ěj-pi nee me hěe nōore*
 1-COP NEG indígena NEG
 ‘Eu não sou indígena.’
- (159) *nee ěj-pi me hěe nōore*
 NEG 1-COP indígena NEG
 ‘Eu não sou indígena.’
- (160) *nee wa ěj-pi me hěe nōore*
 NEG eu 1-COP indígena NEG
 ‘Eu não sou indígena.’

A partir dos exemplos acima, é possível notar que a partícula *nee* pode aparecer imediatamente antes do verbo, antes do argumento posposicionado ou em tópico no início da oração. Em todo caso, a tradução/sentido não se altera, ou seja, é possível que essa liberdade de posição da partícula se dê por razões pragmáticas. Nesse sentido, novos estudos sobre negação ainda se fazem

necessários, pois o objetivo da discussão acima foi apenas o de mostrar como ocorre a negação em Pykobjê. Na próxima subseção, analisamos as construções causativas nesta língua.

4.9 CONSTRUÇÕES CAUSATIVAS

Nesta seção, temos como objetivos (i) descrever as construções causativas encontradas na língua Pykobjê e (ii) investigar sua natureza bioracional. A língua Pykobjê apresenta dois tipos de construções causativas, quais sejam: causativa lexical e causativa sintática. A causativa lexical ocorre quando um verbo é responsável pela causação do evento, sem a adição de um morfema para indicar o evento da causação. Em português, isso ocorre em pares como *morrer/matar*. O segundo tipo é a causativa analítica, a qual ocorre com a presença de um item, neste caso um verbo leve, cuja finalidade é causativizar uma oração, seja ela intransitiva ou transitiva. Vejam-se os exemplos abaixo:

(161) *aawar te cruu ø-põmpon*
 aawar ERG porco PR-ver+NF
 ‘Aawar viu o porco.’

(162) *jýtçy te aawar mỹ cruu j-a’cree*
 jýtçy ERG aawar DAT porco PR-mostrar+NF
 ‘Jýtçy mostrou o porco para Aawar.’

- (163) *jýtçy te aawar to mÿ co-te cruu j-õmpon*³³
jýtçy ERG *aawar* CAUS *CONJ* *3-ERG* *porco* PR-ver+NF
 ‘Jýtçy fez Aawar ver o porco.’

Esses exemplos demonstram os tipos de construções causativas encontradas em Pykobjê. O primeiro exemplo ilustra uma oração transitiva simples, enquanto o segundo ilustra uma oração transitiva estendida, na qual o verbo apresenta uma causativização lexical; ou seja, o verbo *ha’cree* ‘mostrar’ pode ser interpretado como [*causar ver*]. Por sua vez, o terceiro exemplo do conjunto ilustra uma construção causativa realizada a partir do verbo *to*, o qual pode ser traduzida para o português como ‘fazer’.

Note-se ainda que o verbo causativo *to* introduz uma nova oração, a partir da conjunção *mÿ*, pois a nova oração possui sujeito e objeto. A partir desses exemplos, a hipótese que lançamos é a de que o verbo causativo, além de funcionar como núcleo da oração matriz, serve ao propósito de introduzir uma oração encaixada a esta construção. A seguir, damos início à subseção sobre causativas lexicais.

³³ Ocorre variação livre nas formas do verbo ‘ver’ *hõmpon* e *ẽmpopon*.

4.8.1 Causativas lexicais

Nesta subseção, apresentamos os dados linguísticos com construções causativas lexicais. Os exemplos abaixo apresentam pares linguísticos:

- (164) *coohi* *ø-cwỹn*
 arco PR-quebrar.se+NF
 ‘O arco quebrou.’
- (165) *aaजू te* *coohi* *ø-cwỹn*
 aaजू ERG arco PR-quebrar+NF
 ‘Aaजू quebrou o arco.’
- (166) *pacre* *ø-tyc*
 escorpião PR-morrer
 ‘O escorpião morreu.’
- (167) *ẽj-te* *pacre* *ø-cooran*
 1-ERG escorpião PR-matar+NF
 ‘Eu matei o escorpião.’

Em cada par, há um verbo intransitivo e um verbo transitivo causativo. Observa-se que os verbos transitivos, aqui tratados como causativos lexicais, não apresentam morfemas causativos. Ou seja, os pares tais como ‘quebrar-se/quebrar algo’ e ‘morrer/matar’, em Pykobjê, não recebem morfemas específicos para indicar a causação. O par ‘quebrar-se/quebrar algo’ corresponde à causação homônima, enquanto o par ‘matar/morrer’ equivale ao par heterônimo. Em ambos os casos, não há adição de um morfema específico. Esse é o primeiro tipo de construção causativa encontrada na língua investigada. A seguir, descrevemos as ocorrências de causativas analíticas.

4.8.2 Causativas analíticas

O segundo tipo de construção encontrado em Pykobjê são as causativas analíticas, que ocorrem quando um verbo causativo seleciona um predicado transitivo ou intransitivo, o qual consistirá no evento causado. Vejam-se os exemplos abaixo:

(168) *tircwyj* *ø-peecraa*
 tircwyj PR-assustar.se
 ‘Tircwyj se assustou.’

(169) *ẽj-te* *tircwyj* *to* *mỹ* *ẽm-peecraa*
 1-ERG tircwyj CAUS CONJ 3-assustar.se+NF
 ‘Eu fiz Tircwyj se assustar.’

Note-se que os exemplos acima apresentam a causativização de um predicado. É importante também notar que a oração apresenta a ordem canônica rígida [sujeito-objeto-verbo]. Além disso, o sujeito da oração encaixada deve possuir o mesmo referente que o objeto da oração matriz. A seguir, exemplos de causativização de um verbo transitivo:

(170) *aajoo te* *tircwyj* *j-ahir*
 aajoo ERG tircwyj PR-assustar+NF
 ‘Aajoo assustou Tircwyj.’

(171) *aawar te* *aajoo myn* [*qui tircwyj* *j-ahi*]
 aawar ERG aajoo mandar+NF EX:3 tircwyj PR-assustar
 ‘Aawar mandou Aajoo assustar Tircwyj.’

(172) *aawar te* *aajoo to* [*mỹ co-te tircwyj* *j-ahir*]
 aawar ERG aajoo CAUS CONJ 3-ERG tircwyj PR-assust+NF
 ‘Aawar fez Aajoo assustar Tircwyj.’

Os exemplos acima apresentam duas formas de causativizar uma oração transitiva. Na primeira delas, usa-se o verbo causativo *myn*, enquanto na segunda o verbo causativo *to* é utilizado. Note-se que, nos dois exemplos, o sujeito da oração encaixada se refere ao objeto da oração principal, mas apenas no segundo há a presença da conjunção. A seguir, damos continuidade a nossa descrição com a seção sobre coordenação e sua relação com o mecanismo de *switch-reference*.

3.10 COORDENAÇÃO E SWITCH-REFERENCE

Línguas da família Jê e do tronco Macro-Jê são conhecidas por apresentar um fenômeno conhecido como *switch-reference*. Esse fenômeno ocorre quando duas orações são ligadas por meio de uma conjunção, a qual marca se o sujeito é o mesmo em todas as orações. Observem-se os exemplos abaixo:

MAXAKALI:

- (173) *xupatex* *mōg* *ōte* **tu** *kox-xeka* *hã* *mōnãhã*
 cutia ir lá e buraco.grande em entrar
 ‘Cutia foi para lá e entrou no buracão.’
 (adaptado de Campos, 2009, p. 130)

- (174) *tu-te* *mũnũy-tut* *xũmỹ* **ha** *xupaha*
 ele-ERG veado-mãe acertar e fugir
 ‘Ele acertou a vaca e ela correu.’
 (adaptado de Campos, 2009, p. 130)

- (175) *ũhũn* *mōyōn* **ha** *tik-te* *mãm* *mãha*
 mulher dormir e homem-erg peixe comer
 ‘A mulher dormiu e o homem comeu peixe.’
 (adaptado de Campos, 2009, p. 130)

Nos exemplos acima, encontramos duas conjunções, quais sejam: *tu* e *ha*. Essas conjunções servem ao propósito de ligar duas orações simples. Além disso, o uso de cada uma das conjunções acima pode codificar a concordância do sujeito da primeira oração com o sujeito da segunda. No primeiro exemplo do conjunto acima, o uso da conjunção *tu* mostra que o sujeito é o mesmo nas duas orações, enquanto o uso da conjunção *ha* nos outros exemplos mostra que as orações coordenadas não possuem o mesmo sujeito.

Castro Alves (2004, p. 143, 144) afirma que o Canela falado pelos Apaniekrá também apresenta o fenômeno *switch-reference* e identifica duas estratégias de correferenciação e duas estratégias para marcar que o sujeito da principal não é correferente com o sujeito da dependente, como mostram os exemplos a seguir:

- CANELA:
- (176) *wa ha poj nẽ ø a-pupu*
 eu IRR chegar CONJ CO-REF 2-ver
 ‘Eu vou chegar e te ver.’
 (adaptado de Castro Alves, 2004, p. 143)

- (177) *i-poj nẽ i-te a-pupun*
 1-chegar CONJ 1-ERG 2-ver+NF
 ‘Eu cheguei e te vi.’
 (adaptado de Castro Alves, 2004, p. 143)

- (178) *i-te hũmre pupun mã ø ma tẽ*
 1-ERG homem ver+NF CONJ 3 DIR ir
 ‘Eu vi o homem e ele foi embora.’
 (adaptado de Castro Alves, 2004, p. 144)

- (179) *i-te a-pupun ka ma tẽ*
 1-ERG 2-ver+NF tu DIR ir
 ‘Eu te vi e tu foste embora.’

(adaptado de Castro Alves, 2004, p. 145)

Os exemplos acima ilustram quatro contextos nos quais pode ou não ocorrer a correferencialidade de sujeitos em orações coordenadas. Nos exemplos que recebem a conjunção /*nẽ*/, vemos que esta serve ao propósito de mostrar que o sujeito da segunda é o mesmo da oração principal, com a diferença de que o segundo sujeito pode ser apagado. Por sua vez, a terceira oração do conjunto acima faz uso da conjunção /*mã*/ para mostrar que o sujeito da oração encaixada não é correferente com o sujeito da oração principal. Finalmente, a última dessas orações não faz uso de qualquer conjunção, mas de um pronome livre para mostrar que os sujeitos em questão não são correferentes.

Em Pykobjê, encontramos quatro tipos de conjunções, quais sejam: **ne**, **mỹ**, **max**, **xým** e **rõm**, em que **ne** é usada para marcar correferencialidade e **mỹ** é usada para marcar a ausência de correferencialidade. Por sua vez, **max** é um empréstimo do português usado para marcar correferencialidade em um contexto “adversativo”. Observem-se os exemplos:

(180a) *aajoo te to amjõ-mỹ cacutycre j-ahỳr*
 aajoo ERG CAUS REFL-DAT café PR-preparar+NF

ne co-te sohc to ẽ'-com
 CONJ 3-ERG suco CAUS PR-beber+NF
 ‘Aajoo fez café para si, mas bebeu suco.’

(180b) *aajoo te to amjõ-mỹ cacutycre j-ahỳr*
 aajoo ERG CAUS REFL-DAT café PR-preparar+NF

max co-te sohc to ẽ'-com
 CONJ 3-ERG suco CAUS PR-beber+NF
 ‘Aajoo fez café para si, mas bebeu suco.’

Nos exemplos acima, as orações são semelhantes, exceto pelo uso da conjunção, que ora aparece como **ne**, ora aparece como **max**. Entretanto, o sentido principal não muda, ou seja, ‘quem fez café’ também ‘bebeu suco’. Castro Alves (2004) já havia mostrado um exemplo com outra conjunção, com o mesmo sentido adversativo do ‘mas’ do português. Vejamos:

CANELA:

(181) *rɔp pe h-ikoti kãm iʔ-tik*
 cachorro REM 3-gordo CONJ 3-morrer
 ‘O cachorro era gordo, mas morreu.’

(adaptado de Castro Alves, 2004, p. 143)

No exemplo acima, ‘ser gordo’ e ‘morrer’ possuem o mesmo referente, o cachorro, embora a oração seja adversativa. Agora, vejamos os exemplos com a conjunção **mỹ** em Pykobjê:

(182a) *aajoo te quẽnpo ø-popon ne ø-cator*
 aajoo ERG quẽnpo PR-ver+NF CONJ 3-sair+NF
 ‘Aajoo viu Quẽnpo e saiu.’

(182b) *jõm* *mỹ* *ø-cator?*
 alguém FOC PR-sair+NF

aajoo
aajoo
 ‘Quem que saiu? Aajoo.’

(183a) *aajoo te* *quẽnpo* *ø-popon* *mỹ* *ø-cator*
 aajoo ERG quẽnpo PR-ver+NF CONJ 3-sair+NF
 ‘Aajoo viu Quẽnpo e ele saiu.’

(183b) *jõm* *mỹ* *ø-cator?*
 alguém FOC PR-sair+NF

quẽnpo
quẽnpo
 ‘Quem que saiu? Quẽnpo.’

A última conjunção encontrada em nosso *corpus* foi **xỳm**, descrita por Silva (2011, p. 134) como uma conjunção explicativa, como se vê a seguir:

(184) *wa* *jacryy cate* ***xỳm*** *wa* *me* *aa-cape'nyĩ*
 eu feliz muito CONJ eu PL 2-estar.junto
 ‘Estou muito feliz de estar aqui com vocês.’

No exemplo acima, a oração secundária oferece uma razão para a oração principal, pois isso a conjunção é tida como explicativa. Além disso, nas duas orações, o sujeito é correferente. Outra conjunção com essa mesma função é **rõm**, como mostra o próximo exemplo:

- (185) *j̀ytc̀ỳ te aawar to*
j̀ytc̀ỳ ERG aawar CAUS
- rõm co-te cruu j-ẽ ø-cor*
 CONJ 3-ERG porco PR-carne PR-comer+NF
- ‘*J̀ytc̀ỳ* fez Aawar comer carne de porco.’

Por fim, é possível afirmar que, além de terem como função coordenar duas orações, as conjunções servem ao propósito de indicar correferencialidade, que é quando o sujeito da oração secundária é o mesmo da oração principal. Esse fenômeno é conhecido como *switch-reference*, mas as únicas conjunções encontradas em Pykobjê que indicam sujeitos diferentes foram **m̃y** e **rõm**, sendo que todas as outras indicam mesmo sujeito. A seguir, apresentamos o resumo do capítulo.

4.11 RESUMO DO CAPÍTULO

Neste capítulo, apresentamos alguns aspectos gramaticais da língua Pykobjê. Na primeira seção, descrevemos a organização sonora da língua, com o objetivo de explicar a grafia utilizada na transcrição dos dados linguísticos. Na segunda seção, discorremos sobre pronomes pessoais e sobre a emergência dos prefixos relacionais em nomes, verbos e posposições. Na terceira seção, descrevemos a morfologia nominal por meio de análise sintáticas e semânticas. Na quarta seção, investigamos a morfologia de verbos transitivos e intransitivos. Na quinta seção, analisamos a organização dos argumentos nucleares na oração. A sexta seção foi dedicada a explorar o argumento que recebe o caso dativo por meio da posposição {mỹ} e sua emergência como sujeito da oração. A sétima seção descreveu partículas de tempo, aspecto e modo e suas posições canônicas na oração no Pykobjê, enquanto a oitava seção descreveu a posição da negação. A nona seção serviu ao propósito de investigar as construções causativas em Pykobjê. Finalmente, a penúltima seção teve como objetivo descrever mecanismos de coordenação entre as orações e seu comportamento no fenômeno de correferenciação. Portanto, concluímos este capítulo com a consideração de que cumpriu o objetivo de oferecer subsídios para as análises sobre alinhamentos de Caso e marcação diferencial a serem realizadas no próximo capítulo.

CAPÍTULO 5

ALINHAMENTOS DE CASO & DSM

Este capítulo tem por objetivo apresentar os alinhamentos morfossintáticos encontrados em Pykobjê e analisar o complexo sistema de marcação diferencial do sujeito dessa língua. Conforme Dixon (1994), alinhamentos morfossintáticos são a forma como as línguas organizam seus argumentos nucleares. Esses alinhamentos podem ser regulados por vários fatores gramaticais, tais como (i) a ordem de constituintes; (ii) a marcação morfológica de caso nos argumentos; (iii) a natureza semântica dos verbos, i.e., se estativos, psicológicos, de ação; se intransitivos eventivos ou estativos; e (iv) sistemas de concordância entre o verbo e seus argumentos nucleares.

Em conformidade com a análise desenvolvida em Santos (2018) e Duarte (2022), assumiremos, no decorrer deste capítulo, que o Pykobjê possui um sistema quadripartido de marcação de Caso dos argumentos nucleares, em que há pelo menos quatro Casos disponíveis, a saber: o nominativo, o acusativo (=absolutivo)³⁴, o ergativo e o dativo.

³⁴ Ao longo do capítulo, usamos os termos ‘acusativo’ e ‘absolutivo’ a fim de manter a consistência com a teoria da tipologia linguística de Dixon (1994). Entretanto, propomos que, em Pykobjê, caso absolutivo equivale a caso acusativo.

O capítulo está organizado em 5 seções. Na seção 1, discorreremos sobre os três alinhamentos morfosintáticos da língua Pykobjê. Na seção 2, propomos o alinhamento dativo como um quarto alinhamento de Caso. Na seção 3, analisamos o sistema de marcação diferencial do sujeito decorrente do alinhamento de Caso nesta língua. Na seção 4, investigamos a ergatividade sintática e sua cisão que decorrem a partir da coordenação de orações. Na quinta seção, apresentamos o resumo do capítulo.

5.1 ALINHAMENTOS MORFOSSINTÁTICOS

Em conformidade com Amado (2004b, p. 39), “do ponto de vista morfológico, grande parte dos verbos ativos, tanto transitivos quanto intransitivos, apresentam duas formas, uma longa e uma breve.” Neste trabalho, no entanto, adotamos outra terminologia, de modo que rotulamos essas formas verbais de forma não-finita e forma finita, respectivamente. Nossa hipótese é a de que os verbos transitivos de ação da língua Pykobjê operam com dois alinhamentos sintáticos, quais sejam: o nominativo-acusativo (ou apenas acusativo) e o ergativo-absolutivo (ou apenas ergativo).

Além da morfologia de finitude no verbo, há outro aspecto importante: o argumento A é sempre acompanhado pela posposição {te} no alinhamento ergativo. Além desses alinhamentos, há ainda o alinhamento nominativo-

absolutivo, uma novidade tanto para a tipologia linguística, quanto para os estudos de línguas da família Jê (cf. Castro Alves, 2010). Este alinhamento é condicionado pela presença de um elemento ‘auxiliar’ pós-verbal. Na próxima subseção, damos início à análise tendo como foco o alinhamento nominativo-acusativo.

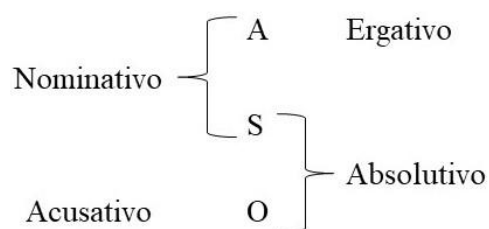
5.1.1 Alinhamento nominativo-acusativo

Em Pykobjê, o alinhamento nominativo-acusativo está diretamente relacionado à noção de finitude do verbo e ao fato de a oração estar no aspecto imperfectivo e nos tempos presente ou futuro, conforme mostram os exemplos abaixo:

- (1) *wa-∅* *tir'cacu* *cÿm* *bur-∅* *co*
 eu-NOM açai.suco POSP bolo-ACC comer
 ‘Eu estou comendo bolo com suco de açai.’
- (2) *ca-∅* *ha* *wacyy-∅* *cwÿ*
 tu-NOM IRR faca-ACC quebrar
 ‘Tu vais quebrar a faca.’
- (3) *wa-∅* *ha* *cÿy* *pi* *hÿycron*
 eu-NOM IRR pátio LOC dançar
 ‘Eu vou dançar no pátio.’
- (4) *wa-∅* *mõ* *tẽ*
 eu-NOM MOV ir
 ‘Eu estou indo.’

O alinhamento recebe esse nome porque seus argumentos A e S recebem sistematicamente o Caso nominativo, enquanto o argumento O recebe o Caso acusativo. Mais precisamente, argumentamos que A e S recebem o mesmo Caso, em oposição a O, emergindo assim o subsistema de alinhamento $[A=S \neq O]$ ³⁵, conforme se delinea pelo esquema abaixo:

Figura 5.1: esquema de alinhamentos morfossintáticos



Fonte: adaptado de Dixon (1994).

Nesses contextos, tanto o sujeito transitivo quanto o sujeito intransitivo recebem o Caso nominativo, enquanto o objeto direto recebe o Caso acusativo. Destarte, a tese que se assume neste trabalho é de que o Caso nominativo em Pykobjê recebe a morfologia $\{\emptyset\}$. Tendo em conta que nesta língua a marca

³⁵ Esses rótulos se referem aos argumentos nucleares do verbo, onde A é o argumento externo do verbo transitivo, S é o único argumento do verbo intransitivo e O é o argumento interno do verbo transitivo. Não se trata, portanto, de rótulos semânticos.

morfológica de Caso acusativo também é { \emptyset }, esta oposição na marcação de Caso fica mais explícita quando averiguamos o uso dos pronomes pessoais de primeira e segunda pessoas do singular nas posições de sujeito e de objeto, como mostramos no exemplo abaixo:

(5) *wa- \emptyset* *ha* *wacyy* *to* *aa-caxwy*
 eu-NOM IRR faca INSTR 2ACC-furar
 ‘Eu vou te furar com a faca.’

(6) *wa- \emptyset* *mõ* *paxwyre* *tẽ*
 eu-NOM MOV 1ENF.também ir
 ‘Eu também vou.’

(7) *xoo- \emptyset* *ha* *ẽj-xa*
 cachorro-NOM IRR 1ACC-morder
 ‘O cachorro vai me morder.’

Nos exemplos acima, o uso da forma presa do marcador de primeira pessoa é {*ẽj-*} ‘me’ em oposição à forma *wa* ‘eu’. Notem que a primeira forma ocupa a posição de sujeito tanto em verbos transitivos quanto em verbos intransitivos, enquanto a forma {*ẽj-*} ‘me’ codifica o argumento na posição de objeto. Mais evidência a favor da hipótese de que o sujeito transitivo (A) e o sujeito intransitivo (S) são codificados da mesma maneira em oposição ao objeto (O) advém dos exemplos a seguir:

(8) *ca- \emptyset* *prỹmxu- \emptyset* *co*
 tu-NOM mamão-ACC comer
 ‘Tu estás comendo o mamão.’

- (9) *ca-∅* *ha* *pacre-∅* *cora*
 tu-NOM IRR escorpião-ACC matar
 ‘Tu vais matar o escorpião.’
- (10) *cormỹ* *ca-∅* *aap̃y*
 ASP:ainda tu-NOM alimentar.se
 ‘Tu ainda estás comendo.’
- (11) *aa-ncryc*
 2-estar.irritado
 ‘Tu estás irritada.’
- (12) *xoo-∅* *ha* *aa-xa*
 cachorro-NOM IRR 2ACC-morder
 ‘O cachorro vai te morder.’

Semelhantemente ao que ocorre nos exemplos acima, o sujeito de segunda pessoa pronominal é *ca* ‘tu’, quando ocupa a posição de sujeito de transitivo (A) e de sujeito intransitivo (S) e vem antes das partículas de tempo/aspecto, enquanto a forma de objeto de segunda pessoa pronominal corresponde a {*aa-*}. Essa distribuição das formas pronominais mostra claramente que o sistema é realmente nominativo-acusativo. Em suma, os dados mostram que o alinhamento é, de fato, o nominativo-acusativo: [A=S≠O]. Nesse alinhamento, é importante chamar atenção para o fato de que os verbos aparecem sempre na forma finita e o tempo verbal é o presente ou futuro, nunca o passado.

Assim, é possível propor que o alinhamento em questão está relacionado à forma verbal não apenas morfológicamente, mas principalmente às noções sintático-semânticas de tempo e finitude. Isso significa dizer que, quando a

oração apresenta a noção de tempo presente ou futuro, então o alinhamento será o NOM-ACC.

Já em orações em que o argumento externo consiste em um nominal pleno, tanto o argumento externo quanto o argumento interno aparecem com a marca de Caso *default* { \emptyset }, como mostram os exemplos abaixo:

- (13) *aajoo- \emptyset* *tircwyj- \emptyset* *jahi*
 aajoo-NOM tircwyj-ACC assustar
 ‘Aajoo assusta Tirrecwyj.’
- (14) *xoo- \emptyset* *ha* *cruu- \emptyset* *jacop*
 cachorro-NOM IRR porco-ACC seguir
 ‘O cachorro vai seguir o porco.’
- (15) *cruu- \emptyset* *mỹ* *xoo- \emptyset* *ha* *h-acop*
 porco-ACC FOC cachorro-NOM IRR PR-seguir
 ‘É o porco que o cachorro vai seguir.’

Nesses casos, o que indica qual sintagma é o sujeito e qual é o objeto da oração é a ordem de constituintes. Em Pykobjê, observa-se que, em sentenças transitivas, o objeto aparece imediatamente antes do verbo na ordem linear [SOV]. Se este argumento é deslocado para uma posição de foco, então deve deixar uma marca no verbo, aqui identificado com prefixo relacional de não-contiguidade, emergindo nesses casos as ordens [OSV] ou [S-O-Adv-PP-V], conforme mostram os exemplos a seguir:

- (16) **cruu* *mỹ* *ẽj-te* *co-mỹ* *cooran*
 porco FOC 1-ERG 3-DAT matar+NF
 ‘Foi o porco que eu matei para ele.’

- (17) *cruu mỹ ěj-te co-mỹ en-cooran*
 porco FOC 1-ERG 3-DAT PR-matar+NF
 ‘Foi o porco que eu matei para ele.’

Que no sistema acusativo o sujeito A de verbo transitivo se alinha ao sujeito S de intransitivo fica ainda mais evidente pelos exemplos a seguir, que contêm construções com verbos intransitivos eventivos do tipo de ‘banhar-se’, ‘dormir’, ‘acordar’, dentre outros:

- (18) *cormỹ wa-∅ xwa*
 ASP:ainda eu-NOM banhar
 ‘Eu ainda estou banhando.’

- (19) *wa-∅ e’ry’ry nỹ ngõr*
 eu-NOM cedo POSP dormir
 ‘Eu durmo cedo.’

- (20) *awca’tē wa-∅ e’ry’ry nỹ ampraa*
 amanhã eu-NOM cedo POSP acordar
 ‘Amanhã eu acordo cedo.’

Nota-se que, nos exemplos acima, a marca de Caso do sujeito pronominal é {∅}. É relevante notar ainda que, nos exemplos acima, ocorrem a partícula marcadora de aspecto imperfectivo *cormỹ* e a partícula de tempo futuro *ha*, que marca o modo *irrealis*.

Verbos de ação, como o verbo *wỳr* ‘banhar-se’, podem aparecer tanto na forma finita como na forma não-finita, cada uma representando um aspecto verbal. Nossa hipótese é a de que o verbo na forma finita representa o aspecto imperfectivo, e por isso engatilha no sujeito o caso nominativo. Em sujeitos

pronominais, isso é representado pela forma livre obrigatória do pronome de primeira pessoa *wa* ‘eu’, conforme mostra o exemplo a seguir:

- (21) *wa-∅* *ha* *xwa*
 eu-NOM IRR banhar
 ‘Eu vou banhar.’

Entretanto, quando o verbo aparece na forma não-finita, o argumento pronominal deve aparecer preso ao verbo, como se percebe pelo exemplo abaixo:

- (22) *ry'mỹ* *ěj-xwỳr*
 ASP:já 1ABS-banhar+NF
 ‘Eu já banhei.’

- (23) *∅-jõt*
 1ABS-dormir+NF
 ‘Eu dormi.’

- (24) *ěh'no'nỹ* *ě'ry'ry* *nỹ* *ěj-pěmpra*
 ontem cedo POSP 1ABS-acordar+NF
 ‘Ontem eu acordei cedo.’

Já verbos transitivos que aparecem na forma não-finita engatilham um argumento externo obrigatoriamente posicionado com a marca de Caso ergativo {te}. Comparem-se os exemplos a seguir:

- (25) *wa-∅* *wacyy-∅* *cwỹ*
 eu-NOM faca-ACC quebrar
 ‘Eu vou quebrar a faca.’

- (26) *ěj-te* *wacyy-∅* *cwỹn*
 1-ERG faca-ACC quebrar+NF
 ‘Eu quebrei a faca.’

No conjunto acima, o verbo *ẽ'cwÿn* ‘quebrar’ aparece na forma finita no primeiro exemplo, e na forma não-finita no segundo. Além dessa diferença morfológica, há também uma diferença de marcação no argumento externo, visto que, no segundo exemplo, o sujeito figura como um pronome preso seguido da posposição ergativa. Esses exemplos com verbo na forma não-finita e aspecto perfectivo e a distribuição morfossintática complementar dos pronomes pessoais entre formas livres e formas presas faz emergir o alinhamento ergativo [A≠S=O]. Este será, portanto, o tema de análise na próxima subseção.

5.1.2 Alinhamento ergativo-absolutivo

O sistema ergativo-absolutivo emerge quando o verbo da oração transitiva ocorre na forma não-finita. Nestes contextos, o sujeito agente vem sistematicamente marcado com a partícula {te} de Caso ergativo, conforme se vê pelos exemplos a seguir:

(27) *e'no'nyĩ* *aa-te* *ẽj-par-ø* *caxwyr*
ontem 2-ERG 1-pé-ABS furar+NF
‘Ontem tu furaste meu pé.’

(28) *aafoo te* *tircwyj-ø* *jahir*
aafoo ERG tircwyj-ABS assustar+NF
‘Aafoo assustou Tircwyj.’

(29) *xoo* *te* *cruu-ø* *jacop*
cachorro ERG porco-ABS seguir+NF
‘O cachorro seguiu o porco.’

- (30) *xoo te ěj-xar*
 cachorro ERG 1ABS-morder+NF
 ‘O cachorro me mordeu.’
- (31) *cỳy pi ěj-cron*
 Pátio LOC 1ABS-dançar+NF
 ‘Eu dancei no pátio.’
- (32) *prĕn pỳr nỹ ěj-pym*
 pequi pé POSP 1ABS-cair
 ‘Eu caí do pé de pequi.’

A hipótese que assumiremos, doravante, é a de que posposição {te} realiza o Caso ergativo. Faz-se muito importante salientar que essa posposição marca sistematicamente o sujeito agente A, mas não marca o sujeito do verbo intransitivo S, o que sinaliza a existência de um alinhamento de tipo ergativo-absolutivo. Neste sistema, os argumentos S e O recebem a marca de Caso absoluto {ø}, emergindo assim o sistema de alinhamento [A≠S=O]. Observem-se os dados a seguir:

- (33) *aa-te prỹmxu-ø cor*
 2-ERG mamão-ABS comer+NF
 ‘Tu comeste o mamão.’
- (34) *aa-te pacre-ø coran*
 2-ERG escorpião-ABS matar+NF
 ‘Tu mataste o escorpião.’
- (35) *pacre-ø tyc*
 escorpião-ABS morrer+NF
 ‘O escorpião morreu.’

Os exemplos (33) e (34) contrastam com os exemplos (36) e (37). Nota-se ainda que os exemplos acima aparecem em sua forma não-finita, contrastando com os exemplos abaixo, em que o verbo vem na forma finita:

(36) *ca-∅* *prỹmxu-∅* *co*
 tu-NOM mamão-ACC comer
 ‘Tu estás comendo o mamão.’

(37) *ca-∅* *ha* *pacre-∅* *cora*
 tu-NOM IRR escorpião-ACC matar
 ‘Tu vais matar o escorpião.’

Observa-se, ainda, que há interessante contraste na marcação de Caso do sujeito transitivo A e do sujeito intransitivo S, o qual recebe a marca de caso absolutivo {∅}. Ou seja, sujeitos intransitivos, mesmo quando são agentes, nunca recebem a marca de caso ergativo {te}, o que nos traz mais evidência a favor da hipótese de que o sistema que emerge é, de fato, o ergativo-absolutivo, uma vez que mesmo sujeitos agentes de verbos intransitivos (inergativos) são marcados da mesma maneira que o sujeito tema/afetado de verbos intransitivos (inacusativos) e que o objeto de verbo transitivo, fazendo emergir, por conseguinte, o sistema ergativo-absolutivo. Para tal, comparem-se os dados a seguir:

(38) *ẽ’no ’nyĩ* *∅-jarxaar*
 ontem 1ABS-correr+NF
 ‘Ontem eu corri.’

- (39) *[coohi-∅ cwỹn]*
 arco-ABS quebrar+NF
 ‘O arco quebrou-se.’
- (40) *aajoo te [coohi-∅ cwỹn]*
 aajoo ERG arco-ABS quebrar+NF
 ‘Aajoo quebrou o arco.’

Nos exemplos acima, observa-se que o argumento S em (39) está alinhado ao argumento O em (40). Nossa proposta, então, é a de que o alinhamento ergativo-absolutivo ocorre quando verbos transitivos de ação e verbos intransitivos (inergativos) aparecem em sua forma não-finita. Nesse sistema de alinhamento, o sujeito (A) recebe sistematicamente a marca de caso ergativo {te}, enquanto o sujeito (S) de intransitivos (inergativos e inacusativos) e o objeto transitivo (O) recebem sistematicamente a marca de caso *default* {∅}, quando esses últimos são realizados por DPs plenos.

Todavia, quando os argumentos (S) e (O) vêm realizados por formas pronominais absolutivas, estas formas pronominais correspondem às formas presas, que figuram proclíticas ao verbo. Em suma, nossa hipótese é a de que há uma interessante distribuição complementar entre formas pronominais livres e formas presas. As formas pronominais livres ocupam a posição de sujeitos (A) e (S) no sistema nominativo-acusativo, enquanto as formas presas codificam as funções sintáticas (S) e (O) no sistema ergativo-absolutivo.

A hipótese acima é reforçada pelo fato de que verbos intransitivos estativos também operam com o alinhamento ergativo-absolutivo, pois seus sujeitos recebem sistematicamente a marcação de caso *default* { \emptyset }, quando vêm realizados por DPs plenos. Contudo, quando são argumentos pronominais, o sujeito (S_o) deve aparecer como pronome preso. Comparem-se os dados a seguir:

- (41) *aajoo- \emptyset ncryc*
 aajoo-ABS estar.zangado
 ‘Aajoo ficou zangado.’
- (42) *ěj-cacro*
 1ABS-ser.quente
 ‘Estou com febre.’
- (43) *ca ha ěj-to aa-japac ’xy*
 tu IRR 1-POSP 2ABS-sentir.saudade
 ‘Tu vais sentir saudade de mim.’

Nos exemplos acima, os argumentos S aparecem todos presos ao verbo, mesmo se for um nominal pleno, como em (41). No exemplo em (43), notamos que o pronome de segunda pessoa aparece preso ao verbo, mesmo que a oração esteja no tempo futuro (modo *irrealis*). Na próxima seção, o objetivo é analisar o sistema de alinhamento nominativo-absolutivo.

5.1.3 Alinhamento nominativo-absolutivo

O alinhamento nominativo-absolutivo se difere do alinhamento nominativo-acusativo em alguns aspectos importantes. A presença de elementos pós-verbais específicos induz que verbos transitivos de ação e intransitivos *inergativos* apareçam obrigatoriamente na forma não-finita, ao mesmo tempo em que engatilham a concordância obrigatória entre sujeitos (S) de verbos intransitivos. Ou seja, neste sistema de alinhamento, o argumento pronominal (S) deve aparecer tanto em sua forma livre quanto em sua forma presa. Se se tratar de um DP pleno, então deve deixar obrigatoriamente uma marca de concordância no verbo. Analisem-se os exemplos abaixo, da língua Canela:

- CANELA:
- (44) *aʔk^hrajrɛ-∅ hĩ-∅ k^hẽr krirɛ* (transitivo)
 criança-NOM carne-ACC comer+NF pouco
 ‘A criança está comendo carne (uma quantidade pequena).’
 (adaptado de Castro Alves, 2010, p. 451)
- (45) *pe ka-∅ iʔ-tɔn narɛ* (transitivo)
 REM tu-NOM 3ACC-fazer+NF NEG
 ‘Tu não fizeste isso.’
 (adaptado de Castro Alves, 2010, p. 451)
- (46) *kupri-∅ h-ɜpən tɔhi* (intransitivo)
 garota-NOM 3ABS-comer+NF muito
 ‘A garota come bastante.’
 (adaptado de Castro Alves, 2010, p. 452)

- (47) *ka-∅* *ha* *a-j-ʒɪkukʰrɛ̃n* *pɛj* (*intransitivo*)
 tu-NOM IRR 2ABS-PR-correr+NF bem
 ‘Tu corres bem.’
 (adaptado de Castro Alves, 2010, p. 452)

Ao investigar a evolução dos alinhamentos sintáticos em línguas Timbira, Castro Alves (2010) afirma que as línguas desse grupo apresentam o alinhamento nominativo-absolutivo. De acordo com a autora, a motivação para que a língua Canela opere com o alinhamento em questão é a presença de um elemento pós-verbal, identificado por ela como um auxiliar codificando aspecto e modalidade. Além disso, o verbo principal aparece sempre na forma não-finita³⁶.

Conforme Gildea & Castro Alves (2020, p. 48), este padrão de alinhamento era previamente pensado como impossível. Entretanto, Cabral, Rodrigues & Costa (2004) já haviam identificado um padrão de alinhamento em Xikrín (dialeto da língua Mëbêngôkre) ao qual nomearam nominativo-absolutivo.

O quadro abaixo discrimina os elementos auxiliares identificados por Castro Alves (2010):

³⁶ Note-se, entretanto, que a presença da forma não-finita do verbo não engatilha o alinhamento ergativo-absolutivo.

Quadro 5.1: aspectos e modos expressos via operadores em Timbira

Modalidade avaliativa	<i>(ŋ)krirɛ</i> ‘pouco’ <i>(m)pej</i> ‘bom’ <i>k^hen</i> ‘mau’ <i>tɔʔhi</i> ‘muito’	Aspecto continuativo	<i>(tɔ=h--~)j-ĩr</i> ‘sentar’
Polaridade negativa	<i>nare</i> ‘neg’	Aspecto ingressivo	<i>k^hãm (tɔ=) tẽ</i> ‘começar’
Aspecto iterativo	<i>(tɔ=) pitʃet</i> ‘uma vez’ <i>(tɔ=aj--~) pja-k^hrut</i> ‘duas vezes’ <i>(tɔ=) ŋkre</i> ‘três vezes’ <i>(tɔ=h--~) j-ɜʔto</i> ‘muitas vezes’	Aspecto completivo	<i>par(tu)</i> ‘todo’
Aspecto progressivo	<i>tɔ=mɔ̃</i> ‘ir’ <i>tɔ=tẽ</i> ‘ir’ <i>tɔ=tʃa</i> ‘levantar’	Aspecto terminativo	<i>(tɔ=h--~) j-amre</i> ‘terminar’ <i>(tɔ=h--~) j-ipej</i> ‘terminar’ <i>(tɔ=h--~) j-iku</i> ‘parar’

Fonte: adaptado de Castro Alves (2010, p. 450).

O mesmo fenômeno ocorre em Pykobjê, pois a presença de alguns operadores pós-verbais engatilha a morfologia de infinitude no verbo transitivo de ação ou no verbo intransitivo inergativo. Tal fato já havia sido notado por Amado (2004b, p. 101). Comparem-se os exemplos abaixo:

- (48) *ca-∅* *aapy* *cate*
2-NOM comer bastante
‘Você está comendo bastante.’
(adaptado de Amado, 2004b, p. 103)

- (49) *ca-∅* *nee* *aa-jỳypỳn* *nõore*
2-NOM NEG 2ABS-comer+NF NEG
‘Você não está comendo.’
(adaptado de Amado, 2004b, p. 103)

No primeiro exemplo do conjunto acima, o elemento pós-verbal é um quantificador, o qual não figura como um auxiliar. Já no segundo exemplo, o

operador é um auxiliar de polaridade negativa, o qual engatilha o alinhamento nominativo-absolutivo. Devida à falta de exemplos com todos os operadores possíveis, apresentamos aqui apenas exemplos com orações de polaridade negativa, conforme os dados abaixo:

(50) *wa-∅* *ha* *nee* *wacyy-∅* *pyr* *nõore*
 eu-NOM IRR NEG faca-ABS pegar+NF NEG
 ‘Eu não vou pegar a faca.’

(51) *wa-∅* *ha* *nee* *ěj-pyr* *nõore*
 eu-NOM IRR NEG 3ABS-pegar+NF NEG
 ‘Eu não vou pegá-la.’

(52) **wa-∅* *ha* *nee* *wacyy-∅* *py* *nõore*
 eu-NOM IRR NEG faca-ABS pegar NEG
 ‘Eu não vou pegar a faca.’

Os exemplos acima ilustram que a presença do operador de polaridade negativa faz emergir a morfologia de infinitude. Ou seja, se o verbo aparecer na forma finita, a oração é considerada agramatical, como em (52). O segundo exemplo demonstra ainda que o sujeito do verbo transitivo aparece na forma livre e o objeto aparece na forma presa, evidenciando o que ocorre se forem argumentos pronominais. Por outro lado, orações com verbos intransitivos seguidos de operadores pós-verbais apresentam outro tipo de construção, conforme os dados a seguir:

(53) *awca'te* *wa-∅* *nee* *ěj-xwỳr* *nõore*
 amanhã eu-NOM NEG 1ABS-banhar+NF NEG
 ‘Eu não vou banhar amanhã.’

- (54) *aawar-∅* *nee* *∅-hõt* *nõore*
 aawar-NOM NEG 3ABS-dormir+NF NEG
 ‘Aawar não está dormindo.’

Os dados acima ilustram o fato de que verbos intransitivos também devem aparecer na forma não-finita quando estiverem acompanhados de um operador pós-verbal, e tal fato independe do tempo em que a oração se encontre. Note-se ainda que, nesses contextos, o argumento S deve figurar obrigatoriamente como pronome livre e pronome preso, quando se tratar de argumento pronominal. A ausência do pronome preso torna a sentença agramatical. Vejam-se os exemplos a seguir:

- (55) **wa-∅* *nee* *xwỳr* *nõore*
 eu-NOM NEG banhar+NF NEG
 ‘Eu não estou banhando.’
- (56) **wa-∅* *nee* *xwa* *nõore*
 eu-NOM NEG banhar NEG
 ‘Eu não estou banhando.’

O alinhamento nominativo-absolutivo indica que a realização de um argumento interno é obrigatória sempre que o verbo figurar na forma não-finita. De acordo com a análise realizada nesta seção, é possível propor que os verbos transitivos de ação em Pykobjê operam com três alinhamentos morfossintáticos, a saber: nominativo-acusativo, ergativo-absolutivo, e nominativo-absolutivo. A próxima seção investiga a emergência de um quarto alinhamento, o dativo-acusativo.

5.2 SUJEITOS DATIVOS: PROPOSTA DE ALINHAMENTO

Além de receberem os casos nominativo e ergativo, sujeitos de verbos transitivos podem acionar ainda um terceiro Caso. Trata-se do caso dativo, cuja distribuição está diretamente relacionada à natureza semântica do verbo. Mais precisamente, a tese que assumiremos é a de que a sua ocorrência está diretamente relacionada ao fato de o verbo ser estativo psicológico ou não, casos em que então seleciona um sujeito com papel theta de experienciador. Nesses contextos, observa-se que o sujeito sistematicamente apresenta a propriedade semântica de [AFETAÇÃO] e vem marcado com o caso dativo, que é realizado no componente morfológico pela posposição {*mỹ*}, conforme mostram os exemplos a seguir:

- (57) *ẽj-mỹ* *cwyrcoo-ø* *prỹm*
 1-DAT paparuto-ACC desejar
 ‘Eu quero comer paparuto (uma comida típica Timbira).’
- (58) *ẽj-mỹ* *cwyrcoo-ø* *xen*
 1-DAT paparuto-ACC gostar(de.comida/bebida)
 ‘Eu gosto de comer paparuto.’

Nos exemplos acima, os verbos exigem um sujeito não-agentivo, pois são verbos de estado físico/psicológico, cujos sujeitos exibem as propriedades semânticas [+AFETADO] e [-CONTROLE]. Situação semelhante ocorre com sujeitos afetados de verbos intransitivos, conforme mostram os exemplos abaixo:

- (59) *ẽj-mỹ cur*
 1-DAT sentir.sede
 ‘Eu estou com sede.’
- (60) *wa paxwyyre mỹ pa*
 eu eu.também DAT sentir.medo
 ‘Eu também fico com medo.’

Há contextos ainda em que o Caso dativo ocorre com sujeitos de predicados nominais, como no exemplo a seguir:

- (61) *xỳm aa-mỹ xoo?*
 INT 2-DAT cachorro
 ‘Tu tens um cachorro?’

Nota-se ainda, pelo exemplo acima, uma propriedade [+POSSUIDOR] atribuída ao sujeito. De forma semelhante, verbos no modo imperativo também engatilham Caso dativo no argumento, o que nos sugere papel semântico de [ALVO], como se observa no exemplo abaixo:

- (62) *ẽj-mỹ cop gõ ry'mỹ*
 1-DAT copo dar ASP:já
 ‘Me dá logo o copo.’

A análise realizada até aqui mostra que os exemplos do Pykobjê estão em conformidade com as hipóteses de Klaiman (1980), conforme as quais sujeitos dativos (i) apresentam experiências psicológicas, (ii) são semanticamente recipientes e (iii) apresentam a propriedade semântica [-CONTROLE].

Tendo em conta a análise desenvolvida até aqui, ficamos em condições de propor que a ocorrência do caso dativo, realizado pela posposição {*mỹ*}, está diretamente correlacionada à propriedade semântica de afetação que o sujeito codifica. Nesta linha de raciocínio, a restrição que podemos propor é a de que, para que o caso dativo marque sujeitos de verbos transitivos ou intransitivos, faz-se importante que o sujeito apresente sempre a propriedade [-AGENTE], uma vez que sujeitos [+AGENTE] podem engatilhar o caso ergativo ou o caso nominativo, uma ou outra opção dependerá se a sentença está no aspecto perfectivo ou imperfectivo.

Além disto, o sujeito experienciador pode ainda figurar em sentenças com o verbo volicionais como ‘desejar’ e ‘querer’, situações em que deve vir marcados com o caso dativo, conforme demonstra o exemplo a seguir:

- (63) *ěj-mỹ* [*riachin* *wỳr* *ěj-těm*] *prỹm*
 1-DAT riachinho LOC 1ABS-ir+NF desejar
 ‘Eu quero ir para a aldeia Riachinho.’

No exemplo acima, o sujeito recebe o caso dativo porque apresenta a propriedade semântica de [+VOLICÃO]. Isso acontece com todos os sujeitos do verbo *prỹm* ‘querer/desejar’, pois são sujeitos com propriedade de [-CONTROLE] afetados de alguma maneira pelo evento denotado pelo predicado.

Tendo em conta os dados analisados até o momento, a hipótese que propomos é a de que o Caso dativo é engatilhado em Pykobjê somente em

sujeitos não-agentes. Esses podem ser sujeitos de verbos transitivos ou de verbos intransitivos, e devem apresentar uma das seguintes propriedades semânticas, a saber: [+EXPERIENCIADOR], [+POSSUIDOR], [+ALVO] E [+VOLIÇÃO]. Nesse sentido, observa-se um alinhamento entre os argumentos A e S, em oposição a O, o qual propomos que recebe o Caso acusativo. Analisem-se os exemplos abaixo:

- (64) *ẽj-mỹ* *aa-quen*
 1-DAT 2ACC-gostar
 ‘Eu gosto de ti.’
- (65) *ẽj-mỹ* *a'crajre-∅* *quen*
 1-DAT criança-ACC gostar
 ‘Eu gosto de criança.’
- (66) *ẽj-mỹ* *prỹm*
 1-DAT fome
 ‘Estou com fome.’
- (67) *xỹm* *aa-mỹ* *cry*
 INT 2-DAT frio
 ‘Tu estás com frio?’

No exemplo (64), o objeto pronominal aparece na forma de pronome preso, enquanto no exemplo (65) um DP pleno aparece imediatamente antes do verbo e recebe a marca de caso *default* {∅}. A comparação entre os dados apresentados até aqui nos permite propor que o objeto direto recebe o caso acusativo/absolutivo, como ocorre com os outros alinhamentos morfossintáticos do Pykobjê.

Outro argumento a favor da hipótese de que a emergência do Caso dativo em sujeitos de verbos transitivos e intransitivos é que a marcação de Caso independe de noções tais como tempo e aspecto, conforme demonstram os seguintes exemplos:

(68) *ẽj-mỹ* *prỹm* *creeere*
 1-DAT sentir.fome ÊNFASE
 ‘Eu estava com muita fome.’ (Contexto: acabei de almoçar)

(69) *cormỹ* *ẽj-mỹ* *prỹm* *nõore*
 ASP:ainda 1-DAT sentir.fome NEG
 ‘Eu não estou mais com fome.’

(70) *qui* *ha* *aajoo* *mỹ* *pa*
 EX:3 IRR aajoo DAT sentir.medo
 ‘Aajoo vai ficar com medo.’

Os exemplos acima exibem dados em três tempos verbais distintos, quais sejam: passado recente, presente e futuro. Note que em todos eles o sujeitos afetados recebem o caso dativo, ou seja, mesmo quando emerge o modo *irrealis*, o sujeito não recebe caso nominativo, e sim o dativo.

Em suma, a generalização que pode ser feita é a de que, para que o caso dativo ocorra em Pykobjê, é necessário que o verbo seja de estado psicológico/volicional e que selecione um sujeito com traços [-AGENTE] e [-CONTROLE]. Mais precisamente, propomos que esse sujeito deve receber o papel temático de experienciador.

Com base na análise delineada até aqui, concluímos que o sujeito transitivo pode receber até três Casos em Pykobjê, a saber: o nominativo, o ergativo e dativo, fazendo, portanto, emergir um interessante sistema de marcação diferencial de Caso do sujeito. No intuito de explorar esse intrincado sistema, a próxima seção visa a detalhar esse sistema.

5.3 MARCAÇÃO DIFERENCIAL DO SUJEITO

Acompanhando as propostas de Butt (2006a) e Butt & King (1991, 2003, 2005) e Duarte (2022), faz-se necessário investigar os fatores gramaticais que regulam o sistema de marcação diferencial de sujeito, doravante DSM. Para tal, devemos considerar tanto fatores semânticos quanto morfossintáticos para se compreender o sistema de DSM em Pykobjê.

A análise desenvolvida até aqui mostra que sujeitos de transitivos e de intransitivos podem receber até quatro Casos, quais sejam: nominativo, acusativo, ergativo e dativo. Essa assunção coincide com a hipótese delineada em Duarte (2022), conforme a qual línguas Timbira operam com um sistema quadripartido de marcação de Caso, em que os casos nominativo, acusativo/absolutivo, ergativo e dativo podem ser acionados a depender dos traços de tempo e de aspecto e da natureza semântica do verbo. Os casos nominativo e acusativo são representados pela marca $\{\emptyset\}$, enquanto os casos

ergativo e dativo são licenciados pelas posposições {te} e {mỹ}, respectivamente. Sobre a diferenciação entre os casos nominativo e acusativo, ela ocorre por meio de ordem dos constituintes nucleares e pela distribuição das formas pronominais presas. Começemos com a análise do sistema DSM em orações transitivas.

5.3.1 DSM em orações transitivas

Tomando-se por base as propostas de Woolford (2006), Santos & Duarte (2020) e Duarte (2022), assumiremos que a posposição {mỹ} marca caso dativo e a posposição {te} realizada caso ergativo. Propomos ainda que esses Casos correspondem a Casos inerentes, já que estão diretamente associados à atribuição de papel temático em certos contextos sintático-semânticos bem predizíveis. Mais precisamente, admitiremos que o caso ergativo marca sujeitos agentes em orações cujo traço aspectual é o perfectivo, enquanto o caso dativo marca sujeitos com o papel temático de experienciador/beneficiário/afetado. Tendo em conta essa análise, propomos que sujeitos dativos são selecionados por verbos de estado físico psicológico, conforme mostram os dados abaixo:

- (71) *nee* *ẽj-mỹ* *põohỳ-ø* *xen* *nõore*
 NEG 1-DAT milho-ACC gostar NEG
 ‘Eu não gosto de milho.’

- (72) *tircwyj mÿ cagÿ-ø jõpa*
 tircwyj DAT cobra-ACC sentir.medo
 ‘Tircwyj tem medo de cobra.’

Já o caso ergativo marca sujeitos agente A de verbos transitivos de ação, como se vê pelos dados a seguir:

- (73) *ø-jëexee te to põohÿ-ø hoc*
 1-esposa ERG CAUS milho-ACC pilar
 ‘Minha esposa pilou o milho.’
- (74) *ëj-te põohÿ-ø hoc cor*
 1-ERG milho-ACC socado comer+NF
 ‘Eu comi o milho pilado.’

Sujeitos de verbos transitivos podem vir ainda marcados com o caso nominativo, mas em tais casos quando o traço aspectual da oração é o imperfectivo, conforme mostram os exemplos abaixo:

- (75) *ø-jëexee-ø to põohÿ-ø twy*
 1-esposa-NOM CAUS milho-ACC pilar
 ‘Minha esposa está pilando o milho.’
- (76) *wa-ø põohÿ-ø hoc co*
 1-NOM milho-ACC socado comer
 ‘Eu estou comendo o milho pilado.’

Pelos exemplos arrolados acima, nota-se que o caso nominativo é atribuído sempre que um verbo transitivo de ação se encontra no aspecto imperfectivo e na forma finita. Uma possibilidade é a de que o acionamento do caso ergativo esteja diretamente relacionado ao fato de que a interpretação que

se apura, quando esse caso ocorre, é a de que o evento foi realizado e completado. Nesse caso, a interpretação agentiva fica mais evidente quando se compara quando o traço aspectual é imperfectivo, em que a agentividade do sujeito ainda não se completou. O ergativo está diretamente relacionado a um agente efetivo, enquanto o nominativo marca agentes que ainda não efetivaram sua ação. Daí, nessa língua, essa distinção semântica ser codificada pela oposição entre o caso ergativo *versus* o caso nominativo.

Em suma, tendo em conta os dados mostrados até aqui, nota-se que o Pykobjê opera com um sistema de marcação diferencial de sujeito de verbos transitivos, já que este argumento pode receber até três Casos, a saber: o dativo, o ergativo e o nominativo.

Acompanhando então as propostas teóricas assumidas nesta tese, consideramos que tanto parâmetros morfossintáticos quanto semânticos, tais como as noções de tempo e aspecto, são responsáveis pelo engatilhamento do sistema de marcação diferencial de sujeito em Pykobjê. Neste sistema, o sujeito pode receber os casos nominativo, ergativo e dativo.

A estabilidade/instabilidade temporal regula essa alternância, a qual pode ser caracterizada como aspecto-temporal. Ou seja, sempre que um verbo transitivo estiver no aspecto perfectivo (=estabilidade temporal), o sujeito recebe Caso ergativo. Todavia, se verbo estiver no aspecto imperfectivo (=instabilidade

temporal), então o sujeito recebe Caso nominativo. Por sua vez, se o verbo for de estado físico/psicológico, o sujeito recebe Caso dativo. A seguir, continuamos a discussão sobre DSM em sujeitos intransitivos.

5.3.2 DSM em orações intransitivas

Sujeitos de verbos intransitivos podem receber até três Casos, a saber: dativo, acusativo e nominativo. De forma semelhante aos sujeitos de verbos transitivos de estado psicológico, sujeito de verbos intransitivos também podem receber o Caso dativo, conforme os exemplos a seguir:

(77) *ẽj-mỹ cry*
 1-DAT sentir.frio
 ‘Eu estou com frio.’

(78) *qui ha me a'crajre mỹ pa*
 EX:3 IRR PL criança DAT sentir.medo
 ‘As crianças vão ficar com medo’.

Pelos exemplos acima, nota-se que o caso dativo marca sujeitos com o papel temático de experienciador/beneficiário/afetado, realizando Caso inerente de um verbo intransitivo de estado físico/psicológico. Já em relação ao caso acusativo, adotaremos o essencial da proposta de Duarte (2022), conforme a qual tanto sujeitos de verbos *inacusativos* quanto de verbos *inergativos* recebem caso acusativo (absolutivo). Comparem-se mostram os dados abaixo:

- (79) *ø-hērot*
 3ABS-estar.cansado
 ‘Ela está cansada.’
- (80) *aajoo-ø jērot*
 aajoo-ABS estar.cansado
 ‘Aajoo está cansado.’
- (81) *ry'mỹ ø-jaap̃yn*
 ASP:já 1ABS-alimentar.se+NF
 ‘Eu já comi.’
- (82) *aawar-ø jōt*
 aawar-ABS dormir+NF
 ‘Aawar dormiu.’

Os exemplos (79) e (80) acima são de verbos intransitivos *inacusativos*, os quais atribuem o Caso acusativo a seus sujeitos. Já os exemplos (81) e (82) são de verbos intransitivos *inergativos* no aspecto perfectivo. Verbos desse tipo apresentam uma cisão aspecto temporal, pois quando se encontram no aspecto perfectivo (=estabilidade temporal), atribuem ao sujeito o Caso acusativo. Mas se estiverem no aspecto imperfectivo (=instabilidade temporal), atribuem ao sujeito o Caso nominativo, evidenciado pelos exemplos a seguir:

- (83) *cormỹ wa-ø aap̃yy*
 ASP:ainda eu-NOM alimentar.se
 ‘Eu ainda estou comendo.’
- (84) *aawar-ø ngōr*
 aawar-NOM dormir
 ‘Aawar está dormindo.’

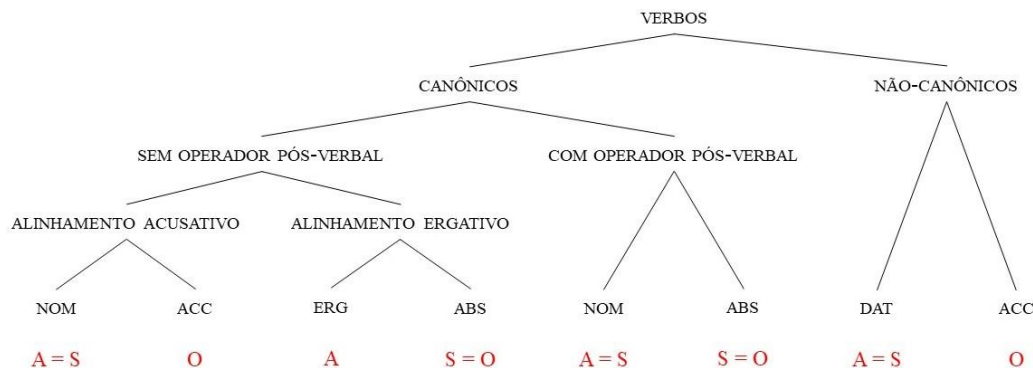
A análise da marcação diferencial do sujeito de verbos intransitivos mostra que parâmetros morfossintáticos e semânticos de tempo e aspecto também são responsáveis pelo engatilhamento desse sistema. Em suma, o sistema DSM em sujeito de verbos intransitivos difere um pouco do sistema DSM dos sujeitos transitivos, visto que aqueles vêm marcados com o caso nominativo, com o caso acusativo ou com o caso dativo. Já os sujeitos de verbos transitivos vêm marcados com o caso ergativo, o caso nominativo e o caso dativo. Em síntese, verifica-se uma distribuição complementar entre sujeitos nominativo, acusativos, ergativos e dativos, a qual é regulada pela transitividade do verbo; o aspecto; e a natureza semântica do predicado.

A próxima seção tem por objetivo apresentar a proposta teórica sobre como funciona o sistema de marcação diferencial do sujeito em Pykobjê.

5.3.3 Proposta teórica

Tomando por base o sistema de marcação diferencial de sujeito investigado nas seções anteriores, propomos a seguinte formalização de como se dá a distribuição do sistema quadripartido de Caso diferencial na língua Pykobjê:

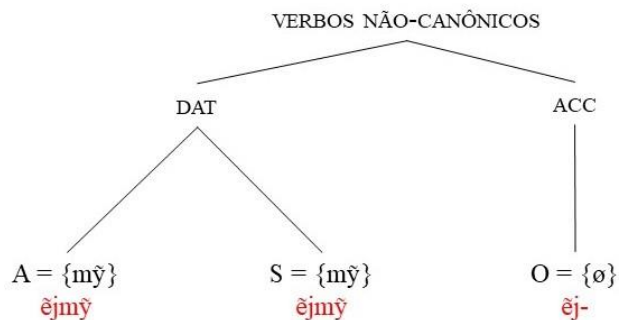
Figura 5.2: sistema de alinhamentos de Caso em Pykobjê



Fonte: autor deste trabalho.

A representação acima tem por objetivo mostrar como a língua Pykobjê organiza seus alinhamentos de Caso. Essa organização resulta em um complexo sistema de marcação diferencial de sujeitos, visto que se observam três distribuições complementares. A primeira delas é que verbos não-canônicos (estado físico/psicológico) atribuem ao sujeito Caso dativo, ao passo que verbos canônicos podem atribuir os Casos nominativo, acusativo/absolutivo e ergativo. A segunda diz respeito à presença de operadores pós-verbais, que engatilham o alinhamento nominativo-absolutivo. A terceira distribuição diz respeito à alternância entre o alinhamento acusativo e o alinhamento ergativo, a depender do aspecto e da semântica do verbo do verbo. Na representação abaixo, observa-se a realização morfológica de sujeitos pronominais de primeira pessoa no alinhamento dativo:

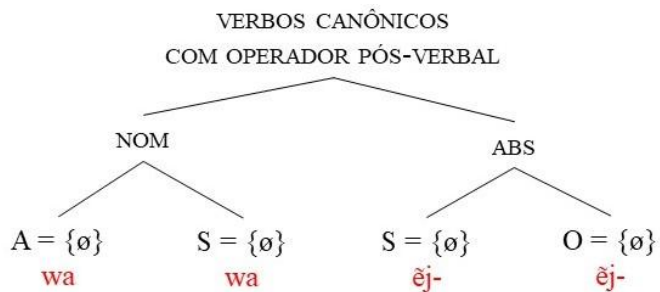
Figura 5.3: detalhe do alinhamento dativo



Fonte: autor deste trabalho.

Já a representação a seguir ilustra a realização morfológica de sujeitos pronominais de primeira pessoa no alinhamento nominativo-absolutivo:

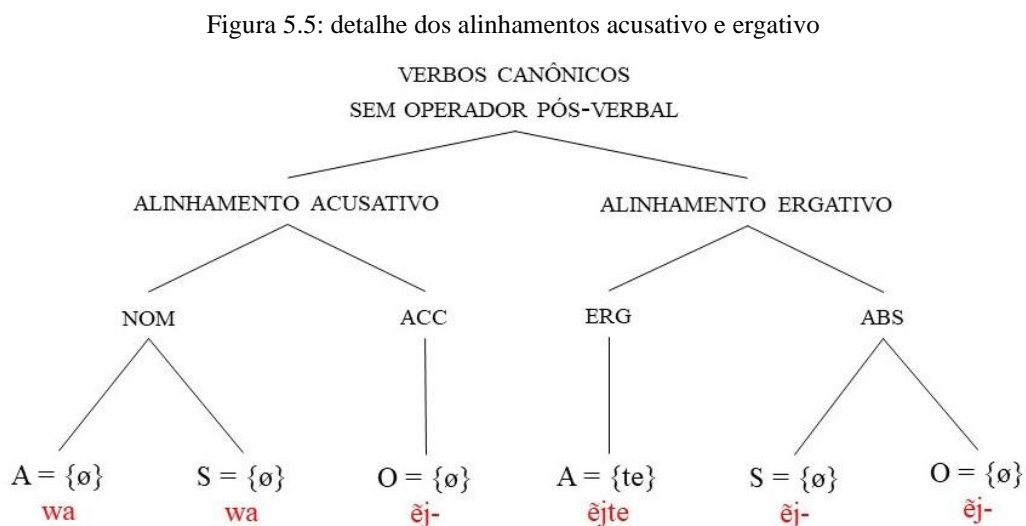
Figura 5.4: detalhe do alinhamento nominativo-absolutivo



Fonte: autor deste trabalho.

Note-se que o alinhamento ilustrado na formulação acima se diferencia dos outros porque seu argumento S possui realização obrigatória de pronome

livre e pronome preso, quando se tratar de argumento pronominal. Se se tratar de um DP pleno, então deve deixar uma marca de concordância no verbo. Na representação abaixo, detalhamos as realizações morfológicas para argumentos de primeira pessoa nos alinhamentos acusativo e ergativo:



Fonte: autor deste trabalho.

Após a apresentação das restrições que regulam a marcação diferencial de argumentos nucleares, interessa-nos discutir se há ou não a ocorrência do fenômeno da ergatividade sintática em Pykobjê.

5.4 ERGATIVIDADE SINTÁTICA

Na seção sobre alinhamentos morfossintáticos, apresentamos a Ergatividade cindida em Pykobjê. Esse fenômeno é bastante conhecido na literatura sobre línguas Jê, mas trata-se da Ergatividade que pode ser chamada de *intra-oracional* ou morfológica, uma vez que lida diretamente com o relacionamento dos argumentos nucleares com o verbo, ou seja, dentro de uma oração.

Um segundo tipo de Ergatividade investigada por Dixon (1994) diz respeito ao alinhamento dos argumentos S e O em oposição a A em duas ou mais orações coordenadas. A esse fenômeno o autor dá o nome de Ergatividade sintática ou *inter-oracional*. Sua investigação teve como base o Dyirbal, língua em que, conforme o autor, duas orações só podem ser coordenadas se tiverem em comum um DP que esteja na função S ou O em cada oração (Dixon, 1994, p. 143). Quando isso ocorrer, o DP da segunda oração pode ser omitido. Nesta seção, propomos que uma situação parecida ocorre em Pykobjê e que esta língua apresenta um caso interessante de Ergatividade sintática cindida.

Na seção sobre coordenação e *switch-reference* em línguas Timbira, mostramos que há duas conjunções principais em Pykobjê que podem alternar ao fazer a correferenciação do sujeito de uma oração encaixada com o sujeito da oração principal, quais sejam, as conjunções **ne** e **mỹ**. Observe a seguir:

	A	O	V		S+V
(85a)	<i>aajoo te</i>	<i>quẽnpo</i>	<i>popon</i>	ne	<i>ø-cator</i>
	aajoo ERG	quẽnpo	ver+NF	CONJ	3-sair+NF

‘Aajoo viu Quenpoo e saiu.’

(85b)	<i>jõm</i>	<i>mỹ</i>	<i>ø-cator?</i>
	alguém	FOC	PR-sair+NF

aajoo
aajoo
 ‘Quem que saiu? Aajoo.’

	A	O	V		S+V
(86a)	<i>aajoo te</i>	<i>quẽnpo</i>	<i>popon</i>	mỹ	<i>ø-cator</i>
	aajoo ERG	quẽnpo	ver+NF	CONJ	3-sair+NF

‘Aajoo viu Quẽnpoo e este saiu.’

(86b)	<i>jõm</i>	<i>mỹ</i>	<i>ø-cator?</i>
	alguém	FOC	PR-sair+NF

quẽnpo
quẽnpo
 ‘Quem que saiu? Quẽnpoo.’

Ao analisarmos os exemplos acima, logo notamos que a única diferença morfológica entre eles é o uso da conjunção coordenando as duas orações. Mas o sentido principal muda de forma considerável, uma vez que em (85a) o sujeito possui o mesmo referente nas duas orações, ou seja, ‘quem viu’ foi também ‘quem saiu’. Já em (86a) o sujeito da segunda oração não é o mesmo da oração principal, mas seu objeto.

Com isso, propomos que a conjunção **ne** serve ao propósito de alinhar os argumentos A e S como um pivô sintático em orações coordenadas. Por sua vez,

a conjunção **mỹ** alinha os argumentos S e O como um pivô sintático em orações coordenadas. Nesse sentido, assumimos que a língua Pykobjê apresenta um caso interessante de Ergatividade sintática cindida. Essa cisão é regulada diretamente pelo uso da conjunção que deve coordenar duas ou mais orações, o que se percebe novamente nos dados abaixo:

- | | | | | | | |
|------|--|-----------|------------|--------------|-----------|-------------------|
| | A | | O | V | | S+V |
| (87) | <i>quẽnpo</i> | <i>te</i> | <i>rop</i> | <i>popon</i> | <i>ne</i> | <i>ẽm-peecraa</i> |
| | quẽnpo | ERG | onça | ver+NF | CONJ | 3-assustar-se+NF |
| | 'Quẽnpo viu a onça e se assustou.' | | | | | |
| | A | | O | V | | S+V |
| (88) | <i>quẽnpo</i> | <i>te</i> | <i>rop</i> | <i>popon</i> | <i>mỹ</i> | <i>ẽm-peecraa</i> |
| | quẽnpo | ERG | onça | ver+NF | CONJ | 3-assustar-se+NF |
| | 'Quẽnpo viu a onça e ela se assustou.' | | | | | |
| | A | | O | V | | S+V |
| (89) | <i>quẽnpo</i> | <i>te</i> | <i>rop</i> | <i>popon</i> | <i>ne</i> | <i>h-arxaar</i> |
| | quẽnpo | ERG | onça | ver+NF | CONJ | 3-correr+NF |
| | 'Quẽnpo viu a onça e correu.' | | | | | |
| | A | | O | V | | S+V |
| (90) | <i>quẽnpo</i> | <i>te</i> | <i>rop</i> | <i>popon</i> | <i>mỹ</i> | <i>h-arxaar</i> |
| | quẽnpo | ERG | onça | ver+NF | CONJ | 3-correr+NF |
| | 'Quẽnpo viu a onça e ela correu.' | | | | | |

Os exemplos acima corroboram nossa hipótese segundo a qual a conjunção **ne** serve ao propósito de alinhar os argumentos S e A em oposição a O, enquanto a conjunção **mỹ** serve ao propósito de alinhar os argumentos S e O em oposição a A. Isso significa dizer que a conjunção **ne** opera por meio de um pivô sintático S/A, ao passo que a conjunção **mỹ** opera por meio de um pivô

sintático S/O. Em suma, o Pykobjê apresenta tanto Ergatividade sintática quanto Acusatividade sintática, e essa alternância é relevante porque retoma o pivô sintático nas orações coordenadas, o qual é regulado por meio do uso da conjunção.

Para finalizar esta seção, gostaríamos de mostrar ainda que a conjunção **mỹ** não pode retomar qualquer argumento O da oração principal e transformá-lo em argumento S da oração encaixada. Analisem-se os exemplos a seguir:

	A		O		V		S+V
(91)	<i>quẽnpo</i>	<i>te</i>	<i>ẽ'-camter</i>		<i>comrỹ</i>	<i>ne</i>	<i>ø-wyr</i>
	quẽnpo	ERG	3-filho		banharTRANS	CONJ	3-banhar+NF
	'Quẽnpo banhou seu filho e se banhou.'						

	A		O		V		S+V
(92)	<i>*quẽnpo</i>	<i>te</i>	<i>ẽ'-camter</i>		<i>comrỹ</i>	<i>mỹ</i>	<i>ø-wyr</i>
	quẽnpo	ERG	3-filho		banharTRANS	CONJ	3-banhar+NF
	'Quẽnpo banhou seu filho e este se banhou.'						

A restrição acima ocorre porque o argumento O da oração principal não possui agentividade suficiente para banhar a si mesmo (o verbo *comrỹ* pode ser traduzido tanto como 'banhar alguém' quanto 'lavar alguém'), o que torna a oração agramatical. Ou seja, nem sempre a alternância entre as conjunções **ne** e **mỹ** ocorrerá de forma plena, o que não prejudica o entendimento de que o Pykobjê apresenta o fenômeno descrito por Dixon (1994) como Ergatividade sintática, ainda que esta ocorra de forma cindida. Investigações futuras com outros tipos de orações complexas devem aprofundar nosso entendimento sobre

esse fenômeno em línguas Timbira e línguas da família Jê. Na próxima seção, apresentamos os principais resultados obtidos neste capítulo.

5.5 RESUMO DO CAPÍTULO

Neste capítulo, descrevemos o sistema de alinhamento de Caso da língua Pykobjê e analisamos seu complexo sistema de marcação diferencial de sujeitos. Propomos que a língua opera com quatro alinhamentos morfossintáticos, quais sejam:

- nominativo-acusativo;
- ergativo-absolutivo;
- nominativo-absolutivo;
- dativo-acusativo.

Investigamos ainda os parâmetros sintático-semânticos que engatilham a diferentes marcas de Caso na língua. Em seguida, analisamos orações coordenadas com o objetivo de propor que o Pykobjê apresenta o fenômeno descrito por Dixon (1994) como Ergatividade sintática. Mostramos que, assim como a Ergatividade morfológica, trata-se de um sistema cindido, e essa cisão é regulada pela conjunção que coordena as orações. O próximo capítulo é reservado para as considerações finais.

CAPÍTULO 6

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Além da introdução e deste capítulo com considerações finais, esta tese se dividiu em três capítulos. Cada um desses capítulos possuiu um objetivo específico, a fim de contribuir para que se alcançassem os dois objetivos gerais da pesquisa, quais sejam: (i) descrever aspectos da gramática da língua Pykobjê, e (ii) investigar seu sistema de Caso, analisando seu sistema de marcação diferencial do sujeito.

No capítulo 2, o objetivo foi estabelecer o contexto social em que se encontram o povo Gavião do Maranhão, ou *pyhcop cati ji*, e a língua Pykobjê, ou *pycop cati ji jarcwaa*. Para tanto, descrevemos o histórico dos diversos povos que fazem ou fizeram parte do grupo Timbira, desde os primeiros contatos até a atualidade. Em um segundo momento, descrevemos a constituição do tronco linguístico Macro-Jê e da família Jê, da qual fazem parte o complexo Timbira e a língua Pykobjê.

No capítulo 3, o objetivo foi descrever o aporte teórico que orientou esta pesquisa. Ao analisar línguas de diferentes filiações genéticas com situações sintáticas semelhantes às aquelas encontradas em Pykobjê, foi possível obter uma base teórica sólida para a análise proposta neste trabalho.

No capítulo 4, descrevemos e analisamos diversos aspectos gramaticais da língua Pykobjê, sempre levando em consideração análises anteriores sobre o próprio Pykobjê e sobre outras línguas Timbira. Dentre os aspectos descritos, destacamos a morfologia verbal e seus elementos contíguos, o argumento dativo, bem como outros aspectos da estrutura da oração.

No capítulo 5, o objetivo foi descrever o sistema de alinhamentos de Caso da língua, analisando seu sistema de marcação diferencial do sujeito. Propomos no capítulo que o sistema de alinhamento do Pykobjê organiza seus verbos transitivos de ação em quatro alinhamentos morfossintáticos, quais sejam: nominativo-acusativo, ergativo-absolutivo, nominativo-absolutivo e dativo-acusativo. Os argumentos nucleares podem receber até quatro casos, quais sejam: nominativo, ergativo, dativo e acusativo.

Acreditamos que o trabalho cumpre seus objetivos, sabendo-se que uma investigação linguística não apenas deixa diversas lacunas, como nunca está completa. Isso ocorre porque as línguas estão em constante evolução, especialmente porque codificam culturas que estão mudando rapidamente em um mundo cada vez mais globalizado. Por esse motivo, trabalhos cujo objetivo seja preservar línguas minoritárias são urgentes, e esta pesquisa se insere em propostas desse tipo.

REFERÊNCIAS

- ABREU, P. S. R. *Diversidade linguística brasileira, as Línguas Páno e suas características ergativas*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.
- AMADO, R. de S. A grafia uniformizada: uma conquista dos povos Timbira. *Linha D'Água*, n. 17, p. 65-73, 2004a.
- AMADO, R. de S. *Aspectos morfofonológicos do Gavião-Pykobjê*. 2004. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004b.
- BARROS, M. da S. Intransitividade cindida em línguas Jê Setentrionais. 2019. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2019.
- BUTT, M. The Dative-Ergative Connection. In.: BRANDNER et al. *Empirical Issues in Formal Syntax and Semantics*, 2006a.
- BUTT, M. *Theories of Case*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006b.
- BUTT, M; KING, T. H. Semantic Case in Urdu. In.: DOBRIN, L. et alii. (eds.), *Papers from the 27th Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society*, pp. 31-45, 1991.
- BUTT, M; KING, T. H. Case Systems: beyond structural distinctions. In.: BRANDNER, E; ZINSMEISTER, H. (eds.) *New Perspectives on Case Theory*, pp. 53-87. Stanford: CSLI Publications, 2003.
- BUTT, M; KING, T. H. The status of Case. In.: DAYAL, V; MAHAJAN, A. (eds.), *Clause Structure in South Asian Languages*, pp. 153-198. Berlin: Springer Verlag, 2005.
- CABRAL, A. S. A. C., RODRIGUES, A. D., COSTA, L. S. da. Notas sobre Ergatividade em Xikrín. *LIAMES*. Campinas (SP), v. 4, n. 1, p. 21-28, 2004.
- CAMPOS, C. S. de O. Morfofonêmica e morfossintaxe do Maxakalí. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

CASTRO ALVES, F. de. Evolution of Alignment in Timbira. *International Journal of American Linguistics*, v. 76, n. 4, p. 439-475, out. 2010.

CASTRO ALVES, F. de. *O Timbira falado pelos Canela-Apaniekrá: uma contribuição aos estudos da morfossintaxe de uma língua Jê*. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

COMRIE, Bernard. *Language Universals and Linguistic Typology: syntax and morphology*. 2º ed. Oxford: Basil Blackwell, 1989.

DICIONÁRIO ILUSTRADO TUPI GUARANI. 2022. Disponível em <<https://www.dicionariotupiguarani.com.br/dicionario/macro-je/>>. Acesso em 16 fev. 2022.

DIXON, R. M. W. *Ergativity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

DUARTE, F. B. Ergatividade e sistemas de alinhamentos em línguas indígenas. Campinas (SP): Mercado de Letras, 2022.

DUARTE, F. B. Fonte de valoração do Caso ergativo e do Caso absolutivo em línguas indígenas brasileiras. *Linguística*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 111-135, dez. 2008.

DUARTE, F. B. O que difere uma língua ergativa de uma língua nominativa? *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, vol. 20, n. 2, p. 269-308, jul./dez. 2012.

FERRAZ, I. *Gavião Parkatejê*. 2000. Disponível em <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Gavi%C3%A3o_Parkat%C3%AAj%C3%AA>. Acesso em 16 fev. 2022.

FERREIRA, M. N. O. *Estudo morfossintático da língua Parkatejê*. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Caminas, Campinas, 2003.

FILLMORE, Charles J. The Case for Case. In.: BACH, Emmon; HARMS, Robert T. (Orgs.). *Universals of Linguistic Theory*. New York: Holt, Rinehart and Winston. 1968. pp. 1–88.

Gildea, Spike.; Castro Alves, Flávia de (2020). Reconstructing the Source of Nominative-Absolutive Alignment in Two Amazonian Language Families. In: Barthdal, J.; Gildea, S.; Luján, E. R. (eds.). *Reconstructing Syntax*. Brill. Leiden; Boston.

HOLISKY, D. A. The Case of the Intransitive Subject in Tsova-Tush (Batsbi). In.: *Lingua*. Amsterdam: North-Holland Publishing Company, vol. 71, pp. 103-132, 1987.

KLAIMAN, M. H. Bengali Dative Subjects. In.: *Lingua*. Amsterdam: NorthHolland Publishing Company, vol. 51, pp. 275-295, 1980.

LEA, V. Problematizando a classificação das línguas Jê Setentrionais e o rótulo Timbira. In.: BRAGGIO, S. L. B.; SOUZA FILHO, S. M. de (orgs.). *Línguas e Culturas Macro-Jê*, Goiânia: Gráfica e Editora Vieira, 2009, p. 213-230.

MCGINNIS, M. Applicatives. *Language and Linguistics Compass*, Hoboken (EUA), v. 2, n. 6, p. 1225-1245, nov. 2008. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1749-818X.2008.00078.x>. Acesso em: 7 jul. 2021.

MELATTI, J. C. *Timbira*. 1999. Disponível em <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Timbira>>. Acesso em 28 out. 2018.

MELO, M. H. F. de. O Nome e a Pele – nominalização e decoração corporal Gavião (Amazônia maranhense). 2017. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2017.

MIRANDA, M. G. As nominalizações na sintaxe da língua Krahô (Jê). 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

MONTEIRO, J. M. Tupis, Tapuias e Historiadores: estudo de história indígena e do indigenismo. Tese (Livre Docência em Etnologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

- NIKULIN, Andrey. *Proto-Macro-Jê: um estudo reconstrutivo*. 2020. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2020.
- NIMUENDAJÚ, C. *The Eastern Timbira*. University of California Publications in American Archaeology and Ethnology, vol. XLI, Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1946.
- PRIES, S. T. *Dicionário Gavião-Krikati*. Mimeo, 2008.
- RAMIREZ, H.; VEGINI, V.; FRANÇA, M. C. V. Koropó, puri, kamakã e outras línguas do Leste brasileiro: revisão e proposta de nova classificação. *LIAMES*, Campinas, v. 15, n. 2, p. 223-277, jul./dez. 2015.
- RIBEIRO-SILVA, N. *Pronomes em Parkatejê: a expressão da terceira pessoa*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.
- RODRIGUES, A. D. A case of affinity among Tupí, Karíb, and Macro-Jê. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, Brasília, v. 1, n. 1, p. 139–167, 2009.
- RODRIGUES, A. D. Macro-Jê. In: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, Alexandra Y. (Orgs.) *The Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 165-206.
- SÁ, R. M. de. *Análise fonológica preliminar no Pykobjê*. 1999. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.
- SANTOS, J. H. *Marcação diferencial do sujeito em línguas do grupo Timbira*. 2018. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.
- SANTOS, J. H.; DUARTE, F. B. *Marcação diferencial do sujeito em línguas do grupo Timbira*. *Revista Letras*. Curitiba, n. 101, p. 71-94, jan./jun. 2020.
- SILVA, T. R. *Descrição e análise morfossintática do nome e do verbo em Pykobjê-Gavião (Timbira)*. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua

Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

SILVA, T. R. da. *Tempo, aspecto e modalidade em Pykobjê-Gavião (Timbira): a linguística m discussão*. 2017. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

STOUT, M. E. Ku-verb phenomena in Kayapó. *Arquivo Linguístico*, Brasília, n. 125, 1975.

URBAN, G. Ergativity and accusativity in Shokleng (Gê). *International Journal of American Linguistics*, Chicago, v. 51, n. 2, p. 164–187, abr. 1985.

WOOLFORD, E. Lexical Case, Inherent Case, and Argument Structure. *Linguistic Inquiry*. Cambridge: MIT Press, vol. 37, nº 1, winter 2006.